

Diário de Lisboa

ANO 65 N. 21434 Quinta-feira 7 de Novembro de 1985 Preço 40\$00

O pensamento político de Fernando Pessoa no "Ler Escrever"

Procurador da República contra dirigentes dos clubes

Impedir relatos de futebol pode dar 2 anos de prisão

Um parecer da Procuradoria-Geral da República agora divulgado pelo Sindicato dos Jornalistas vem introduzir um elemento novo no que se refere à proibição do acesso dos jornalistas em serviço aos recintos desportivos. Esse parecer, já homologado por Eduardo Pereira e Miranda Calha, prevê, entre outras sanções, penas de prisão quando houver violência para impedir os jornalistas de cobrirem as manifestações desportivas para que foram destacados. A importância deste documento ressalta do recente diferendo entre o Sporting e a RTP, na sequência de uma reportagem sobre os terrenos do clube e a sua cedência para instalações do Metro. Por outro lado, assinala-se que os jornalistas da RTP, ontem reunidos em plenário, anunciaram a sua disposição de tudo fazerem para levar João Rocha à barra do tribunal.

Pág. 24



Venâncio (3) faz o golo: um mar de abraços já o cerca e Sousa corre para não perder oportunidade de felicitar quem carrilara a fortuna para Alvalade

Futebol:

taças europeias

FC Porto:

eliminado com dignidade

Benfica

e Sporting:

honra na

continuidade

Págs. 15 a 17

Contestação é "chicana jurídica"

APU reafirma legalidade das listas para autárquicas

Pág. 9

Tentativa de golpe de Estado abortada



Vice-presidente da Guiné-Bissau mandado prender por Nino Vieira

A prisão do vice-presidente do Conselho de Estado da Guiné-Bissau, Paulo Correia, ontem ocorrida, foi justificada pelo Bureau Político do Comité Central do PAIGC «por

razões políticas e em virtude do seu envolvimento em actividades atentatórias da segurança e estabilidade do Estado».

Págs. centrais

Portugueses de França

A face escondida da imigração

Robert Solé

Exclusivo «Le Monde»/«DL»

À força de falar dos magrebinos, acabámos por esquecer que os portugueses constituem a comunidade estrangeira mais numerosa de França (umas oitocentas e cinquenta mil pessoas). Mesmo a adesão do seu país ao Mercado Comum no passado dia 12 de Junho não fez sair da sombra estes europeus do Sul, muito discretos que não alimentam a crónica da delinquência, nem a da xenofobia, e parecem ausentes de todos os debates sobre a imigração.

Passam por trabalhadores calorosos, sem histórias... Bons imigrantes... em suma, tal como os asiáticos. No entanto, nenhuma comunidade estrangeira foi tão exigente como esta. Os portugueses de França (que contam umas mil associações) há anos que se batem com virulência para defender a sua língua, a sua cultura e os seus direitos sociais. Mas, curiosamente, essa comunidade tão dinâmica não tem casas suas. Onde estão os seus bares e os seus restaurantes? Onde se escondem os seus chefes de fila, os seus militantes, os seus intelectuais, os seus artistas? À parte Linda de Suza e a sua **Valise en carton** é, aparentemente, o deserto.

A discreção dos portugueses explica-se em parte pela visibilidade dos magrebinos. A má imagem destes últimos, beneficia-os a eles a **contrário**. Se os argelinos, os marroquinos e os tunisinos são assimilados à delinquência, os compatriotas de Linda de Suza incamam, pelo contrário, a protecção contra os perigos externos, com as suas numerosas porteiras portuguesas fazendo gentilmente a lei no seu prédio. Os ex-camponeses da Beira Baixa ou do Alentejo estariam associados, na consciência colectiva, a uma França rural e segura, ligada a recordações de infância? Em todo o caso não sofrem de xenofobia mas simplesmente da atitude de superioridade dos franceses.

Uma agressividade para uso interno

A discreção desses «bons

imigrantes» e a sua coexistência mais do que pacífica com a sociedade que os acolhe, tem, pelo menos, explicações.

Primeiro, a comunidade portuguesa pôde organizar a inserção dos seus membros, graças a uma homogeneidade excepcional. Estes trabalhadores imigrantes que provêm da mesma zona de Portugal (o Norte e o Centro), agruparam-se nos mesmos sectores urbanos de França (sobretudo a região parisiense). Chegadas em massa entre 1962 e 1975, de maneira legal ou clandestina, bem depressa mandavam vir as famílias. Aldeias inteiras recriaram-se em França. Assim seis mil habitantes de Leiria encontraram-se em Saint-Maur-des-Faoussés... A passagem brutal do campo português para a cidade francesa teria podido ser dramática. Foi, no entanto, atenuada por uma «saborosa migração» dos portugueses, devida a uma longa tradição de expatriação na América, na Europa e em África. As mães de família, em especial, trataram da vida de um modo notável, organizando entre si a guarda das crianças, para poderem trabalhar como mulheres a dias.

Segundo trunfo: o acolhimento do clero católico francês. Empenhada nas colónias de África, a Igreja católica não dispunha de padres suficientes para acompanhar os imigrantes em Paris, em Lyon ou em Lille. Não se constituíram portanto

paróquias portuguesas em França. Os imigrantes misturaram-se com as comunidades católicas locais distinguindo-se por uma prática e uma devoção superiores à média. A diocese do Créteil (Val-de-Marne) tem hoje oitenta mil portugueses maioritários em numerosas paróquias.

Terceiro factor positivo: nenhum passado colonial envenenou as relações entre os franceses e os imigrantes portugueses. Por outro lado, estes últimos não são politizados. Ao chegar a França tinham atrás de si quarenta anos de ditadura sem tradição de luta: essa emigração não provinha, com efeito, das zonas de resistência operária como o Porto, mas de aldeias conservadoras. No momento dos adeus, antes de abençoar os que partiam, o bispo tratava de os pôr em guarda contra o comunismo em França. Ainda hoje, muito poucos destes imigrantes são sindicalizados (ao contrário dos espanhóis). A sua participação política é limitada ao seu próprio país, mesmo desde a revolução dos cravos: nas eleições legislativas de 6 de Outubro passado só votaram menos de doze mil imigrantes de França.

As associações portuguesas nunca preocuparam o governo francês. Elas só tinham uma finalidade cultural ou desportiva e eram apadrinhadas pela Igreja de França. As suas reivindicações eram sobretudo dirigidas às autoridades de Lisboa e não às de Paris. Hoje, tal como no tempo de Salazar, o seu verdadeiro alvo é o governo português. Consideram que é ele que deve defender os direitos sociais dos imigrantes em França ou promover o ensino do português. «Descarregamos a nossa agressividade entre nós ou no nosso próprio governo», diz Manuel Dias, animador de associações.

Mil equipas de futebol

A floração das associações

portuguesas foi espectacular:

vinte e três em 1971, uma centena em 1975, quase oitocentas em 1982, e hoje à volta de mil. Nenhuma outra comunidade estrangeira «produziu» tantas associações. Muitas delas parecem-se com casas de jovens e da cultura com actividades de teatro ou danças folclóricas. Juntam-se a elas quatrocentos clubes de futebol português em França — cada um deles com duas ou três equipas — cursos de língua, grupos de catecismo, rádios livres... Em suma, uma verdadeira rede.

O movimento associativo, sublinha Manuel Dias, permite aos imigrantes portugueses resistir tão bem à marginalização como à assimilação. Recriou-se a aldeia natal, vive-se à portuguesa, mas numa lógica de inserção. É a ilustração da ambivalência que sempre caracterizou a relação dos portugueses com a universidade: Este desejo insuperável de se abrir aos outros para melhor se meter em si próprio (1).

Mas muitos jovens imigrantes discordam destas instâncias comunitárias, e até da própria língua e cultura portuguesas. Colocados entre duas sociedades, eles não sabem muito bem para onde se voltar como o mostram as suas contínuas idas e vindas entre a França e Portugal. Atravessam os Pirenéus por dá-cá-aquela-palha, espécie de recurso ritual que se parece com uma não-escolha.

Durante muito tempo os imigrantes que pediam a nacionalidade francesa sentiam-se culpados de trair o seu país. Isto mudou bastante desde a votação, em Lisboa, a 3 de Outubro de 1981, de uma lei sobre a dupla nacionalidade. Tornar-se francês já não é um pecado. A entrada de Portugal no Mercado Comum deverá acentuar essa desculpabilização.

(1) João Fatela, O sprit, Junho de 1985



Aníbal, 18 anos estudante

“Encaro a tomada de posse do Governo com confiança”

- O que estuda?
- Estou no 12.º ano da área de Gestão de Empresas.
- Porque escolheu esse curso?
- Esta é uma área para a qual me sinto vocacionado.
- Estava informado sobre o curso, antes de fazer a sua opção?
- Sim, estava, já tinha lido algumas coisas sobre o assunto e tentei informar-me o melhor possível.
- Procurou informar-se no seu estabelecimento de ensino?
- No próprio liceu não.
- Está a par das possibilidades de emprego dentro dessa área?
- Apesar disto estar mal para todos, mesmo para as pessoas formadas, quando fiz esta escolha pensei também na possibilidade de futuro emprego.
- Qual a sua opinião sobre a dificuldade de entrada nas universidades?
- O que eu vejo é que não está nada fácil, cada vez a situação é mais difícil e as formas de acesso mudam de ano para ano numa tentativa de restringir ainda mais as entradas, e o pior é que não vejo hipóteses de melhoria.
- Como ocupa os tempos livres?
- Falo com os amigos, ouço música ou leio.
- Quais as suas preferências literárias?
- Gosto sobretudo de livros de ficção científica e de jornais, desde diários a desportivos.
- Está a par da tomada de posse do novo Governo?
- Sim, penso que é um renovar de esperanças, de que se venha a conseguir fazer aquilo que até agora não foi feito e que eles prometeram fazer. Encaro a tomada de posse do Governo com confiança, agora vamos ver.
- Em sua opinião que reflexos tem na vida política do País o facto deste governo ser minoritário?
- Penso que é mau, porque para a aprovação de uma lei tem que estar sempre dependente do apoio e concordância dos outros partidos.
- Qual o problema que gostaria que fosse resolvido em primeiro lugar?
- Precisamente a situação da entrada dos jovens nas universidades, bem como a questão do desemprego.
- Se pudesse governar o que começava por mudar?
- Talvez começasse por tentar acabar com a corrupção que existe a vários níveis, e tentava dar uma certa organização ao País, que bem precisa.
- Está a par do caso de contrabando conhecido como «Setúbal Connection»?
- Já ouvi falar, mas não estou bem a par.



Novo Governo, novas candidaturas

COM o ritual do costume o Presidente da República conferiu posse a um novo Governo. O décimo Governo Constitucional. O economista Aníbal Cavaco Silva chefia, como Primeiro-Ministro, uma equipa constituída por 13 ministros e 1 secretário de Estado. Este elenco governativo, relativamente encurtado a nível ministerial, vai ser engrossado com secretários de Estado em número ainda não definido. O Governo Cavaco Silva não atingirá, todavia, segundo foi anunciado, o gigantismo de governos precedentes.

Mas, como os leitores bem sabem, os Governos não se medem pelo número de ministros e secretários de Estado, medem-se pela prática política, pela capacidade administrativa, pelo conhecimento da realidade nacional, pela competência para resolver problemas, pelo trabalho, pela iniciativa, pelo rigor.

Disse, na cerimónia da posse, o Primeiro-Ministro que estava consciente das dificuldades para governar Portugal e dos desafios que Portugal terá que enfrentar. O Presidente da República disse que os portugueses querem «um Governo que governe». E nem o Presidente da República nem o Primeiro-Ministro se esqueceram de referir que o Governo que tomara posse era um Governo com apoio parlamentar minoritário. Nessa condição de «minoritário», o economista Cavaco Silva submeterá o programa do seu Governo à apreciação da Assembleia da República.

Não seria «excessivamente grave» essa situação se as próximas eleições presidenciais não constituíssem um factor determinante da nossa vida política. O entendimento do PSD com o CDS para apoiarem a candidatura do professor Diogo Freitas do Amaral à Presidência da República, se bem que não tenha assumido a forma de uma «aliança política», apresenta-se como uma conjugação de esforços numa perspectiva unitária de «direita». Daí que seja previsível que a

apreciação, em primeiro lugar do «programa do Governo», e depois dos «actos do Governo», esteja condicionada pela identificação do Governo com uma campanha presidencial. Não será, portanto, no quadro estrito da política de governo, mas na perspectiva da campanha eleitoral de um candidato à Presidência da República que haverá tendência para avaliar e julgar a prática política e administrativa do Governo Cavaco Silva.

Que o seu Governo se não cingirá aos interesses partidários, que não será um «Governo do PSD», mas um «Governo de Portugal», garantiu Cavaco Silva. Contudo a dinâmica da batalha das eleições presidenciais vai reflectir-se na acção governativa. O Governo não se poderá eximir ao combate em que o PSD se vai irremediavelmente empenhar, nem ser indiferente às exigências e às solidariedades da «aliança eleitoral» com o CDS. O apoio do PSD à candidatura «suprapartidária» de Diogo Freitas do Amaral não deixará de se reflectir na vida do Governo, irá pesar nas ilusões de «social-democracia» que ornamentaram o discurso eleitoral de Cavaco Silva. A política da «coligação» para as eleições presidenciais encaminha naturalmente para uma «nova AD» e irá marcar de conservadorismo restauracionista a política do Governo. O PSD está a aproximar-se do movimento liberal europeu. E, por seu turno, devemos ter presente que o «liberalismo» de Freitas do Amaral não é só contrário ao «socialismo do PS», é contrário, igualmente à «social-democracia do PSD», ou, mais precisamente, de «algum PSD».

Nesta situação que, entre outros aspectos, se caracteriza pela circunstância de as eleições presidenciais constituírem um factor determinante, surgem novas candidaturas: uma já apresentada, a de Ângelo Veloso, outra referida como uma possibilidade, a de Francisco Salgado Zenha. E se a candidatura de Ângelo Veloso representa uma decisão táctica por parte do PCP, e vem acompanhada da afirmação esclarecedora de que nenhuma das correntes que se situam na oposição ao «projecto de reunificação da direita»

(«projecto» que reedita, nas condições actuais, a política de bipolarização de Francisco Sá Carneiro), poderá, só por si, eleger o Presidente da República; a candidatura de Francisco Salgado Zenha, novamente admitida como possível e até anunciada (por terceiros) como de iminente decisão, representa uma iniciativa estratégica que, a concretizar-se, poderá ter um largo alcance.

Se considerarmos a «maioria eleitoral de esquerda», para efeitos de eleições presidenciais, dividida em quatro sectores: a candidatura de Mário Soares, a candidatura de Maria de Lurdes Pintasilgo, a candidatura de Ângelo Veloso e a «zona eanista» atenta ao sinal de Eanes, não será exagerado concluir que, encerrado (!?) o lamentável «caso Costa Brás», haveria que encontrar um candidato para o qual pudessem, sem conflito e sem humilhação, convergir as diversas correntes eleitorais da Esquerda (e do «centro-esquerda»). O próprio Partido Socialista e o próprio candidato Mário Soares, se à **pessoa** sobrevalorizam o **projecto**, teriam no candidato Salgado Zenha o melhor instrumento político para a recuperação do lugar do partido na vida política portuguesa. Com efeito, não se vislumbra as áreas de crescimento, para além dos 20 por cento do PS, de que a candidatura de Mário Soares se poderá prevalecer. E, também, se afiguram de pouca elasticidade as áreas respectivas das candidaturas de Maria de Lurdes Pintasilgo e de Ângelo Veloso. Acrescentamos, ainda, que a candidatura de Costa Brás não foi um produto da imaginação do cidadão que uma manhã se considerou «disponível». Alguém considerou necessária essa «disponibilidade».

Os dados ainda não foram todos jogados. Mas o tempo começa a ser escasso. Há quem pense em Francisco Salgado Zenha como um candidato possível, um candidato da convergência democrática e da continuidade de Abril.

E Francisco Salgado Zenha? Que é que ele pensa?

A Rosa Púrpura do Cairo

Beja Santos

Bicho socialmente inofensivo, emocionou-me na intimidade com todas as hipóteses de ser temível, colunável, um Estrangulador de Boston do consumo.

Devo parte da minha personalidade ao estudo de vocábulos que orgulhosamente introduzi na nossa língua. Quanto aos estrangeirismos de facto, só conhecíamos necessidades inescapáveis do corpo, da alcova, da ocupação do dia: soutien, boudoir, matinée. Limitei-me a ir mais longe, pois que quando digo eu «taparuêro» isto quer dizer que meto os restos do jantar num recipiente de plástico, ou eu «luxo-me» isto quer dizer que a espuma cremosa do sabonete a infiltrar-se na derme dá a sugestão que mais tarde ou mais cedo me chamarão dos estúdios cinematográficos para ir contracenar com a Madonna.

Tudo quanto sou, devo-o ao feitiço da mercadoria e ao marketing que me sugere que goste das coisas. Parecendo que não, é preciso um grande equilíbrio entre o emissor e o receptor de modo a que se produza e consuma naquele estado de alma de mil sóis brilhantes. Assim, eu

compro, desbarato, renovo, troco, sorrio galhardamente para as montras, estou inteiramente do lado do Deus das Vendas.

Antes de me imaginar o Estrangulador de Boston do consumo, sofria algumas preocupações: a perspectiva da falta de dinheiro, a ameaça de uma constipação, o temor de um enfarte. Porém, soube um dia que tinha o estatuto de cidadão-consumidor, isto é, havia uma teoria a meu respeito quanto à decisão de compra, as motivações em marketing, a influência do grupo e da família etc. Em vez de me meter no cinema como a figura feminina de «A Rosa Púrpura do Cairo», escolhi um passatempo mais dúctil e empolgante: a visita diária ao shopping center (é uma barbaridade dizer centro comercial, rouba parte da evasão, aporтуguesa o paladar universal de uma modernidade incompreensível se não for soletrado como slip, kleenex, collant, jean, long play). Sou um pequeno-burguês que joga no seguro (fidelidade ao voto estável no consumo das mais amplas direcções).

Porém, o meu herói de modernidade intriga-me e amarga-me como mitologia de consumo. Não sei se me faço explicar, mas lembra-me um pouco as corridas da Fórmula Um. Sim, quem paga a abertura e a manutenção destes fabulosos shopping centers, oficinas religiosas do consumo luxuriante, ao preço a que está o m² de nicho ou escarpate para vídeos, vestuário sibirita, pechisque para guarda-loiça, se andam para aí a dizer que há crise no comércio? Sim, se há crise por que é que nos sentimos felizes com a Fórmula Um? A Fórmula Um ainda eu entendo. Primeiro, é a apoteose electrónica do nosso país, a possibilidade de transmitirmos para qualquer ponto do globo as imagens de um piloto feito tocha ou corpo carbonizado, uma derrapagem como em Nice, Monza e pistas assim. Segundo, os automóveis de corrida dão dinheiro, cresce o PNB, evoluem as relações públicas e turísticas, fala-se de cooperação internacional. Terceiro, o culto da velocidade, disfarce lúdico do poder dos fabricantes de máquinas, lubrificantes, pneus, cigarros e bebidas alcoólicas, a amplificação

da moral espectacular do nosso tempo, fala por si. Em suma, a Fórmula Um sem um gigantesco esbanjamento de hidrocarbonetos não é nada; a Fórmula Um é velocidade, e riqueza é também um estado de espírito (individual, nacional e transnacional) da fabricação da velocidade. Mas, que enigma se esconde nos bastidores dos shopping centers? Há anos atrás, o importante chamava-se super e hipermercado, a rentabilidade do espaço, a concentração da opulência, do néon, das novidades do consumo. Agora, as aparências pesam mais, até se podem fazer excursões a estas catedrais do consumo sem gastar dinheiro. Dá-se o passeio, conhece-se a moda, bisbilhoteia-se uma frivolidade, sempre fica alguma coisa para contar.

É como a síndrome de «A Rosa Púrpura do Cairo»: junto-me à multidão que se acotovelava nos jogos de espelhos, no feérico das luzes. Os shopping centers são labirintos de caça ao apetite consumista. A aparência embasbacada da mole humana, cobiçosa de esbanjar quimeras e tostões disponíveis, ilude os colocadores de traquitana a agra-

dar aos pesquisadores de pechinchas, aos gastadores compulsivos, a todos os transidos pelo espectáculo de fogo-presos de qualquer bazar.

A Cecília de «A Rosa Púrpura do Cairo» tinha, como eu, a enorme capacidade de suplantar desgostos, faltas de amor e de dinheiro mediante o embevecimento da pantalha, dos heróis, dos jogos de simulacro. Somos fenómenos da crise: buscamos a melhor sorte em novos produtos, a Cecília na fase de arranque do cinema sonoro, eu na fase de implantação do multiespaço shopping.

Entendamo-nos, porém, sobre o que é para mim o fascínio do multiespaço shopping. Numa época em que tudo parece ser transmitido para o exterior, totalizando a impúdica falta de segredos, as empresas e os empresários falam-nos simultaneamente de sumptuosidade e de falências. «A Rosa Púrpura do Cairo» era uma evasão contínua para a crise dos anos 30; os shopping centers envernizam a crise dos anos 80. Ambos são, simultaneamente diversões de uma mentira e terapia. Esta sociedade inventou anónimos que

sonham ser Napoleão ou o Estrangulador de Boston. Nos EUA, estão a expandir-se os grupos anónimos de terapia: narcómanos anónimos, obesos anónimos, esquizofrénicos anónimos, jogadores anónimos. Para quê reprovar? Todo o sistema que se alimenta da mediação de contradições, aparentemente insanáveis, tem a prudência de se transcender de manifestações de tolerância.

Quem não se sentiria ridículo a tragar nos dias de hoje evasões como «A Rosa Púrpura do Cairo»? Quem não se sentiria desesperado se nos tirassem as sessões de shopping, a novíssima descida ao inferno da droga barata? Porque consumo é púrpura, consumo é perfume exótico, a cidade tem shopping, a cidade é feita de gastadores anónimos, eu sou simplesmente mirona anónimo, o meu país de shopping ceters é um vazadouro púrpura de gastadores anónimos.

Sou feliz, terminantemente feliz. Estou sempre disponível para me evadir para o shopping.

Do livro «ABC da Defesa do Consumidor, vol. II» — no prelo



T EVE, ontem lugar no Colégio Militar a cerimónia da entrega da Medalha de Honra da Cidade de Lisboa àquele estabelecimento militar de ensino. A Medalha de Honra da Cidade de Lisboa foi entregue pelo presidente da Câmara Municipal Kruz Abecasis ao director do Colégio Militar, general Figueiredo Valente, perante a formatura geral do Batalhão Colegial e na presença do chefe do Estado-Maior do Exército, general Salazar Braga, do governador militar de Lisboa, general Ricardo Durão e dos vereadores da Câmara Municipal de Lisboa, entre outras entidades civis e militares.

O social-democrata Nélcio Ferraz Mendonça foi reeleito presidente da Assembleia Regional da Madeira. Participaram na votação 46 dos 50 deputados. Nélcio Mendonça obteve 32 votos favoráveis, 11 contra, 1 nulo e 2 brancos. O grupo social-democrata na Assembleia Regional é constituído por 40 deputados, pertencendo à oposição dez mandatos. Na mesma sessão foram reeleitos os restantes membros da mesa da Assembleia com 32 votos favoráveis, 12 contra e 2 brancos. Os partidos da oposição não estão representados na mesa da Assembleia Regional da Madeira.

AS relações entre a instituição militar e a juventude foram debatidas em Lisboa no seminário «A Juventude e a Defesa Nacional» no Instituto Nacional de Defesa. No debate, que recaiu mais sobre as questões de organização interna das Forças Armadas do que à posição dos jovens face à instituição, sobressaiu o problema da necessidade de uma maior componente profissionalizada das Forças Armadas face ao desenvolvimento tecnológico dos armamentos.

O Círculo de Estudos das Realidades Nacionais (CERNE) vai promover, com início sexta-feira, uma série de sessões dedicadas às eleições presidenciais. O debate com que abre este ciclo será consagrado ao tema «as eleições presidenciais e a evolução do sistema político português».



A delegação em Moçambique da empresa portuguesa Construções Técnicas foi a primeira a responder ao apelo a favor da ilha de Moçambique. anunciou o jornal «Notícias» do Maputo. A Construções Técnicas ofereceu mil dólares e 100 mil metical para apoiar a recuperação da ilha. A ilha de Moçambique, património histórico de interesse para todo o Mundo, testemunho de várias civilizações com relevo para a portuguesa, corre o risco de se perder por completo, se não lhe acudir rapidamente.

O CDS congratulou-se com «a clara vitória» na primeira volta das eleições presidenciais na Guatemala do candidato democrata-cristão Vinício Cerezo. Para o CDS, os resultados «traduzem uma clara opção do povo guatemalteco por uma via reformista, inspirada nos valores da doutrina social-cristã e a simultânea rejeição das soluções autoritárias e da violência armada de esquerda». Para a segunda volta, em 8 de Dezembro, o CDS manifesta a convicção de que esta vitória «sairá reforçada».

Candidatura acelera a partir de agora

Soares suspende funções de secretário-geral do PS

Vinte e quatro horas depois de ter oficialmente saído do Governo, Mário Soares suspende funções como secretário-geral do PS e faz-se substituir no Parlamento. Com estes dois passos, Soares deixa aberto o caminho para o arranque em força da sua candidatura à Presidência da República.

Destes dois gestos, aquele que terá implicações mais profundas é a suspensão das funções de secretário-geral, já que daí advém alterações nos órgãos directivos do PS.

Será esta noite, durante uma reunião da Comissão Política socialista, que a suspensão será formalizada, devendo ao mesmo tempo ser nomeada uma nova Comissão Permanente do partido, que assegurará a sua gestão até à realização do próximo Congresso, provavelmente em Maio do próximo ano.

«Trata-se de recompor os outros órgãos (do partido) de modo a compensar a falta desse órgão (secretário-geral)», explicou uma fonte socialista.

A Comissão Permanente do PS tem actualmente 14 membros e ao abrigo dos estatutos do partido não pode substituir-se ao secretário-geral, o qual só pode ser substituído em Congresso.

Entre os dirigentes socialistas avulta a ideia de que não será necessário formar uma nova Comissão Permanente, mas tão só proceder a alterações na sua composição actual, por forma a que nela fiquem representadas todas as sensibilidades.

Entre estas contam-se as dos elementos afectos aos potenciais substitutos de Mário Soares, designadamente os que gravitam em torno de Jaime Gama e Victor Constâncio, e que não aceitaram a partida que a Comissão Permanente, responsável pelo dia a dia do partido, continuasse com uma composição maioritariamente soarista. Curiosamente, a derrota do PS em 6 de Outubro pode ter facilitado a formação

da nova Comissão, dado que, neste momento, Almeida Santos já não aparece como candidato ao cargo de secretário-geral, ao contrário do que teria sucedido caso os socialistas fossem novamente Governo.

Esta situação, facilita aparentemente a vida a outros potenciais candidatos, embora seja convicção de alguns dirigentes que a figura do eventual sucessor de Mário Soares só irá surgir no próprio Congresso.

Candidatura

Depois de concretizados estes movimentos, Mário

Soares ficará completamente liberto para se dedicar à sua campanha eleitoral, a qual conheceu novos factores de perturbação com o aparecimento de mais um potencial candidato, desta vez Salgado Zenha.

Entre a direcção do Partido Socialista, bem como na Comissão Política da candidatura de Soares, existe a convicção de que se está em presença de uma campanha concertada para destruir o Partido Socialista, na qual o general Eanes desempenharia papel preponderante.

É no âmbito desta alegada campanha que é entendida a eventual entrada na cena presidencial de Salgado Zenha, um antigo destacado dirigente socialista e ainda militante do PS, susceptível de acentuar as clivagens que se desenharam naquele partido depois da

derrota nas legislativas.

Neste momento, Mário Soares e os seus conselheiros têm reforçada a ideia de que a candidatura do secretário-geral do PS é indispensável, ainda que as probabilidades de vitória possam ser reduzidas.

Entre os defensores desta posição existe o sentimento de que acima de tudo há que preservar a coesão do partido, e que só a candidatura de Mário Soares poderá contribuir para isso.

Neste sentido, a campanha que está a ser estruturada assenta no princípio de que, ao contrário da campanha passiva de Almeida Santos, onde à parte do PSD foram poupados os outros adversários do PS, há agora que ser particularmente agressivo.

Enquanto no que respeita a Freitas do Amaral, Mário Soares se limitará praticamente a acentuar a sua condição de anti-fascista e democrata de longa data, em relação ao candidato da área canista a campanha será previsivelmente violenta.

Hoje mesmo, na sua coluna habitual no semanário «Belém», órgão oficial da sua candidatura, Mário Soares escreve que considera «grave» a intromissão de militares, «com posições conhecidas nas lutas político-militares da última década», nos apoios a eventuais candidatos.

Aludindo à recente desistência de Costa Brás, Mário Soares escreve ainda que «nas próximas eleições presidenciais está em causa» para os portugueses «a própria substância e, porventura, o futuro do regime democrático».

«Presente-se, por detrás da dança dos candidatos, que são pressentidos, que se oferecem, que surgem e que desaparecem, um jogo cruzado de bastidores e o perfilar de interesses políticos, partidários e pessoais entrecruzados, cuja transparência democrática não se afigura clara».



Juventude do PRD não mandou carta a Martinho

A Juventude do PRD, que não tem organização autónoma dentro deste partido, mas possui estrutura organizativa para tratar as suas questões específicas, repudiou ontem em comunicado subscrito pela deputada Ana Gonçalves, a existência e o conteúdo de uma alegada carta de jovens do PRD dirigida a Hermínio Martinho, contestando o posicionamento deste partido face à candidatura pre-

sidencial de Costa Brás.

Esta carta, de que um semanário publicou diversos extractos, teria sido assinada por «um grupo dos mais destacados jovens renovadores democráticos» e contestava o apoio da direcção do PRD a «qualquer candidatura confectionada em gabinetes».

A juventude do PRD afirma no seu comunicado que Hermínio Martinho nunca recebeu qualquer carta desse teor e que

a mesma «é alheia à juventude do PRD».

O comunicado «repudia em absoluto a alegada existência da carta e conteúdo respectivo».

PRD prossegue visitas a partidos

A direcção do PRD prossegue hoje as suas visitas aos partidos com representação parlamentar, visitando à tarde os «Verdes» e o PPM. A dele-

gação dos renovadores será constituída por Herminio Martinho, Medeiros Ferreira, Marques Junior e Ana Gonçalves.

A visita ao PS realizar-se-á, segundo um porta-voz do PRD «eventualmente» na próxima segunda-feira, dependendo ainda de uma confirmação dos socialistas.

Entretanto o secretário regional do PSD/Madeira criticou ontem o PRD considerando-o o «MFA desfardado».

Fernando Amaral e Tito Morais únicos candidatos à presidência

O prazo para apresentação de candidaturas à mesa da Assembleia da República terminou ontem com a formalização de apenas duas: Fernando Amaral (PSD) e Tito de Morais (PS). Para os quatro lugares de vice-presidentes, secretários e vice-secretários cada um dos quatro grandes partidos apresentou candidatos. Assim, aos quatro lugares de vice-presidentes foram propostos Marques Mendes (PSD), Carlos Lage (PS), Marques Júnior (PRD) e José Vitoriano (PCP).

Para os lugares de secretário foram propostos Reinaldo Gomes (PSD), Mota Torres (PS), Sá e Cunha (PRD) e José Manuel Maia (PCP). Para vice-secretário foram apresentadas as candidaturas de Daniel Bastos (PSD), Aloísio Fonseca (PS), António Sousa Ferreira (PRD) e Jorge Patrício (PCP).

De todos estes candidatos, Lage, Vitoriano, Reinaldo Gomes, Patrício e Bastos deverão assim ser reconduzidos nos cargos que já vinham desempenhando. Da mesma forma, no que se refere ao presidente, a generalidade dos deputados mostra-se convencida de que Fernando Amaral será reeleito.

Em resultado das eleições de seis de Outubro, o CDS perdeu os lugares que tinha na mesa da Assembleia, onde foi substituído pelo PRD. Apesar das várias opiniões em contrário (favoráveis a um alargamento a quatro anos dos mandatos) os presidentes ao Parlamento continuam a ter mandatos de apenas um ano.

O presidente da AR é a segunda figura da hierarquia do Estado e substitui interinamente o Presidente da República.

Para ser eleito, necessita dos votos favoráveis de pelo menos 126 deputados, mas se nenhum dos candidatos obtiver este número de votos procede-se imediatamente a segundo escrutínio. Se, nesta segunda vez, nenhum for ainda eleito, será reaberto o processo, com novas apresentações de candidaturas.

Compete ao presidente dirigir os trabalhos da Assembleia e representá-la, marcar os ordens do

dia, admitir ou rejeitar os projectos e propostas de lei, supervisionar o pessoal ao serviço da Assembleia e manter a ordem a disciplina e bem como a segurança.

Alterações da legislação

Entretanto, a conferência de líderes parlamentares considerou ontem também que as alterações à lei eleitoral para a eleição do Presidente da República devem ser feitas até 22 de Novembro.

A conferência decidiu marcar aquele dia como data limite da aprovação de alterações, uma vez que, caso as eleições sejam marcadas para 12 de Janeiro, o Presidente da República terá que anunciar aquela data nesse dia.

A mesma fonte acrescentou que, se o general Ramalho Eanes marcar as eleições no dia 22, só será válida a lei que nesse dia estiver em vigor.

A conferência de líderes decidiu que na próxima reunião marcada para quarta-feira, dia 13, serão designadas as comissões e distribuídas as respectivas presidências. Serão também marcadas as datas das eleições dos representantes parlamentares para o Conselho Superior de Magistratura (sete representantes), Conselho de Estado (cinco deputados), Comissão de Acompanhamento dos actos do Ministério da Agricultura e Pescas (cinco elementos) e ainda a eleição dos membros do Conselho Nacional de Eleições.

Estas eleições terão que verificar-se, uma vez que já está constituída nova Assembleia da República.

Na reunião foram também abordadas questões relacionadas com a recepção, no Parlamento, ao presidente da República Democrática de S. Tomé e Príncipe, marcada para dia 21, com a reunião do Comité Misto do Parlamento Europeu, prevista para os dias 25 e 26 de Novembro, e ainda com a vinda à Assembleia da República de uma delegação de Defesa do Reino Unido, no dia 18, para um encontro de trabalho com a Comissão Parlamentar de Defesa.

"Entendimento" PSD/PRD?

Existe um entendimento entre o PSD e o PRD no Parlamento, confirmou o «DL» junto de fontes sociais-democratas. Este entendimento, estabelecido na sequência de contactos entre dirigentes dos dois partidos (aponta-se Eurico de Melo por parte do PSD), terá como consequência que os renovadores democráticos se absterão face à quase certa apresentação de uma moção de rejeição do Programa de Governo por parte do PS, e, por outro lado, contribuirão para a eleição de Fernando Amaral para Presidente da Assembleia da República. Esta segunda parte do «entendimento» (as nossas fontes fizeram questão em acentuar que não se trata de um acordo) traduziu-se já na não apresentação da candidatura de Correia Gago, depois de esta ter sido anunciada quase ao mesmo tempo em que o PS tornou pública a candidatura de Tito de Morais. Contando com o voto do PRD, o PSD tem assegurada a partida a eleição de Fernando Amaral, mesmo sem se conhecer ainda qual a posição que virá a ser adoptada pelo PCP e pelo MDP/CDE.

Ontem pela primeira vez

Novo Governo reuniu "sem agenda"

O novo Governo reuniu-se ontem pela primeira vez, quatro horas depois da cerimónia de posse. «Reunião sem agenda» afirmou ao «DL» o assessor de Imprensa do Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, durante a qual a questão do programa do Governo a apresentar no prazo máximo de 7 dias a contar de ontem, «a ser alforada, o foi apenas entre outras».

Questionado sobre futuras reuniões do Conselho de Ministros para a discussão de tal matéria, José Arantes apenas adiantou que a próxima está apazada para segunda-feira.

Ainda ontem, o chefe do Governo fez uma intervenção no primeiro acto público após a sua posse como Primeiro-Ministro, precisamente no decorrer da abertura dos trabalhos da reunião do Grupo Liberal e Democrático do Parlamento Europeu, a decorrer em Lisboa.

Na ocasião, Cavaco Silva afirmou que Portugal enfrenta com a adesão à CEE «um dos maiores desafios da sua história» e que a Europa tem de responder aos anseios dos portugueses e espanhóis. Na sua breve alocução sublinhou que se recusa a «admitir que a integração de Portugal nas Comunidades constitui a resolução fácil dos problemas que o País atravessa».

«A adesão à Comunidade representa novas exigências no trabalho, na produção e no sistema empresarial português», acrescentou.

Cavaco Silva afirmou que a adesão às Comunidades «pode constituir a oportunidade decisiva e salutar para o desenvolvimento de Portugal e para a melhoria das condições de vida dos portugueses».

Acrescentou ainda que a tarefa do Governo «não será fácil», salientando que «o País

atravessa uma grave crise económica e há que pôr cobro ao círculo vicioso de avanços e recuos que o nosso sistema económico tem sofrido».

O líder dos sociais-democratas salientou igualmente que o PSD «continua a ser, hoje como no passado, inequivocamente favorável à integração europeia».

«Vitória para a Europa»

Por seu lado a francesa Simone Veil, presidente do Grupo Liberal e Democrático do Parlamento Europeu, disse durante a sessão que o triunfo eleitoral do PSD e a governação social-democrata representam «uma vitória para a Europa».

Simone Veil sublinhou que a «grande vitória do PSD constitui uma esperança para os portugueses e para a Europa» e que demonstrou igualmente que «os portugueses tinham confiança no partido».

A deputada francesa destacou ainda o papel desenvolvido por Sá Carneiro e Pinto Balsemão enquanto Primeiros-Ministros que trabalharam para que a adesão de Portugal às Comunidades tivesse êxito.

«O Grupo Liberal e Democrático demonstrou sempre vontade e empenho pelo alargamento da Comunidade a Portugal e a Espanha», disse.

Acrescentou que em relação a Portugal, os deputados libe-

rais e democratas defenderam, há dois anos, que «os problemas decorrentes das negociações com Espanha não criassem dificuldades para a adesão».

«O 12 de Junho, dia da assinatura do tratado de adesão de Portugal e Espanha à Comunidade, marcou para Portugal o princípio de uma nova época» — afirmou.

Disse ainda que «os portugueses, homens e mulheres, aspiram que Portugal assuma na CEE o lugar que lhe compete».

A concluir Simone Veil desejou, em nome do grupo Liberal e Democrático do Parlamento Europeu «os maiores votos de êxito» ao Governo de Cavaco Silva, salientando que «o êxito do Governo será, certamente, o êxito de Portugal e o êxito da Europa».

Rui Machete comenta

O novo Governo ontem empossado tem tarefa difícil mas também condições objectivas «com a determinação manifestada por Cavaco Silva» para satisfazer as esperanças dos portugueses. O comentário é de Rui Machete, dirigente social-democrata, ex-vice-primeiro-ministro do Governo cessante.

O décimo Governo tem do mesmo modo condições para «continuar a luta pelo progresso em que todos os portugueses estão empenhados» — acrescentou.

Rui Machete falava no jantar anual da Anglo-Portuguese Society, realizado em Londres, de que foi o convidado de honra, a convite do embaixador Hall Themido.

O ex-membro do Governo destacou os resultados da acção governativa do IX Governo Constitucional mas reconheceu as dificuldades do momento presente.

«O nosso tempo é de dificuldade mas também de desafio, a ser vivido com entusiasmo e devoção, pois mais do que nunca o futuro depende do que conseguirmos hoje» — acentuou Rui Machete.

«Temos ainda de enfrentar e resolver os problemas do desenvolvimento económico e social, uma tarefa decisiva para garantir ao povo português um bem-estar mínimo e oportunidades compatíveis com uma sociedade moderna e europeia» — disse ainda.

TSD's estão confiantes

Os trabalhadores sociais-democratas do distrito do Porto consideraram ontem que com Cavaco Silva «o poder de compra não vai descer e a chaga social dos salários em atraso vai aos poucos desaparecer».

Em assembleia distrital, os Trabalhadores Sociais-Democratas aprovaram moções de solidariedade para com Cavaco Silva e de congratulação pela vitória da lista do PSD no Sindicato dos Bancários do Norte.

Durante a reunião, foram criticadas as posições assumidas pelo secretário-geral da UGT após 6 de Outubro que, segundo os Trabalhadores Sociais-Democratas, «mais parecem as do secretário-geral do Partido Comunista, posições essas que em nada dignificam a UGT e o sindicalismo democrático».

PS reage com dureza aos discursos de Eanes e Cavaco

O PS reagiu com dureza aos discursos de Ramalho Eanes e Cavaco Silva ontem proferidos na cerimónia da tomada de posse do Governo, deixando antever que votará contra o programa do Executivo no Parlamento.

Contactado pelo «DL», um porta-voz do gabinete de Imprensa do PS adiantou que não estava ainda tomada uma posição formal sobre o assunto, uma vez que o programa ainda não tinha sido apresentado, mas não deixou de sublinhar dois pontos essenciais na óptica do seu partido.

Por um lado, o facto de o Governo agora empossado ser liderado por um partido com apenas 29 por cento do eleitorado o que, para o PS retira uma condição essencial à acção governativa: a estabilidade. E na

nota ontem emitida pelos socialistas essa questão é vivamente empoçada. Assim: «No final da coligação PS/PSD, o Presidente da República recusou-se a viabilizar um Governo PS com 36 por cento, hoje deu posse e fez a apologia de um Governo PSD com 29 por cento: dois pesos e duas medidas».

Por outro lado, os socialistas não se coíbem, desde já, de zurrir a equipa governamental liderada por Cavaco Silva qualificando-a de «fraca e em áreas vitais a sua falta de eficácia farsa-á sentir de imediato».

E exemplificam: «Da equipa anterior foram repescados alguns dos mais controversos ministros. É sintomática a subalternização de áreas como a Cultura, o Mar e a Qualidade de Vida».

Num comentário ao discurso do Primeiro-Ministro, os socia-

listas qualificam-no de «auto-suficiente, arrogante e extremamente deslegante».

Isto porque se fez «tábua rasa de seis anos de permanência e responsabilidades consecutivas do PSD nos sucessivos governos incluindo do actual Primeiro-Ministro».

«Foi também um discurso arrogante — prossegue a referida nota — porque, partindo do dirigente de uma força política com 29 por cento dos votos, se imagina detentor de uma larguíssima maioria e que não demonstra privilegiar diálogos ou consensos, mas antes prefere polémicas e afrontamentos».

Quanto à deslegância, Cavaco Silva é acusado de «menosprezar o esforço de reequilíbrio financeiro feito pelo Executivo cessante, facto que o Presidente da República teve de

reconhecer num discurso chocantemente omissivo para os governantes precedentes».

Ainda referindo-se a Ramalho Eanes, o PS acrescenta que «pena é que, perante um quadro governativo mais minoritário e radicalizador o Presidente da República não tenha mantido anteriores posições em favor de uma solução maioritária e de equilíbrio».

«Desta vez — sublinha — nenhuma acção foi desencadeada para induzir a formação de um Governo maioritário, estável e coerente».

«A apologia da solução minoritária contida nas palavras do Presidente da República e o elogio político das virtudes do novo Primeiro-Ministro só se compreendem por razões de solidariedade política e de responsabilização entre o PSD e o PRD», termina o PS.

Saúde de réu João Gomes agrava-se perigosamente

O estado de saúde de João Aguiar Gomes, réu do caso FP's em greve da fome há mais de um mês e em greve de sede desde o dia 31 de Outubro, continua a agravar-se perigosamente sem que seja ordenada a sua transferência da Penitenciária de Lisboa para o Hospital-Prisão de Caxias.

Hoje, ao fim da manhã, em contacto com familiares do réu, o «DL» soube que das análises urgentes mandadas efectuar ainda não se conhecera o resultado do exame ao sangue (recolhido ontem) e nada se podia saber quanto a análise à urina, uma vez que o réu já não consegue urinar, tal o estado em que se encontra.

Outros detidos estão igualmente em situação de grande debilidade, com o seu estado de saúde a causar grandes preocupações. Estranhamente, porém, não surge a ordem para a sua transferência para o Hospital-Prisão de Caxias, começando a ser insistentes as interroga-

ções que se levantam quanto às reais motivações que levam o director-geral dos Serviços Prisionais a tomar tal atitude.

Estas interrogações ganharam maior acuidade depois de se ter conhecido — após a intervenção do advogado Artur Marques, ontem, em pleno Tribunal — de uma história estranhíssima envolvendo um médico, Aurélio de Almeida, que se prestou, ao que se julga em estreita ligação com os responsáveis prisionais, a substituir o médico da Penitenciária, dr. Figueirinhas, sem o conhecimento deste, a examinar o réu João Aguiar Gomes, também ele enganado quanto aos reais propósitos do novo médico (novo em relação ao doente, porque tudo indica que a sua história em Caxias vem de há muito).

A questão, ainda por esclarecer em todos os seus pormenores, foi já participada à Ordem dos Médicos pelo dr. João Figueirinhas (como ontem noticiámos) e também pelo

réu em greve da fome, que acusa o médico Aurélio de o tentar enganar, receitando-lhe um soro com glucose, mentindo-lhe deliberadamente quanto ao seu conteúdo.

A verdade, porém, é que esta triste situação originou que desde o fim do mês passado o réu João Gomes esteja sem assistência médica — quer por parte do seu médico assistente, Figueirinhas, quer de qualquer outro da Penitenciária. E quanto à urgência das análises ordenadas por um perito que ontem o foi ver depois de um requerimento apresentado em Tribunal, acontece o que revelámos no início deste texto.

A questão promete vir a dar muito que falar, sendo igualmente muito estranho que o Tribunal ainda não tenha ordenado, ao abrigo do n.º 2 do Art.º 304 do Código do Processo Penal, o internamento dos detidos cuja saúde se encontra gravemente em perigo, ultrapassando as directivas do director-geral dos Serviços Prisionais.

obscuras da aventura em que haviam embarcado. Pois bem: anteontem, a pedido do Ministério Público e, ao que parece, antes que fosse tarde demais, Macedo Correia começou a «cantar», começando uma nova fase no Tribunal de Monsanto. De tal modo o réu «arrependido» se tem comportado que alguns dos jornalistas presentes de imediato encontraram uma designação justa para aquilo que viam: já não estamos no PDEC, já não se trata do PDEC, agora estamos em pleno PBEAC. Para os menos entendidos nestas coisas a gente explica: PBEAC quer dizer, simplesmente, Processo da Bufaria Em Curso. Até faz aflição.

C.V. e R.C.

Projecto Global era financiado por assaltos a bancos

As fontes de financiamento do Projecto Global foram mais uma vez ontem o tema central do julgamento de Monsanto, com o «arrependido» Macedo Correia a fornecer ao Tribunal pormenores e nomes de participantes em assaltos a bancos. O interrogatório de Macedo Correia dura há dois dias e até agora as suas declarações permitem apenas concluir que as divergências no interior da organização se resumiam, no fundamental, à dicotomia operacionais/políticos.

Segundo Macedo Correia, houve sempre um grande mal estar entre os «políticos» e os «operacionais» da organização por estes últimos se dedicarem sobretudo a «ações de expropriação de fundos» para «sustentar» a componente legal do Projecto. «Eram sempre os mesmos a ir aos bancos e a pôr bombas», disse Macedo Correia, para frisar que eram eles, operacionais, que sustentavam os «políticos de pantufas».

Macedo Correia diria depois que os «operacionais», para evitarem chegar ao fim do mês sem dinheiro, resolveram ficar à cabeça com 10 por cento do produto dos assaltos, sendo o restante (90 por cento) entregue à Organização Política de Massas. Sobre as verbas atribuídas à OPM, Macedo Correia disse ainda que o dinheiro vindo de apoios internacionais era insignificante, tendo precisado que a principal fonte de financiamento eram os assaltos a bancos.

O principal «arrependido» do processo das FP-25 considerou, por outro lado, que a OPM (ou seja, a OUT e mais tarde a FUP), tornou-se uma «organização elitista» e, por essa razão, apresentava «orçamentos demasiado pesados». A estas despesas juntaram-se ainda, disse, as «dívidas do PRP que durante dois anos foram pagas por nós». Macedo Correia explicava deste modo a grande actividade desenvolvida pelas FP-25 durante o ano de 1980. Respondendo a uma pergunta do juiz-presidente, Macedo Correia reafirmou que «não há política sem dinheiro» e que as ações de «recuperação de fundos» eram necessárias não só para lançar o Projecto Global, criado em 1979, como também para pagar as dívidas contraídas pelo PRP.

À semelhança do que se passara na sessão anterior, Macedo Correia fez questão de intercalar ontem as suas explicações com nomes de ex-companheiros seus que participaram em assaltos a bancos. Foi assim que o ex-quadro das FP-25 revelou, em Tribunal, um «segredo» bem guardado pela organização. Em Outubro de 1981, um assalto a uma dependência bancária na Póvoa de Santo Adrião saldou-se na morte de António Guerreiro, antigo militante do PRP. Segundo a versão então posta a circular, Guerreiro teria sido morto pela polícia. Ontem, Macedo Correia disse que não, que o Guerreiro fora morto, acidentalmente, por um tiro dispa-

rado por António Baptista Dias, um dos evadidos da Penitenciária de Lisboa.

Rapidamente, Macedo Correia acrescentou que após o acidente foi falar com Otelo Saraiva de Carvalho à sede da FUP, na Rua Braamcamp, em Lisboa. «Tinha havido mortos e feridos e precisávamos de médicos», disse para justificar aquela entrevista. Antes, Macedo Correia, falando sobre uma acção das FP-25 na Malveira, onde morreram dois militantes da organização, tinha também revelado que fizera com Joaquim Dias Lourenço, outro dos evadidos, um comunicado a reivindicar o sucedido.

As constantes referências aos fundos da organização levaram o juiz-presidente a estranhar que o dinheiro fosse uma preocupação tão constante e fundamental numa organização que se dizia revolucionária. Macedo Correia reafirmou, em resposta, que «não há política sem dinheiro», para acrescentar: «uma organização revolucionária vai buscar o dinheiro ao capital. O assalto a um banco é, em primeiro lugar, uma acção política».

O principal «arrependido» do processo das FP-25 não se escusou também, por outro lado, em revelar ao Tribunal que a organização tinha um acordo com a Argélia no sentido deste país fornecer treinamento militar a grupos de cinco militantes que ali deveriam permanecer seis meses.

C.V.

Chegou o PBEAC

Os jornalistas em serviço no Tribunal de Monsanto têm sido bombardeados com siglas, espontâneas, das abundantes declarações dos réus que se têm disposto a falar. OPM, DPM, ECA, FP's, DIMA, CNASPEL, CLCR — eis, para amostra, um punhado desse material que entrou no quotidiano dos profissionais de informação que têm assistido ao julgamento. Claro: a certa altura começou também a falar-se do PDEC — Processo de Discussão em Curso, sigla escolhida pelos elementos do Projecto Global (com alguma ironia e por comparação com os bons velhos tempos do PREC — Processo Revolucionário Em Curso) para designar a discussão em que todos se envolveram na tentativa de aclarar muitos pontos

AS FP-25 ACABARAM?



Um quadro político-operacional faz declarações polémicas

Quem julga quem? Quem traiu quem?

Seja você o juiz!

Um relato dramático e impressionante.

AS CINZAS DUM TEMPO PERDIDO
ASCENSÃO E QUEDA DAS FP-25?

J.C. MACEDO

NUNCA UM LIVRO FOI TÃO OPORTUNO



EUROPA-AMÉRICA ... a memória no futuro

NOTARIADO PORTUGUÊS PRIMEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Rua dos Douradores, 135-2.º

A CARGO DA NOTARIA ZULMIRA DA NATIVIDADE MARTINS NETO LINO DA SILVA — PLASACQUES — SOCIEDADE RECUPERADORA CENTRAL DE PLÁSTICOS, LIMITADA

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de ontem, lavrada a folha 74 e seguintes, do livro 165-E, de escrituras diversas deste cartório, após cessos de quotas, Jacques Augusto Boletto Cavaco autorizou que o seu nome «Jacques» continue a figurar na composição da denominação social em epígrafe, com sede na Estrada Nacional, letras C.I.M., em Catujal, freguesia de Camarate, concelho de Loures, e foi, pelos seus atuais sócios, Pedro José Alves e Helena Maria Pedro Alves, alterado, parcialmente, o pacto social da referida sociedade, no tocante ao seu artigo quinto, que passou a ter a seguinte redação:

ARTIGO QUINTO

UM. A administração e representação da sociedade ficam a cargo de ambos os sócios, para tanto nomeados gerentes, dispensados de caução e remunerados ou não conforme deliberarem.

DOIS. A sociedade considera-se representada e obrigada com a intervenção conjunta de dois gerentes.

TRES. Qualquer dos sócios-gerentes pode delegar todos ou parte dos seus poderes, mediante procuração.

QUATRO. Também a sociedade, através dos seus gerentes, pode constituir mandatários para quaisquer fins.

Está conforme.

Lisboa, dezoito de Outubro de mil novecentos e oitenta e cinco.

O AJUDANTE,

Maria Fernanda Igreja Simões

D.L. 7/11/85

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 1.º JUÍZO ARREMAÇÃO 1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 19 de Novembro de 1985 pelas 15h, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5 4.º andar, vão à praça os bens abaixo indicados, penhorados a Cotal — Conjunto Técnico de Automóveis, L.ª, com sede na Rua da Artillaria Um, 105-A — Lisboa, no processo executivo n.º 6218/81, instaurado por dívida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Um minicomputador da marca Philips — P-356, em bom estado de conservação, a que se atribui o valor de 300 000\$00.

Verba n.º 2 — Quatro elevadores hidráulicos para automóveis com comandos e motores eléctricos, em bom estado no valor de 2 000 000\$00.

Verba n.º 3 — Uma máquina de escrever, eléctrica, da marca IBM, com esferas, em bom estado de conservação, no valor de 50 000\$00.

Verba n.º 4 — Três secretárias metálicas com tampo em fórmica, no valor de 60 000\$00.

Verba n.º 5 — Três cadeiras para secretária e dois cadeirões c/armação metálica, forrados a napa verde no valor de 10 000\$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 5 de Novembro de 1985

O Juiz de Direito

(Manuel Luís Macaísta Malheiros)

O Escrivão

(assinatura ilegível)

«D.L.» — 7/11/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 1.º JUÍZO

ARREMAÇÃO 1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 18 de Novembro de 1985 pelas 15h, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5, 4.º andar, vão à praça os bens abaixo indicados, penhorados a Marmogal — Exportação e Importação L.ª, com sede na Estrada da Luz, 232 - 1.º Esq.º — Lisboa, no processo n.º 3801/84, instaurado por dívida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba única — O direito ao arrendamento e trespasse do 1.º andar esquerdo do prédio sito na Estrada da Luz, 232, pelo qual é paga a renda mensal de 4500\$00 (encont. a-se paga até Novembro de 1984), se ido senhonã a Sr.ª D. Albertina Azevedo M. de Brito Carneiro, residente na Rua de Timor, n.º 10 - Porto, conforme escritura lavrada no 17.º Cartório Notarial de Lisboa, aos 25/06/70, exarada a fls. 1 verso a fls. 4 do livro 100-E, e o respectivo recibo a que se atribui o valor total presumível de 2 500 000\$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 5 de Novembro de 1985

O Juiz de Direito

(Manuel Luís Macaísta Malheiros)

O Téc. de Cont. Tributário

(assinatura ilegível)

«D.L.» — 7/11/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

O DOUTOR MANUEL JOAQUIM OSÓRIO, Juiz de Direito do 3.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Faz saber que pela primeira Secção deste Tribunal, sito na Av.ª Almirante Reis, n.º 130-4.º Esq.º em Lisboa, correem seus termos uns autos de acção emergente de contrato individual de trabalho, com processo sumário, registado sob o n.º 23/84 em que é Autora MARIA ISABEL DE JESUS RODRIGUES, residente na Rua da Centeira, Travessa Particular, n.º 2 Olivais Sul — Lisboa e Ré BERKOWITZ & KERN, L.D.ª, cuja última sede conhecida foi na Rua Particular, lote A-1 à Quinta do Figo Maduro em Sacavém e, actualmente em parte incerta, corre o prazo de OITO DIAS, findo que sejam os dois editos TRINTA DIAS, contado da data da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, citando a Ré, para contestar aquela acção, sob pena de poder vir a ser condenada imediatamente ao pedido.

Na referida acção a Autora pede o pagamento da quantia de Esc. 341.873\$00, conforme duplicado da petição inicial que se encontra arquivada na Secção.

Para constar se passou o presente anúncio que vai ser devidamente publicado. Lisboa e Tribunal do Trabalho, aos trinta dias do mês de Outubro de mil novecentos e oitenta e cinco.

O JUIZ DE DIREITO,

Manuel J. Osório

A Escriturária,

«D.L.» 7/11/85 — 1.ª Pub.

Câmara pede inquérito

Escolas novas do Fundão não foram inauguradas

Os cerca de dois mil alunos das Escolas Preparatória e Secundária do Fundão talvez tenham aulas para a semana, mas nos antigos edifícios.

Tudo estava preparado para que no passado dia 30 fossem finalmente inaugurados os novos edifícios das duas escolas, cuja construção se aguardava há já uns anos. Presidente da câmara, representantes do Ministério da Educação, director-geral das Construções Escolares do Centro, conselhos directivos e restantes professores

de ambos os estabelecimentos, alunos, pais e encarregados de educação, bem como representantes da empresa construtora, encontraram-se no dia 30, no Fundão, para às 11 horas, como fora marcado pela Direcção das Construções Escolares do Centro, se proceder à inauguração dos edifícios e as aulas começarem finalmente.

Ora acontece que o director-geral das Construções Escolares do Centro quis ter uma reunião com o empreiteiro antes de se proceder à inauguração. Mas a reunião nunca mais acabava e quando se aproximaram as 13 e 45 o presidente da câmara, Pinto de Castelo Branco tomou a iniciativa de propor a interrupção da dita reunião e oferecer um almoço, na esperança de que as escolas fossem inauguradas da parte da tarde.

«Notava-se já um certo mal-

-estar entre o director das Construções Escolares e os representantes da empresa construtora», comentou-nos.

O mal-estar foi crescendo de intensidade e em vez de as escolas serem inauguradas da parte da tarde, os ânimos azedaram e uma cena de insultos — do empreiteiro ao director-geral das Construções Escolares do Centro — pôs lamentavelmente fim às expectativas dos que se convenceram que iam ter escolas novas.

Acabamentos deficientes, portas que não fecham, outras que estão empenadas, etc., terão sido as causas pelo menos aparentes do conflito. Ao que parece só à última hora o responsável pelas Construções Escolares se deu conta das deficiências.

Resultado: os edifícios estão concluídos, ainda que com deficiências, mas não funcionam porque não foram inaugurados.

Para não prejudicar mais os alunos, os conselhos directivos

e os restantes docentes de ambas as escolas estão a trabalhar esforçadamente para ver se conseguem que as aulas abram na próxima segunda-feira, nos velhos edifícios o que, além de sobrecarga de trabalho (elaboração de novos horários e mudança de equipamento) acarreta ainda outros problemas como seja impossibilidade de a escola preparatória receber no edifício velho todos os alunos matriculados e para os quais há espaço na nova escola.

Fenprof requer sindicância ao ME

A Federação Nacional dos Professores vai requerer a instauração de uma sindicância aos serviços do Ministério da Educação responsáveis pelos concursos dos professores.

Depois de ter assumido com a Federação o compromisso de rever a primeira fase do concurso, o secretário de Estado dos Ensinos Básico e Secundário desmentiu publicamente esse compromisso e remeteu-se ao silêncio.

«Como não se trata de negligência, torna-se claro que o silêncio do Ministério corresponde à falta de uma resposta com competência às questões levantadas pela Federação», comenta a Fenprof, acrescentando que o ME não pode «jogar» impunemente com a vida e os direitos dos professores, algumas centenas dos quais se encontram no desemprego.

«O apuramento rigoroso dos

erros e das ilegalidades terá de ser realizado e publicamente divulgado» considera a Fenprof.

Paralelamente ao requerimento da sindicância, a Federação Nacional dos Professores decidiu apresentar «dossiers» sobre o assunto à Presidência da República, e à Alta Autoridade contra a Corrupção, e concretizar outras medidas junto da Assembleia da República, Procuradoria-Geral da República e da Provedoria de Justiça.

A Federação Nacional dos Professores solicitou no dia da abertura da Assembleia da República a todos os grupos parlamentares a realização da reunião urgente para debater a situação educativa do País, o contributo da AR para a resolução dos problemas da educação; iniciativas legislativas bem como ratificação de diplomas governamentais.

Por razões várias

Objectores de consciência: um terço desistiu

Um terço dos indivíduos que se declararam objectores de consciência acabaram por desistir ou por não entregar a petição prevista na legislação, muitos deles porque foram enganados por engajadores.

Um documento oficial a que a Agência Notícias de Portugal teve acesso indica que até 2 de Setembro deste ano existiam 25 984 objectores de consciência ao abrigo das normas provisórias, mas apenas 18 407 acabaram por ver os respectivos processos aceites em tribunal, onde se encontram para apreciação.

Dos 7577 ex-objectores de consciência 4783 (64,31 por cento) estão prontos a incorporar-se em 1986 enquanto os restantes vão ser submetidos à inspecção militar no próximo ano — indica o documento a que a NP teve acesso.

O direito à objecção de consciência é regulado por lei aprovada no Parlamento em 21 de Março deste ano, a qual considera objectores «apenas os cidadãos efectivamente convencidos de que ou por motivos de

ordem filosófica ou religiosa, não lhes é permitido usar meios violentos contra as outras pessoas».

A lei institui em alternativa ao serviço militar, um serviço cívico que poderá ser exercido, por exemplo, como cooperante em países africanos de expressão portuguesa.

Para obter o estatuto de objector de consciência — determina a legislação — os candidatos têm de apresentar em tribunal petições em que provem as suas convicções.

A atribuição do estatuto de objector depende de o juiz considerar provados os factos que demonstrem simultaneamente a sinceridade da convicção pessoal do interessado acerca da ilegitimidade do uso da violência, a fundamentação dessa convicção e a coerência do seu comportamento anterior.

Para obter fundamentação da convicção, que poderá ser de origem religiosa, moral ou filosófica, o juiz poderá requerer o testemunho de ministros da religião alegada ou ainda de psicólogos.

*ser dono do tempo
é privilégio do ar condicionado
pode ser o seu privilégio*



RESTAURANTE

Assegurar o sucesso de um restaurante é saber receber os clientes como se fossem convidados — é garantir uma boa cozinha, um serviço impecável, um ambiente acolhedor. É poder e saber cativar. É oferecer Ar Condicionado



FNAC

SOMOS O AR CONDICIONADO

Fábrica Nacional de Ar Condicionado

Tel. 218 33 67/70 — Telex 18278 ARFNAC P
CLIMANORTE — PORTO — Tel. 66 31 45 — 66 41 06
CLIMACENTRO — LISBOA — Tel. 714 06 39 — 714 06 28
CLIMASUL — PORTIMÃO — Tel. 24 373 - 26 048 — Telex 57355 CLIMAS P

Mulher de ex-chefe de secretaria da PJ defende marido com greve de fome

Vitor Bandarra, NP/«DL»

Amélia Sarmiento, de 56 anos, doente na cama desde Abril, deixou sexta-feira de comer porque acredita na inocência do marido, que ainda hoje pode ser decidida no Tribunal da Relação de Lisboa. Cândido Sarmiento, ex-chefe da secretaria da directoria de Lisboa da Polícia Judiciária, foi notícia em 1983, após ter sido acusado do desvio de milhares de contos em dinheiro e jóias que se encontravam num armário da corporação de que tinha a chave.

Amélia Sarmiento entrou em greve de fome por um único motivo: «Só quero que deixem provar a inocência do meu marido noutra julgamento em que ele fale».

Cândido Sarmiento, há 36 anos na PJ, foi detido em 22 de Abril de 1983, ficando na prisão até 2 de Dezembro desse ano.

Julgado em tribunal de primeira instância em Janeiro do ano passado, Cândido Sarmiento permaneceu praticamente calado durante o julgamento e acabou condenado a seis anos e seis meses de prisão. «O juiz disse que era para dar o exemplo» — recorda Amélia Sarmiento.

«O meu marido é uma pessoa calada, que sofre por dentro, e estava tão confiante na sua inocência que quase não falou durante o julgamento» — explica a mulher, há cinco dias a água e chá com açúcar.

Na altura, o advogado da família Sarmiento recorreu para o Tribunal da Relação de Lisboa, que se vai pronunciar sobre o caso.

Cândido Sarmiento, por decisão do juiz-presidente, ficou em liberdade condicional a aguardar segundo julgamento na Relação, embora tenha sido detido durante dez dias em Fevereiro — conta a mulher.

A partir de Agosto, Cândido Sarmiento deixou de receber o vencimento da Polícia Judiciária e hoje — explica a mulher — «vivemos da minha pensão e da ajuda do Centro Paroquial da Cova da Piedade».

As enfermeiras do Hospital de Santa Maria não se compadecem com greves de fome. «Telefonei para o hospital a pedir informações sobre o que devia fazer se me sentisse mal devido à greve da fome e responderam que devia ir a uma consulta de psiquiatria» — afirma, chocada, Amélia Sarmiento.

A mulher, operada à bacia há vários meses, encontra-se de cama desde Abril e, com a greve de fome, deixou praticamente de poder movimentar-se. «Não me sinto mal porque estou

sempre deitada, só umas tonturas» — refere.

Há dias, a Cruz Vermelha emprestou-lhe uma cadeira de rodas e, desde há meses que o advogado Justino Miguel da Costa trata do caso «sem levar um tostão» — revela.

Cândido Sarmiento, culpado ou inocente? «Como é que pode ser culpado se nós continuamos a viver modestamente e agora nem dinheiro temos para a comida» — responde a mulher.

Desde há dois anos que «a nossa vida tem sido um inferno» — lamenta, «Chegaram a bater-me na Judiciária e andei a ser seguida, depois vieram cá a casa e até perguntaram de onde é que tinham vindo os móveis tão bons, que já tenho há 30 anos».

Em relação ao marido, «nunca lhe bateram, mas os próprios colegas foram muito brutos, só os da zona prisional é que foram uns santos» — recorda.

Maria Amélia está disposta a continuar a greve de fome até que conheçam a inocência do marido ou até que «os chefes da Judiciária vão a tribunal explicar como as coisas se passaram».

Se o Tribunal da Relação não se pronunciar favoravelmente, o caso seguirá para o Supremo Tribunal de Justiça. «E no Supremo já eu não estou viva» — receia Amélia Sarmiento.

Ameaçaram de morte industrial de Braga

A Polícia Judiciária anunciou ontem ter capturado em Braga dois indivíduos que identificou apenas pelas alcunhas de «Rei dos Ciganos» e «Guimarães», acusados de pretenderem extorquir dinheiro a um industrial daquela cidade. A informação da PJ indica que os dois homens foram capturados em «flagrante delito», a ameaçarem o industrial que se não pagasse «a sua vida correria perigo», mas não especificou, no entanto, a quantia em causa.

Comerciante detido com a arma do crime

No lugar de Caiana, próximo de Tavira, foi detido o comerciante Saturnino Correia, de 57 anos, que andava a monte, depois de, em 25 do mês passado, ter morto a tiro, na sequência de uma banal discussão, o motorista António Francisco Silvestre, de 47. Quando foi capturado, Saturnino Correia tinha em seu poder a arma do crime, uma pistola «Browning», de calibre 6.35, devidamente legalizada.

Agente da PSP julgado por morte de militar

No Tribunal da Boa Hora iniciou-se ontem a tarde o julgamento do agente da PSP Joaquim Mesquita, acusado de, na madrugada de 6 de Julho do ano passado, ter morto a tiro, na Alameda D. Afonso Henriques, junto à Fonte Luminosa, o soldado da Polícia Aérea António Avelino Leite Marcelo, de 21 anos. De acordo com o libelo acusatório, contestado pelo réu, o incidente ocorreu quando o militar criticou o facto de o agente da PSP, à paisana, o estar a espreitar a ele e a mais duas raparigas e um jovem que o acompanhavam. O julgamento prossegue amanhã a tarde, a partir das 14 horas.

Seiscentos gramas em bolas plásticas

Boliviana detida na Portela com cocaína nos intestinos

Uma boliviana, procedente da América do Sul, foi detida no Aeroporto da Portela pelas autoridades alfandegárias com 600 gramas de cocaína alojados nos intestinos. Um informador da Direcção-Geral das Alfândegas disse que a detida repartia a cocaína em 80 pequenas bolas plásticas, que foram introduzidas via oral.

A mesma fonte acrescentou que nos últimos cinco meses, e com carácter habitual, a direcção-geral das alfândegas tem

vindo a desenvolver várias acções designadas tecnicamente «como medidas de combate à fraude aduaneira e à evasão fiscal, com justificado êxito». O valor dos produtos apreendidos — acrescentou — só no que respeita às apreensões de maior vulto eleva-se a 120 mil contos.

Entre estas acções, destaca-se também a realizada pelo Núcleo de Fiscalização Externa da Alfândega do Porto, em 30 de Outubro, respeitante à apreensão de mercadoria declarada no valor aproximado de 5 mil con-

tos. A Alfândega do Porto procedeu, ainda, à apreensão de dois veículos automóveis marca «Mercedes», cuja importação foi tentada com viciação de documentos com vista a não ser efectuado o respectivo pagamento de direitos.

Foram igualmente apreendidos no aeroporto de Pedras Rubras, na capital nortenha, 2.375 kg de cocaína dissimulados na cintura de uma passageira de nacionalidade colombiana procedente de Caracas, na Venezuela.

Fica perto da Figueira da Foz...

Alhadas quer guardas na passagem de nível

Alhadas, uma das várias freguesias do concelho de Figueira da Foz que esta semana saltou para as páginas dos jornais devido ao choque de um automóvel com uma automotora na sua passagem de nível (sem guarda), exige que esta passe a ser vigiada e protegida.

A Junta de Freguesia de Alhadas, afirmando expressar o sentir e as exigências da popula-

ção, exigiu a imediata instalação de guardas nas passagens de nível existentes na localidade para evitar sucessivos acidentes.

«Nos últimos anos já morreram três pessoas nas passagens de nível da freguesia, pelo que urge melhorar, pelo menos as que atravessam as estradas que ligam Alhadas a Casal do Grelo e a Brenha», considerou aquele

órgão autárquico em reunião extraordinária.

Um veículo ligeiro foi, na última segunda-feira, arrastado por uma composição, quando atravessava a passagem de nível sem guarda do casal do Grelo.

Segundo uma fonte hospitalar, o condutor da viatura, Henrique Roque Lopes, permanece em estado de coma, vítima de traumatismo craniano.

Mário Castrim



Amar é dar-se,

crescer juntos

(Louco Amor)

Trabalhar é provar que eu existo

(Idem)

Talher de ouro corta frango, engole pavão.

(Idem)

Se a minha mulher quiser trabalhar fora, tudo bem, só que a casa ela não pode descurar, não.

(Idem)

O direito mais sagrado do Homem é o direito de sonhar

(Idem)

— Como é que se pode não amar?

— Não amando

(Idem)

Não adianta trocar ideias com quem não tem ideias para trocar.

(Idem)

O afoito morreu na esquina e o prudente ainda está por aí.

(Idem)

Eu não fui feliz: eu me acomodei.

(Idem)

Você não me ama porque não me conhece.

(Idem)

Tua mulher nunca fui. Boa secretária, boa fêmea. Mulher feliz nunca fui. Para sermos felizes, temos de ser gente.

(Idem)

Passaste por mim naquele passar passando...

(Idem)

O teu marido é um ótimo marido, nunca te deixou faltar nada...

(Idem)

Quanto mais machista, mais inseguro.

(Idem)

— Eu sou chefe de família.

— Você é chefe de barco negroiro

(Idem)

Não há nada perfeito neste mundo. Estou com uma dor nos pés!

(Idem)

O escritor inventa, mas tem de se basear na sua vivência.

(Idem)

Se a gente foge, o bicho pega; se a gente fica, o bicho come...

(Idem)

Não está na Bíblia que um pai velho e cansado sirva de cozinheiro a uma filha maluca

(Idem)

A nossa liberdade passa pela nossa independência.

(Idem)

Na data limite para apresentação de protestos

“Bloco central autárquico” reclama listas da APU

O PS e o PSD reclamaram a aceitação das listas da Aliança Povo Unido em todos os concelhos do distrito de Évora e nos concelhos de Vila Franca de Xira, Beja e Sesimbra, alegando irregularidades na inscrição da coligação. Na data limite para apresentação de protestos, o «bloco central autárquico» introduziu ontem um novo elemento num conturbado período de apresentação de candidaturas, que a APU considera como «chicana jurídica e uma operação de diversão política».

O argumento nuclear da posição dos reclamantes reside no segundo parágrafo do artigo 16 da lei número 14B85, que refere que «as coligações de partidos para fins eleitorais devem ser anotadas pelo Tribunal Constitucional e ao mesmo comunicadas» 70 dias antes da realização do acto eleitoral.

Para a Aliança Povo Unido, como já foi sublinhado em comunicado emitido no final da semana passada, a coligação está registada desde 1978 no Supremo Tribunal de Justiça como «coligação permanente», como decorre da chamada Lei dos Partidos Políticos, decreto-lei 595/74 de 7 de Novembro, em que se consagra serem permitidas as coligações de frentes

ou partidos desde que observem várias condições. Deste modo, pode haver coligações permanentes de partidos com fins eleitorais, desde que essa finalidade esteja expressa, como ocorre no caso da Aliança Povo Unido. Assim, para a APU, a lógica dos reclamantes só teria razão de ser no âmbito das coligações pontuais, que terminam a sua vigência com o anúncio dos resultados eleitorais.

Por outro lado, o facto de as coligações deverem ser anotadas pelo Tribunal Constitucional, quando, em 1983, houve a transferência destas competências do Supremo Tribunal de Justiça para o TC, não levou a nenhuma inovação das disposições anteriores, apenas actuali-

zando a lei eleitoral, tornando-a conforme com o regime em vigor no Tribunal Constitucional.

Entretanto, de acordo com fonte da Aliança Povo Unido, quando se procedeu a essa transferência em 1983, a APU, como medida acautelatória, repetiu perante o Tribunal Constitucional, em 18 de Outubro desse ano, a comunicação de constituição da coligação, permanente, referindo expressamente como seu objectivo a apresentação de listas conjuntas às eleições autárquicas. O mesmo informador sublinhou que esse pedido foi feito não ao abrigo da Lei dos Partidos, mas sim no âmbito das normas do Tribunal Constitucional.

A mesma fonte indicou que o TC não procedeu a esta anotação porque se tratava de uma coligação já anotada: «a APU apresentou requerimento e o Tribunal Constitucional, seguramente por considerar a anotação da Aliança Povo Unido desnecessária face à sua existência como coligação permanente com fins, entre outros, eleito-

rais, não lhe deu seguimento». O informador precisou ainda que o Tribunal Constitucional, ao admitir em plenário as reclamações apresentadas pela Aliança Povo Unido já na fase de apresentação de listas para as eleições autárquicas de 15 de Dezembro, considerou a coligação como parte legítima, ou seja, reconheceu a APU como coligação permanente.

Ao que o «DL» apurou, todas as reclamações apresentadas, quer pelo PS quer pelo PSD quer ainda pelos dois partidos, têm o mesmo texto, sendo previsível que os socialistas recorram para o Tribunal Constitucional, caso os tribunais das comarcas recusam a reclamação.

O calendário previsto para este processo estabelece que as reclamações apresentadas contra as listas da Aliança Povo Unido serão analisadas pelo juiz dos respectivos tribunais, que terão de tomar uma decisão até ao próximo dia 11 de Novembro, depois dos mandatários da coligação terem respondido às notificações, período que, de acordo com os prazos legais,

termina amanhã. Os reclamantes que não concordarem com a decisão dos tribunais das comarcas poderão, depois, recorrer para o Tribunal Constitucional até dia 14 de Novembro — um mês antes da realização das eleições — que decidirá em plenário, e em definitivo, até dia 28.

Para além da polémica jurídica, a Aliança Povo Unido considera que as reclamações apresentadas pelo «bloco central autárquico» pretendem realizar uma ampla operação de chicana jurídica e de diversão política que, de acordo com o comunicado divulgado pela APU, é uma «mal disfarçada prova de falta de confiança nas suas próprias forças e perspectivas eleitorais».

MDP desliga-se da APU em Vila do Conde

Em comunicado divulgado à Imprensa o secretariado do MDP/CDE de Vila do Conde acusa a representação local do PCP de pautar a sua acção «por marcado desinteresse na

procura de soluções de consenso e pela intransigência em fazer prevalecer apenas as suas posições». Por isso, como sublinha o texto, a organização local do MDP/CDE entende que tal atitude, «que se vem repetindo, é claramente contrária ao clima de abertura e colaboração que deve animar o projecto APU e ao princípio de consensualidade e do respeito mútuo que tem de imperar em qualquer coligação de partidos».

Deste modo, a organização de Vila do Conde do MDP/CDE deliberou que nenhum militante do seu partido, ou cidadão independente por si indicado, integrará quaisquer listas que venham a ser apresentadas em nome da Aliança Povo Unido e bem assim, retirar-se dos trabalhos de elaboração dessas listas. O comunicado finaliza sublinhando que tal deliberação não pode, obviamente, «ser entendida pelo eleitorado do MDP/CDE como qualquer forma de apoio, directo ou indirecto, a outras listas concorrentes».

ANÓNIMO DAS CALDAS DA RAINHA É MULTIMILIONÁRIO

No 32.º sorteio do Totoloto, a chave 1 - 5 - 16 - 27 - 39 - 41 + 17 fez mais um multimilionário.

Desta vez a sorte bateu à porta de um Anónimo das Caldas da Rainha.

Sendo o único totalista, ganhou 49.766.727\$00*, ou seja, a maior importância paga até hoje a um só apostador. Isto porque, tendo optado por múltiplas, ao “bolo” do 1.º prémio acrescentou mais dezoito 3.ºs prémios, quarenta e cinco 4.ºs e vinte 5.ºs prémios.

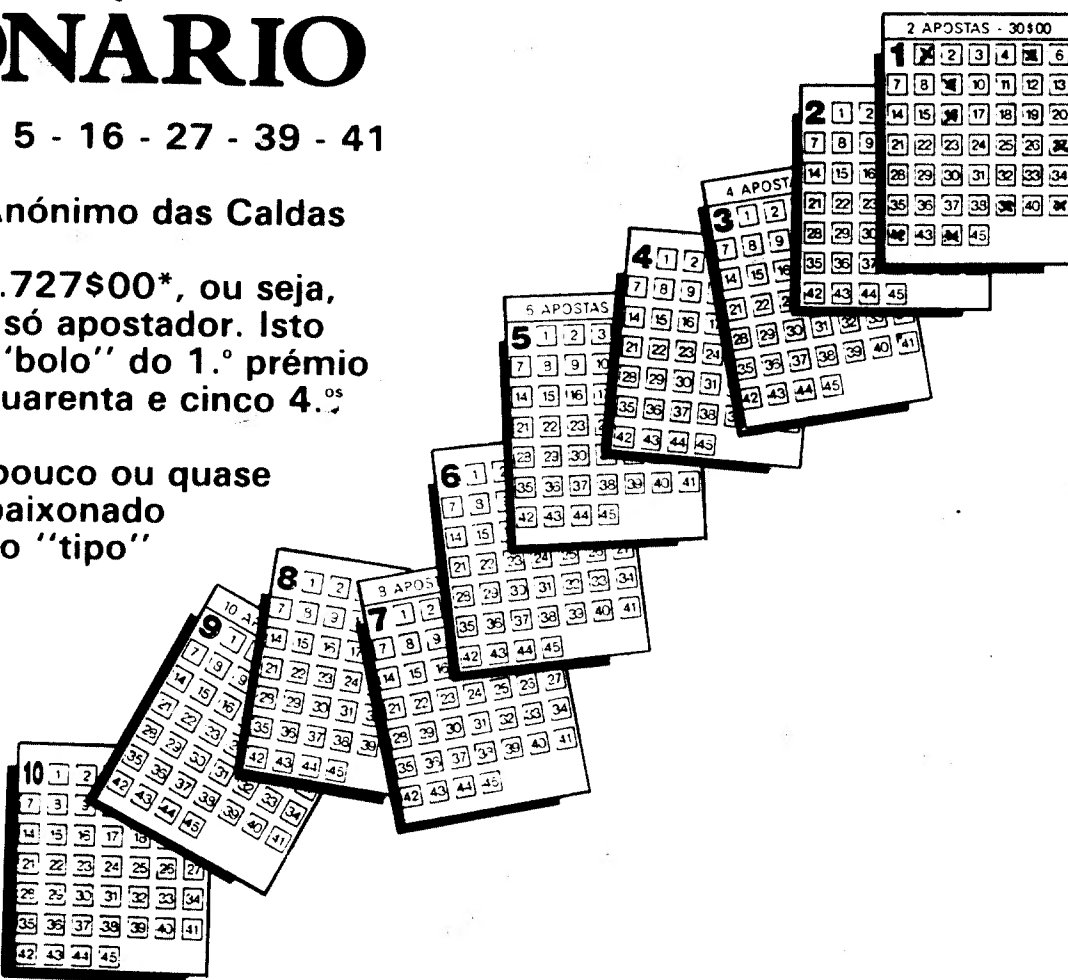
O que se sabe do Sr. Anónimo é muito pouco ou quase nada. Agora, se o amigo leitor fôr um apaixonado da grafologia, desafiemo-lo a identificar o “tipo” do nosso multimilionário.

A letra dele aí está, ao lado, bem nítida.

Boa sorte!

*valores provisórios

NOME		X
MORADA		
LOCALIDADE	2502	CODIGO POSTAL
	Caldas da Rainha	



totoloto

É FÁCIL
É BARATO
DÁ MILHÕES

Insecto com nome complicado é novo aliado dos ecologistas

Roby Amorim, ANOP (D.L.)

Os ecologistas que lutam contra a explosão prolifera do eucalipto em Portugal conseguiram um novo e inesperado aliado que não ultrapassa os quatro centímetros de tamanho e dá pelo complicado nome de *phoracantha semipunctata*.

Não passa de um insecto cas-tanho com duas raia de bran-co-marfim nas asas, mas apre-senta uma característica funda-mental: é xilófago, isto é, ali-menta-se de madeira. Da mesma maneira que o próprio eucalipto é australiano e terá aparecido no hemisfério Norte pela primeira vez em 1945 em Israel, e 1950 foi assinalado no Egipto, dois anos mais tarde surgia na Turquia, em 1962 na Tunísia, em 1973 na Sicília, na Itália em 1976.

A Portugal parece ter chegado em 1980, coincidindo com o início da grande seca de 1980-81, que, provavelmente, terá contribuído para a sua rápida expansão.

A Universidade de Évora está já a estudar a actividade do novo invasor, sob a atenção do seu catedrático Jorge Araújo, investigador em protecção inte-grada.

Em Portugal os eucaliptos multiplicavam-se sem proble-mas, a não ser o dos protestos dos ecologistas. O eucalipto foi introduzido no País em 1829, mas a sua cultura com objecti-vos económicos não seria ini-

ciada antes de 1870. Seja como for, a grande expansão do euca-liptal verificou-se após a última guerra mundial em consequên-cia do seu aproveitamento como matéria-prima para a indústria de celulose.

Já na década de 70-80, da pasta celulósica produzida em Portugal, 60 por cento era de eucaliptos e apenas 40 por cento de pinheiros. Mas o predomínio do eucalipto tem vindo a acen-tuar-se.

Originiário da Tasmânia...

Embora o eucalipto seja ori-giniário da Tasmânia, uma vul-tosa ilha ao Sul da Austrália, adaptou-se facilmente às condi-ções portuguesas onde se con-centra a principal área de plan-tação desta espécie em todo o Mundo.

Em 1974 o eucalipto ocupava já 285 363 hectares do território português. Este número não cessou de crescer até hoje.

Os povoamentos de eucaliptos situam-se essencialmente junto à orla costeira, mas no Sul aquela árvore imigrante pene-

trou para o interior, aprovei-tando os terrenos terciários do Tejo e do Sado e as terras altas das serras d'Ossa, de S. Ma-medo, Monfurado e Portel.

A tendência é para que conti-nuem a conquistar terrenos às árvores tradicionais da paisa-gem portuguesa, até mesmo ao pinheiro. No fundo, é apenas um novo intruso chegado a Por-tugal no início da Idade Mé-dia...

Na Austrália, o *phoracantha* ataca preferencialmente os eucaliptos velhos ou debilitados e as tocas e os danos, consequen-temente, não são dignos de registo. Aliás vive, naquele con-tinente do Hemisfério Sul, em equilíbrio com um cortejo de inimigos que limitam o seu nível populacional.

No Hemisfério Norte, liberto dos seus inimigos naturais, o insecto interessa-se 'especial-mente por árvores recentemente abatidas ou por aquelas que se mostram debilitadas pela acção do fogo, mesmo até pelas que se encontrem perante dificuldades de água após um longo período de seca.

Hipóteses de defesa

Um primeiro ataque, afir-mam os cientistas, pode não conduzir imediatamente à morte da árvore, se, por exsudação da seiva esta conseguir impedir o

desenvolvimento dos insectos. Mas, perante ataques repetidos, se a recuperação fisiológica não ocorrer, a árvore sucumbe em poucos meses.

Em Portugal os eucaliptos atacados pela *phoracantha* não podem contar com os predado-res existentes na Austrália, em-bora ovos e populações larvares estejam sujeitos ao controlo de predadores ocasionais e o com-bate químico «afigura-se impraticável», segundo Jorge Araújo.

Hipóteses de defesa aponta-das são a restrição das áreas de cultura às regiões que apresen-tem características edafoclimá-ticas favoráveis para o euca-lipto, o abate sistemático dos eucaliptos infestados, o con-trolo das madeiras cortadas e a eliminação das madeiras infes-tadas e o descasque imediato dos eucaliptos cortados.

Os ecologistas poderão mos-trar-se sensibilizados pela che-gada deste novo aliado na sua campanha contra os eucaliptos. Mas a Universidade de Évora está já debruçada sobre o *pho-racantha*, a procurar conhecer-lhe todas as manhas e evitar que venha, rapidamente, a destruir o que, de qualquer maneira, é uma considerável riqueza na-cional.

Mas o pequeno insecto aliado dos «verdes» (seja qual for a sua orientação política) ainda dará muito que falar.

“Frente cultural do Estado do séc. XXI”

— opinião de Artur Portela

(CCS) sobre o jornalismo futuro

Artur Portela, presidente do Conselho de Comunicação Social, defendeu a existência do sector público da comunicação social no ano 2000 como «frente cultural do Estado», em comunicação apresentada no Fórum Picoas, integrado no colóquio «Jornalismo no ano 2000», iniciativa do «Diário de Notícias».

Na sua intervenção, Artur Portela caracterizou o actual sector público da comunicação social, apontou-lhe deficiências e apresentou propostas para corrigir os males.

Como presidente do CCS, o conferencista, por outro lado, fez uma análise sobre a criação e funcionamento daquele órgão e sugeriu o alargamento da sua base e funções, de modo a desempenhar melhor a sua tarefa de salvaguarda da independência dos órgãos de comunica-ção social no sector público e a defesa da livre expressão e o confronto de ideias.

Artur Portela, que referiu diversos dados numéricos sobre a au-diência dos órgãos do sector público (4408 mil vêem televisão, 5 milhões ouvem rádio e 1 milhão e 141 mil lêem jornais), apontou a necessidade de acabar com a «herança salazarista, que confunde Estado com Governo», para impedir o controlo da Informação pelo Poder.

A intervenção de Portela suscitou polémica, tendo João Amaral, director de Informação da Rádio Renascença e comentador convidado para o seminário, manifestado desconfiança quanto ao papel do sector público da comunicação social «ao serviço dos sucessivos governos».

Ruella Ramos, presidente da Associação de Imprensa Diária, de-fendeu o progressivo desaparecimento da Imprensa estatizada e consi-derou «inaceitável» que o Estado «ao cabo de nacionalizações não intencionais, não manifestasse qualquer intenção de se desvincular desses jornais, nem a 50 anos de vista».

No debate sector público/sector privado participou ainda Mário Mesquita, director do «Diário de Notícias», que opinou que, em termos de liberdade de expressão, «o sector privado parece ser mais nocivo».

Neste ponto do colóquio surgiu um convite: sobre as pressões exercidas pelos sucessivos governos nos órgãos do sector público da comunicação social, Artur Portela convidou o jornalista Mário Crespo, da RTP, a depor perante o CCS, dado que este afirmou existir matéria para provar tal ingerência.

Numa outra ordem de ideias, o jornalista alemão Gunter Nonnen-macher, redactor do «Frankfurter Allgemeine Zeitung», dissertou sobre as novas tecnologias, debruçando-se sobre a preparação que o jornalista deverá ter no ano 2000.

«O jornalista terá mais informação e menos tempo para avaliar a credibilidade dessa informação», disse Nonnenmacher, acrescentando que aí entrará em acção a capacidade de discernimento do profissional.

O jornalista alemão, que classificou o jornalismo como «um artesanato» em que «a praxis» era fundamental, defendeu que «uma boa instrução geral seria a melhor garantia para o desempenho da profis-são».

Sindicalista sul-africano em Lisboa

Aaron Pemb fala de um país colonizado por dentro

Apartheid é o nome dado pelo governo sul-africano ao seu sistema de segregação racial. Este sistema permite aos brancos a direcção de todos os negócios da República, embora representem menos de um quinto da população.

Sob o regime do apartheid, a liberdade de movimentos e os direitos políticos e socioeco-nómicos da maioria de cor são restritos a proporções ínfimas, reservando-se a minoria branca mais de quatro quintos das ter-ras. Os africanos são mantidos à parte, confinados em reservas que constituem aproximada-mente 13 por cento da superfície do território.

O apartheid é a base da estru-tura económica e política sul-africana. As empresas indus-triais, agrícolas e comerciais encontram-se quase exclusiva-mente nas mãos de brancos ou de estrangeiros que extraem grandes lucros do sistema, gra-ças à exploração dos africanos espoliados das suas terras e dos seus recursos naturais, reduzi-dos a trabalhar até à exaustão por salários de miséria, forne-cendo assim a mão-de-obra ba-rata de que depende a próspera economia do país.

Aaron Pemb, dirigente do Congresso de Sindicatos Sul-Africano, organização que tra-balha em aliança com a ANC, esteve ontem ao fim da tarde na sede do Conselho Português para a Paz e Cooperação, num encontro com membros da di-

recção do Movimento Portu-guês Contra o Apartheid e ou-tros democratas ligados ao CPPC, para nos falar desta si-tuação e da luta que está em curso para transformá-la.

Aaron Pemb, que se encontra entre nós a convite da CGTP-Intersindical, começou por dizer que «a economia sul-africana está nas mãos dos estrangeiros: 1608 companhias são britâni-cas, 1032 estão nas mãos de grupos dos Estados Unidos da América, 900 pertencem a inte-resses da Europa Ocidental. Isto explica porque é que o actual governo racista da África do Sul consegue resistir aos golpes do Movimento de Libertação Na-cional».

Forte por fora fraco por dentro

Referindo-se aos aspectos militares, Aaron Pemb conside-rou que a África do Sul, sendo embora um país forte, que «pode mobilizar 250 mil ho-mens em 24 horas», portanto com uma força efectiva no que diz respeito às acções externas, contra Angola, o Botswana, a Namíbia, etc., «não consegue controlar a situação no quadro interno, já que a aviação, os

mísseis, a força nuclear não podem ser utilizados no interior do país».

«O movimento de libertação apercebeu-se desta fraqueza do regime racista e daí que tenha desenvolvido a sua luta para tornar o país ingovernável, mobilizando os trabalhadores, os estudantes, os activistas das Igrejas e os pequenos comer-ciantes e empresários africa-nos».

Sobre o movimento sindical, Aaron Pemb disse que «desde sempre foi negado aos trabalha-dores africanos o direito a con-stituir sindicatos ou a fazer greve. E ainda hoje, apesar das centenas de acções em curso, os sindicatos negros e as greves por eles organizadas não são consi-deradas legais. De qualquer modo, a luta dos trabalhadores negros tem afectado seriamente a economia da África do Sul, um país capitalista altamente desenvolvido, que numa popu-lação de 30 milhões de habitan-tes tem 10,5 milhões de traba-lhadores assalariados».

«Nesta economia complexa, os investidores e o capital es-trangeiro procuram desviar o movimento operário da África do Sul dos seus objectivos revo-lucionários, nomeadamente através da ingerência de organi-zações sindicais reacçãoárias como a AFL ou a CISL, de ins-piração norte-americana, que aparecem na África do Sul para

tentar confundir a luta dos traba-lhadores sul-africanos, procu-rando desviá-los da acção polí-tica, dizendo que se devem limi-tar a lutar pelos seus salários e interesses profissionais, quando na realidade a consciência dos trabalhadores negros, desen-volvida pelo ANC e pelo Con-gresso Sul-Africano dos Sindi-catos, os leva a concluir que na sua situação não podem usufruir de direitos sindicais sem usu-fruir dos direitos políticos».

Até as crianças participam na luta

«A nossa luta está tão enrai-zada no povo negro que até as crianças participam nela. Ainda recentemente os racistas assas-inaram crianças de sete anos de idade. Aliás, o próprio sistema do apartheid faz dos africanos prisioneiros desde crianças».

«Na fase actual da nossa luta, já temos mais de oitocentos mortos, e vemos como uma obrigação da comunidade inter-nacional intensificar a sua soli-dariedade para impedir que venha a acontecer aquilo que até agora não tem acontecido, ou seja, um massacre de brancos. Na verdade, se um dia se chegar a esse auge da violência a situa-ção da África do Sul será tal que a guerra do Vietname compa-rada com ela, parecerá um «pic-nic» de igrejas.



CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO

COMERCIALIZAÇÃO DE FOGOS

Para os devidos efeitos se torna público que estará aberto **CONCURSO POR SORTEIO**, em conformidade com o Decreto Regulamentar n.º 50/77, de 11 de Agosto, pelo prazo de 15 dias (desde 4 de Novembro a 18), para atribuição por venda, de 1 fogo-T2, sito no Edifício 6, 6.º Andar - Letra C - Cidade Nova-St.º António dos Cavaleiros, pelo preço de 2.861.458\$00.

1. O pedido de admissão ao sorteio é feito mediante requerimento dirigido ao Sr. Presidente da Câmara, acompanhado de documento comprovativo do pagamento da caução de 5%.

2. Os concorrentes devem possuir rendimento mensal por cabeça de valor situado dentro dos limites mínimos e máximos previstos no quadro seguinte e definidos em função do salário mínimo mensal:

N.º de pessoas do agregado familiar	Rendimento mínimo mensal (por-capite)	Rendimento máximo mensal (por-capite)
1	26 800\$00	76 800\$00
2	19 200\$00	48 000\$00
3	15 360\$00	33 600\$00
4	13 824\$00	28 800\$00
5	11 520\$00	24 000\$00
6	10 560\$00	23 040\$00

3. O Programa do Concurso donde constarão todas as condições respeitantes ao mesmo estará afixado nos Serviços Municipais de Habi-tação desta Câmara onde poderá ser consultado dentro das horas normais de expediente.

Loures, 29 de Outubro de 1985

O Vereador do Pelouro,
Duarte Nuno Alves Clímaco Pinto

Serviço de Informação e Relações Públicas (tel. 963 00 12)

Portugal num projecto do Programa "Eureka"

Portugal participa num dos dez projectos-piloto no âmbito do programa «Eureka» lançados ontem pela conferência de ministros dos Negócios Estrangeiros e da Tecnologia, realizada em Hanover, Alemanha Federal. Portugal tem como parceiro a França no projecto de desenvolvimento de um «laser» para corte de tecido destinado à indústria dos têxteis e confecções.

Uma delegação portuguesa participou nos trabalhos e apresentou 28 projectos no domínio das novas tecnologias propostos por 26 empresas portuguesas.

Estes projectos foram seleccionados pelo grupo de trabalho composto por cinco elementos representantes dos mi-

nistérios da Indústria e dos Negócios Estrangeiros, da Associação Industrial Portuguesa, do Banco de Fomento Nacional e do Instituto Nacional de Investigação Científica.

Os outros nove projectos, com os respectivos parceiros, são: produção de um micro-computador standard para uso doméstico e na educação. Parceiros: Grã-Bretanha, França e Itália; produção de um novo tipo de «chip» de computador feito de silicone não cristalizado. Parceiros: França e RFA; desenvolvimento de um computador de alta velocidade. Parceiros: França e Noruega; desenvolvimento de membranas para filtrar água que possam ser utilizadas para dessalinização de água do mar. Par-

ceiros: Dinamarca e França; desenvolvimento de sistemas «laser» de alta potência. Parceiros: RFA, França, Itália e RFA; desenvolvimento de um sistema de detecção de poluentes na atmosfera europeia. Parceiros: RFA, Áustria, Finlândia, Holanda, Noruega e Comunidade Europeia; desenvolvimento de uma rede computadorizada de investigação europeia: RFA, Áustria, Comunidade Europeia, Finlândia, França, Holanda, Suécia e Suíça; desenvolvimento de um aparelho de diagnóstico para doenças sexualmente transmissíveis. Parceiros: Espanha e Grã-Bretanha; desenvolvimento de óptica electrónica avançada. Parceiros: França e Itália.

Em Portugal

É preciso alterar estratégia das pesquisas de petróleo

A estratégia das pesquisas de petróleo em Portugal terá de ser totalmente alterada para que as grandes empresas continuem a investir no solo e no ar português, afirmou Jorge Faria na Sociedade de Geografia.

O director do Gabinete de Pesquisa e Exploração de Petróleo do Ministério da Indústria e Energia considera que as actuais condições apresentadas ao investidor são «teríveis».

A verdade — disse — é que essas pesadas condições foram possíveis a partir de 1981, «quando se iniciou a alta dos preços do petróleo», altura em que «pudemos impor condições severas perante a concorrência». Presentemente, a situação é inteiramente diversa, os preços do petróleo entraram em quebra acentuada e que deverá continuar.

Nestas circunstâncias, Portugal, que apresenta apenas «potencialidades razoáveis» para a prospecção petrolífera, «terá que modificar totalmente a sua

estratégia perante os investidores», abandonando as actuais «condições teríveis» para uma atitude de «facilitar ao máximo» os investimentos das grandes companhias, que, se assim não acontecer, irão fazer pesquisas noutros locais, afirmou Jorge Faria.

A pesquisa de petróleo em Portugal iniciou-se há cerca de cem anos, procurando-se então o «bitume asfalto» no Canto dos Cães, junto ao mar, no concelho de Alcobaça.

As buscas no mar iniciaram-se, porém, só a partir de 1973. Hoje, a área total das concessões, incluindo a parte terrestre e marítima até aos 200 metros, é de 18 mil quilómetros quadrados, sendo a parte correspondente à orla marítima de cerca de metade do total.

No mar foram até hoje efectuadas 24 perfurações num total de 119 mil metros.

Cinco destes furos produziram indícios de petróleo e em outros dois houve a recuperação

de indícios. «De resto, acrescentou Jorge Faria, indícios há aos milhares, mas a exploração do petróleo só pode realizar-se quando forem determinadas condições económicas rentáveis de colheita», o que não aconteceu até hoje.

Presentemente estão a ser feitas prospeções nos furos «Lula 1» frente a Viana do Castelo, onde se atingiu a maior profundidade de sempre em águas portuguesas, 3668 metros, e nas vizinhanças em águas menos profundas, nos furos «Barra-cuda», «Cavala» e «Chaputa».

Em terra iniciaram-se recentemente nas vizinhanças das Caldas da Rainha prospeções em terra, cujo contrato foi assinado há menos de um mês.

De qualquer maneira, quanto a resultados, «continuamos nas vizinhanças da estaca zero», afirmou Jorge Faria, «que concluiu indícios existem, mas a rentabilidade determinará o que possa decidir-se de futuro».

Só no distrito de Braga

Mais de 6 mil pensionistas em situação irregular

Cerca de 6400 pensionistas do distrito de Braga estão a receber irregularmente perto de 10 560 contos por mês de subsídio de complemento de cônjuge — foi hoje revelado.

Os serviços de fiscalização do Centro Regional de Segurança Social de Braga detectaram que 80 por cento dos oito mil pensionistas do distrito estão numa situação irregular: a receber, mensalmente, cada um 1650 escudos de subsídio

de complemento de cônjuge, refere numa nota do Centro.

Segundo o mesmo documento, a dívida das empresas à Segurança Social «cresce a um ritmo preocupante», tanto a nível nacional como regional.

Só no distrito de Braga o agravamento da dívida é da ordem dos 150 mil contos mensais, após a integração dos contribuintes da indústria têxtil no Centro Regional de Se-

gurança Social, o que equivale a um aumento de cem contos mensais relativamente ao último ano.

O Centro Regional revelou ainda que as creches e jardins de infância actualmente existentes em Braga cobrem apenas 3,6 por cento das necessidades do distrito. A terceira idade, porém, tem uma taxa de cobertura de 20,4 por cento que é bastante superior à média nacional», acrescentou.

Acompanhado do provincial da Ordem

Bispo de Tete vai ao local onde foram mortos jesuítas

O provincial dos Jesuítas e o bispo de Tete, que se encontra em Maputo para a reunião da conferência episcopal, irão deslocar-se ao local (Chapoteira) onde viviam os dois sacerdotes, um dos quais português, mortos ao que tudo indica por elementos da Renamo. «Há cerca de dois meses que os nossos dois missionários viviam ali praticamente isolados», disse o provincial dos Jesuítas, padre Luís Gonçalves, acrescentando que a sua morte representa um «caso de violên-

cia, cujo esclarecimento a Igreja tem de levar até ao fim».

O padre Silvino Moreira, de 44 anos, natural do concelho da Vila da Feira, foi inicialmente dado como tendo sido raptado, juntamente com o jesuíta moçambicano João de Deus Gonçalves. O rapto teria ocorrido no dia 30 à noite, em Chapoteira, onde residiam. No dia 3 chegou, entretanto, uma comunicação a Tete a informar que os dois sacerdotes haviam sido encontrados sem vida, junto da sua residência.

Entretanto, a Renamo negou ter raptado e assassinado os dois padres, atribuindo a autoria de tais actos «a forças governamentais de Moçambique». Em comunicado ontem divulgado em Lisboa, e citada pela NP, o movimento que se opõe ao Governo de Maputo afirma que «forças da Frelimo mataram o padre português Silvino Moreira e o moçambicano João de Deus Kamtedza, responsabilizando a Renamo numa tentativa de desacreditar».

Os 75 anos da República

Um jornalista republicano nos alvores do vintismo

— Conferência na Biblioteca Nacional

No Anfiteatro da Biblioteca Nacional, a dr.^a Maria Helena Carvalho dos Santos, na sequência das «10 Lições Sobre a República», versará, hoje, pelas 18 horas, o tema: «Um Jornalista Republicano no Vintismo». Trata-se de João Bernardo da Rocha Loureiro (1778-1853) que publicou no exílio em Londres, o jornal «O

Português». O jornal teve duas séries: 1814-1822 e 1823-1826. São mais de oito mil páginas em que se enunciam ideias de um autêntico e precursor republicanismo.

Na conferência anterior, pronunciada pelo dr. Raul Rego, foi tratado um tema ainda polémico: «A Lei da Separação». O texto lido por Raul Rego

constitui um capítulo de uma «História da República» em que actualmente trabalha.

A próxima conferência terá lugar no dia 12 de Novembro, e será a vez de o director da Biblioteca Nacional, professor Manuel Vilaverde Cabral, falar das «Tendências autoritárias e crise do liberalismo sob a República, 1910-1926».

LOTARIA COMEMORATIVA DO 202º ANIVERSÁRIO DA LOTARIA NACIONAL



Habilite-se à grandiosa taluda de 78.000 contos e a mais 181.000 contos de muitos milhares de prémios e viva num Mundo Novo!

DIA 8 DE NOVEMBRO ANDA A RODA

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALMADA 2.º JUÍZO

— ANÚNCIO —

Faz-se saber que por este Juízo e primeira secção, nas autos de Execução Sumária n.º 1610/84 em que são Exequente: António dos Santos Fernandes Rodrigues e Executados: — António de Matos Nunes Ribeiro e mulher Célia Pratas dos Santos Mota Ribeiro, com última residência conhecida na Rua D. Carlos I, n.º 10-3.º-Dt.º Laranjeiro.

Correm editos de trinta dias contados da data da segunda e última publicação do anúncio citando os executados acima identificados para no prazo de cinco dias deduzirem oposição pagarem ao exequente ou nomearem bens à penhora sob pena de ser devolvido ao exequente o direito de nomeação de bens à penhora para garantia e pagamento da quantia peticionada ou seja de 164 038\$50, como de tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra nesta secretaria para ser entregue a quem a solicitar.

Almada 30 de Outubro de 1985

O Juiz,
António Luis Gil Antunes Grancho

PIº O Escrivão de Direito,
António Simões Loureiro de Sousa

D.L. 7/11/85 — 1.º Pub.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA — 1.º JUÍZO

ARREMATACÃO

1.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de Primeira Instância de Lisboa, no dia 18 de Novembro de 1985, pelas 10 horas, neste Tribunal — Rua Bramcamp, n.º 5-4.º, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a CANALUX — Projectos e Instalações Técnicas Especiais, Lda., com sede na Rua Oliveira Martins, n.º 2-B em Lisboa, no processo executivo n.º 2575/82 e apenas instaurado por divida à Caixa de previdência.

BENS PENHORADOS

Verba única — O direito ao arrendamento e trespasse do escritório sito na Rua Oliveira Martins, n.º 2-B e o respectivo recheio a que se atribui o valor presumível de 2 500 000\$00.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada e bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 4 de Novembro de 1985

O Juiz de Direito

(Manuel Luis Macaísta Malheiros)

O Liquidador Trib.

(F. Lopes)

D.L. 7/11/85 — 1.º Pub.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA 1.º JUÍZO

ARREMATACÃO

1.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de Primeira Instância de Lisboa, no dia 20 de Novembro de 1985, pelas 10 horas, neste Tribunal — Rua Bramcamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a LUCIANO FERNANDO SÁ REBELO, na qualidade de sócio gerente da firma PONDODIS — COMPANHIA DE MATERIAL FOTOGRAFICO, Lda., na Rua Tomás da Anunciação, 68-2.º, no processo executivo n.º 5 725/81, instaurado por divida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Uma mobília de sala de jantar, composta de móvel estante em aglomerado, com várias prateleiras e armário bar e três portas de vidro, mesa redonda, de tubo cromado e tampo de vidro e quatro cadeiras, no valor de 40 000\$00.

Verba n.º 2 — Uma mobília de sala de estar, composta de sofá cama de dois lugares, forrada a pano, no valor de 8000\$00.

Verba n.º 3 — Um televisor da marca Grundig, com 51 cms, a preto e branco, no valor de 10 000\$00.

Verba n.º 4 — Uma mobília de quarto em madeira, composta de roupeiro, móvel com espelho, duas cadeiras forradas a pano, cama com duas mesinhas de cabeceira e o respectivo colchão, em bom estado, no valor de 27 000\$00.

Verba n.º 5 — Uma mesa de cozinha, redonda, com tampo em aglomerado e fôrmica e duas empenas, com duas cadeiras em tubo cromado, forradas a napa, no valor de 6000\$00.

Verba n.º 6 — Um fogão a gás de quatro queimadores e forno da marca JUNEK, e um esquentador da marca CRUSSIS, de dez (10) litros, no valor de 40 000\$00.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada, bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 5 de Novembro de 1985

O Juiz de Direito

(Manuel Luis Macaísta Malheiros)

O Liquidador Trib.

(F. Lopes)

D.L. 7/11/85 — 1.º Pub.

Jaruzelski eleito presidente da Polónia

O secretário-geral do Partido Operário Unificado Polaco, general Wojciech Jaruzelski, foi eleito pelo Parlamento presidente do Conselho de Estado.

Como se esperava, na primeira reunião do novo Parlamento, Jaruzelski demitiu-se do seu cargo de primeiro-ministro.

O membro do Politburó Zbigniew Messner será o novo primeiro-ministro.

Jaruzelski, de 62 anos, substituirá no cargo cerimonial de chefe de Estado, Henrik Jablonski, que tem 75 anos.

«O período de cinco anos sob o governo do primeiro-ministro Wojciech Jaruzelski foi um dos mais difíceis na história da Polónia comunista», declarou no Parlamento o presidente da Assembleia, Roman Malinowski.

«Foi um período de luta, sacrificios e reformas», afirmou.

enquant os 460 novos deputados ovacionavam de pé Jaruzelski.

O general, que mantém o cargo de chefe do partido, declarou a lei marcial em 31 de Dezembro de 1981 e no ano seguinte ilegalizou o sindicato «Solidariedade». A lei marcial foi levantada em 1983.

Messner, que deve apresentar na próxima semana um gabinete remodelado, para aprovação parlamentar, foi eleito por unanimidade.

Professor de Economia, com 56 anos, tem tido a responsabilidade, em termos globais, pela economia do país desde que há dois anos ingressou no governo.

Pensa-se que manterá a linha traçada por Jaruzelski.

Falando na televisão já depois de eleito para a presidência, o general descreveu Messner como «um dos meus auxiliares mais próximos».

Voto de confiança a Craxi no Parlamento

A Câmara de Deputados italiana aprovou ontem por 347 votos contra 238 e uma abstenção uma moção de confiança ao governo de Bettino Craxi, informaram fontes políticas de Roma.

Amanhã o Executivo de Bettino Craxi será submetido a igual procedimento no Senado para pôr fim à crise desencadeada em 17 de Outubro, na sequência da libertação do palestino Abu Abbas, considerado o «cérebro» do assalto ao paquete italiano «Achille Lauro».

A coligação do pentapartido foi ratificada com os votos dos deputados cristãos-democratas, socialistas, republicanos, liberais e sociais-democratas, contra os votos dos comunistas, esquerda independente e democracia proletária.

O texto da moção de confiança, subscrito pelos secretários de cinco partidos da coligação governamental, defende a política seguida pelo Executivo no caso do «Achille Lauro» e

contempla as condições propostas pelo Partido Republicano para continuar a fazer parte do governo.

No discurso de encerramento do debate parlamentar, iniciado na segunda-feira, o primeiro-ministro Craxi, ao abordar o conflito no Médio Oriente e referindo-se à OLP, considerou legítimo o recurso dos palestinos à luta armada, mas disse que essa opção não resolverá a questão «por servir apenas para provocar vítimas inocentes».

As palavras de Craxi suscitaram os aplausos da bancada comunista, fortes protestos dos republicanos e, posteriormente, a reprovação generalizada dos deputados cristãos-democratas.

O diário oficial dos cristãos-democratas, «Il Popolo», no editorial publicado na edição de ontem critica as afirmações de Craxi e admoesta o primeiro-ministro pela sua falta de diplomacia em termos de política externa que podem provocar reacções contraproducentes a nível interno e internacional.

Na Guiné-Bissau

Prisão de a "tentativa"

— diz o Conselho de Estado

O vice-presidente do Conselho de Estado da Guiné-Bissau, Paulo Correia, foi preso pelo Conselho de Estado do PAIGC, sob a acusação de actividades atentatórias da do Estado — anunciou o Estado.

A prisão de Paulo Correia, que ocorreu na sequência de reuniões separadas do Conselho de Estado da Guiné-Bissau e do Bureau Político do PAIGC, foi antecedida por mais de dez prisões, nos últimos dias, confirmaram fontes guineenses.

As fontes escusaram-se a esclarecer se os detidos são militares ou civis, mas um informador frisou que se trata de uma questão interna da Guiné-Bissau.

A imunidade parlamentar, ontem retirada a Paulo Correia pelo Conselho de Estado foi também retirada ao deputado coronel Lamine Cisse, membro do Comité Central do PAIGC e do Estado-Maior das Forças Armadas guineenses, como responsável pelo seu departamento de desmobilização.

O comunicado do Conselho de Estado, que divulgou a prisão de Paulo Correia, informa que serão fornecidos nas próximas horas mais elementos sobre os factos que originaram a decisão tomada.

Paulo Correia, de 43 anos, foi o ministro das Forças Armadas (Defesa) desde o golpe de Estado de 14 de Novembro de 1980, que depôs o antigo presi-

Inundação

Trinta e oito mortos e centenas de milhões de dólares de prejuízo é o balanço de inundações devastadoras que afectaram partes de estados norte-

o guia da mulher
Bazar

TODAS AS 5.ªS-FEIRAS

DISTRIBUIÇÃO ELECTROLIBER

PREÇO 75\$00

COMPRE A SUA HABITAÇÃO

CONTRATO DE DESENVOLVIMENTO PARA HABITAÇÃO

NOVAS CONDIÇÕES DE FINANCIAMENTO

* JURO BONIFICADO *

MENSALIDADES INFERIORES A UMA RENDA VULGAR

CONSULTE-NOS NO LOCAL



SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES ERG, LDA,

TORRE 6, R/C D — TELEFONE 988 09 44
SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS
TRATAMOS DE TODA A DOCUMENTAÇÃO

ou

Paulo Correia é devida ativa de golpe de Estado"

ho de Estado

Conselho de Estado da
Correia, foi ontem detido por
Político do Comité Central do
ção de envolvimento em
rias da segurança e estabilidade
u - comunicado o Conselho de

de Luís Cabral, até 1982,
quando foi substituído naquela
pasta por Iafai Câmara, o co-
mandante da unidade de blindas
dos no golpe de Estado.

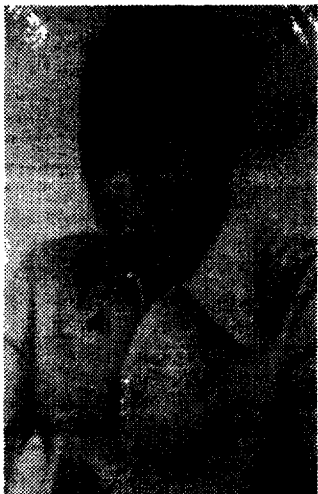
Paulo Correia é coronel do
Exército (as Forças Armadas
revolucionárias do povo, do
PAIGC e da Guiné-Bissau) e é
vulgarmente considerado o mais
alto dirigente político e militar
da etnia balanta, que constitui
maioritariamente as Forças Ar-
madas do país.

A prisão de Paulo Correia
ocorreu depois de o presidente
guineense, João Bernardo
Vieira, ter regressado ao país na
terça-feira, de um período de
repouso em Portugal e após ter
participado em Nova Iorque nas
celebrações do quadragésimo
aniversário da ONU.

Desde a independência da
Guiné-Bissau e já nos últimos
anos da luta armada, Paulo Cor-
reia foi considerado um dos
mais importantes dirigentes mi-
litares e políticos da Guiné-Bis-
sau.

Os implicados

Quatro comandantes das For-
ças Armadas guineenses afirma-



Paulo Correia, detido por
ordem do Presidente

ram ontem terem sido contacta-
dos pelo ex-vice-presidente do
Conselho de Estado, Paulo Cor-
reia, para «darem um golpe de
Estado».

As declarações dos militares
foram feitas através de grava-
ções transmitidas pela emissora
oficial, após o noticiário das 20
horas em dialecto crioulo.

Os quatro implicados que
prestaram declarações são Tuy
Nambagna, major da Brigada
Mecanizada 14 de Novembro,
Uanga Nanfate, terceiro comis-
sário das FARP, Ítaca Nanhaia,
major-comandante da Polícia
Militar e Binhancara Nant-
changa, ex-chefe da Casa Civil
do presidente Nino Vieira, que
deveria ter comandado a opera-
ção do golpe.

Nas suas declarações os im-
plicados, todos de etnia balanta,
afirmaram terem sido contacta-
dos por Paulo Correia, que tam-
bém é balanta, para darem um
golpe de Estado e prender Nino
Vieira.

Nas suas declarações, os mili-
tares balantas referiram igual-
mente a existência de uma lista
de «conjurados» que Paulo Cor-
reia teria pedido para ser feita,
de «homens dispostos a alterar
as coisas».

Outro nome referido, e que é
dado como igualmente detido, é
o de Viriato Pam, antigo procu-
rador-geral da República e ac-
tual director-geral das Finanças.

«Não queríamos matar o ca-
marada Nino, mas sim chamar-
-lhe a atenção para as coisas que
não andam bem no Governo»,
disse um dos implicados.

A emissora oficial da Gui-
né-Bissau revelou entretanto
que o Bureau Político do
PAIGC colocará à disposição de
Paulo Correia «alguns elemen-
tos comprovativos do seu en-
volvimento, para um esclareci-
mento cabal dos militantes do
partido e do povo em geral».

Ao longo da tarde de ontem, a
estação emissora da Guiné-Bis-
sai só transmitiu música revo-
lucionária do tempo da luta ar-
mada de libertação nacional.

Fontes guineenses referem
que não há qualquer agitação e a
vida prossegue normalmente na
capital.

Encontros de Moscovo não deram resultados esperados por Washington

O conselheiro especial nor-
te-americano para o controlo
de armas, Paul Nitze, disse
que as conversações prepara-
tórias de Moscovo para a pró-
xima cimeira Reagan-Gorba-
chev produziram menos resul-
tados do que Washington es-
perava.

Nitze, que acompanhou o
secretário de Estado norte-
americano George Shultz du-
rante as 14 horas de conversa-
ções que este manteve com o
líder soviético Mikhail Gorba-
chev e com o ministro dos Ne-
gócios Estrangeiros Eduard
Shevardnadze, falou aos jor-
nalistas após um breve encon-
tro com negociadores de ar-
mas norte-americanos em Ge-
nebra e com os seus aliados da
NATO, em Bruxelas.

Entre os obstáculos encon-
trados em Moscovo, Nitze sa-
lientou a exigência soviética de
que as armas nucleares france-
sas e britânicas sejam referidas
nas conversações, contraria-
mente às suas armas estratégi-
cas.

Nitze não negou, todavia, a
possibilidade de Gorbachev e
Reagan chegarem a acordo,
durante a cimeira a decorrer
nos próximos dias 19 e 20, a
primeira cimeira das duas su-
perpotências no espaço de seis
anos.

Interrogado sobre se os alia-
dos estão alarmados com a
possibilidade de a cimeira fra-
cassar, Nitze respondeu nega-
tivamente.

«Creio que há consenso
quanto ao facto de os prepara-
tivos visarem facilitar o encon-
tro de Genebra e a produção
de resultados positivos», refe-
riu.

Durante duas horas, Nitze
reuniu-se com embaixadores
dos 16 países da NATO, o últi-
mo de uma série de encontros
dos EUA com os seus parcei-
ros da Aliança Atlântica.

O conselheiro especial nor-
te-americano para o controlo
de armas tentou explicar as re-
centes afirmações do presiden-

te Reagan durante a entrevista
que concedeu a quatro jorna-
listas soviéticos ao dizer que
abandonaria o projecto Guer-
ra das Estrelas se houvesse um
acordo quanto à abolição de
armas nucleares.

«Creio que o presidente gos-
taria imenso de ver concretiza-
das duas coisas — uma seria a
eventual eliminação de todas
as armas nucleares e a outra
seria uma aproximação coope-
rativa com a URSS», disse.

«É claro que se isso fosse
possível numa rápida transi-
ção, seria o ideal, mas creio
que se não for conseguida a
concretização rápida desse ob-
jectivo, ele tornar-se-á impos-
sível», acrescentou Nitze.

O facto de a URSS ter já
apresentado uma proposta
global para que seja concluído
em Genebra um acordo sepa-
rado sobre mísseis de médio-
alcance, foi, no entanto, consi-
derado por Nitze como um
considerável progresso.

Moscovo comemorou hoje aniversário da revolução

Tropas, tanques e transporta-
dores de mísseis desfilaram hoje
na Praça Vermelha, em Mos-
covo, durante as celebrações do
aniversário da Revolução Russa
de 1917, que anualmente in-
cluem uma parada militar, pela
primeira vez presididas por
Mikhail Gorbachev.

Também pela primeira vez
em vários anos, nenhum mem-
bro do Politburo dirigente da
URSS esteve ausente do topo do
mausoléu de Lenine, não re-
caído portano as atenções
sobre as faltas ou os altos fun-
cionários doentes. Sob a presi-
dência do líder do Partido Co-
munista, os líderes do Kremlin e
os chefes militares assistiram ao
desfile.

O ministro da Defesa, Sergei
Sokolov, passou em revista as
tropas em parada e efectuou um
discurso advertindo para os pe-

rigos da guerra colocados pelo
«imperialismo» norte-ameri-
cano.

Sokolov abriu a parada rece-
bendo uma saudação cerimonial
das tropas, para dizer depois, a
duas semanas da Cimeira de
Genebra: «a União Soviética
luta sem cessar para limitar o
crescimento da ameaça nu-
clear».

Acompanhando os líderes
soviéticos no topo do mausoléu
de Lenine, habitualmente reser-
vado apenas para os chefes do
Kremlin, estava o presidente
etiopie Mengistu Hailé Mariam,
que efectua presentemente uma
visita oficial à URSS.

Gorbachev, que se encontra
em Genebra, no próximo dia 19,
com o presidente norte-ameri-
cano, Ronald Reagan, para a
primeira cimeira entre os dois
líderes, estava à esquerda de
Sokolov, acompanhado pelo

presidente, Andrei Gromyko e o
primeiro-ministro, Nikolai
Ryzhkov. Acenou para os con-
vidados para as celebrações ao
tomar o seu lugar.

«O povo soviético está pro-
fundamente consciente do grave
perigo da guerra resultante dos
planos dos centros reacção-
ários do imperialismo, sobretudo
do imperialismo americano,
para alcançar a superioridade
militar sobre a URSS a todo o
custo, incluindo o desenvolvi-
mento de armas de ataque no
Espaço», declarou Sokolov, 74
anos.

Concluiu afirmando que «as
autoridades e os homens sovié-
ticos mantêm uma guarda vigi-
lante sobre as vitórias do Socia-
lismo e estão sempre preparados
para desferirem uma derrota
esmagadora a qualquer agres-
sor».

ões fazem 38 mortos nos EUA

-americanos da costa atlântica,
segundo notícia hoje publicada.

Rios cujas águas atingiram
níveis recorde estão a regressar
ao normal em muitas áreas. Para
além dos mortos há ainda a re-

gistar 20 desaparecidos devido
às inundações, que se seguiram
a três dias de chuva intensa.

Mais de duas mil pessoas
continuavam ontem fora de suas

casas nos estados da Pensilvânia
e de Virgínia.

Em Washington foram toma-
das várias medidas de preven-
ção contra possíveis inunda-
ções.

COMARCA DE 5.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA ANÚNCIO

Para citação
de credores desconhecidos

Pelo Juízo de Direito desta comarca,
1.ª Secção, correm editos de vinte dias,
contados da segunda e última publica-
ção deste anúncio, citando os credores
desconhecidos do executado José An-
tónio Matos Perdigo, residente na Rua
António Matos Costa, S. Romão, Vila
Viçosa.

Para no prazo de dez dias, posterior
àquele dos editos, deduzirem os seus
direitos na execução movida por Com-
panhia de Seguros Império, Rua Gar-
rett, 56 em Lisboa, desde que gozem de
garantia real sobre os bens penhorados.
Lisboa, 22 de Outubro de 1985.

O Juiz de Direito
(a) Manuel Maria Duarte Soares
O Escrivão
(a) Maria Filomena Adónis Maia

D.L. 7/11/85 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA 12.º JUÍZO CÍVEL ANÚNCIO

São citados os credores desco-
nhcidos que gozem de garantia real
sobre os bens penhorados aos exe-
cutados para reclamarem o paga-
mento dos respectivos créditos, pelo
produto de tais bens, no prazo de dez
dias, depois de decorrida a dilação de
vinte dias, que se começará a contar
da data da 2.ª e última publicação do
anúncio.

Execução SUMÁRIA n.º 2875, 3.ª
Secção.
Exequentes — COMPANHIA DE
SEGUROS IMPÉRIO EP.
Executado — VIEGAS E VIEGAS
LD., com sede na Rua Tavares Re-
sende n.º 80, em PONTA DELGADA.
Lisboa, 21 de Outubro de 1985.

O JUIZ DE DIREITO
(legível)
O ESCRIVÃO ADJUNTO
(legível)
DL 7/11/85 — 2.ª PUB.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 6.º JUÍZO ANÚNCIO

São citados os credores desco-
nhcidos que gozem de garantia real sobre os
bens penhorados aos executados para
reclamarem o pagamento dos respecti-
vos créditos, pelo produto de tais bens,
no prazo de dez dias depois de decor-
rida a dilação de vinte dias, que se co-
meçará a contar da segunda e última
publicação do anúncio.

Execução de Sentença n.º 3101-B-2.ª
Secção.
Exequentes — Companhia de Seguros
Império, E.P.
Executado — Euroaudio — Material
para Gravações, Lda, com sede em Ca-
sais do Pedregão, Caldas da Rainha.
Lisboa, 25 de Outubro de 1985.

O JUIZ DE DIREITO
J. Carvalho Pinheiro
Pel'O ESCRIVÃO DE DIREITO
Abílio António Garrido Silva
DL 7/11/85 — 2.ª Pub.

o guia da mulher
Bazar

TODAS AS 5.ªS-FEIRAS

DISTRIBUIÇÃO ELECTROLIBER

PREÇO 75\$00

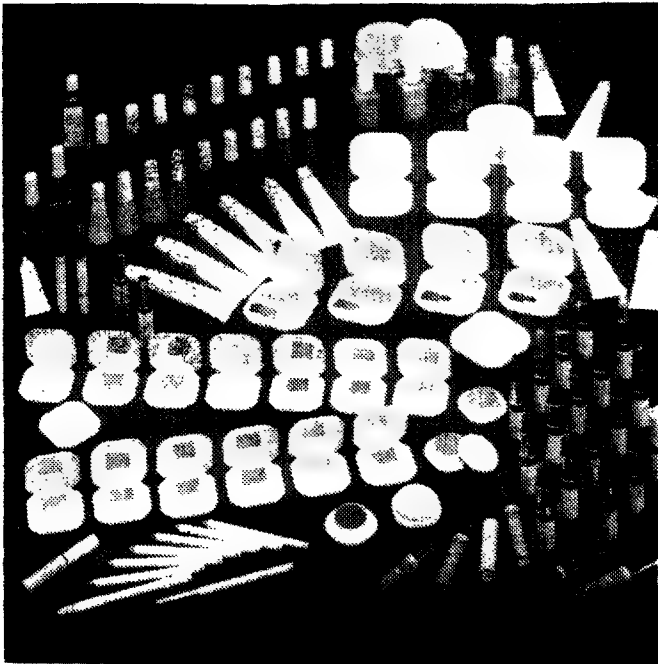
PESSOAS E FACTOS

ROC garante cosmética antialérgica

A aspiração da mulher que preza o seu aspecto, a sua beleza mas também a sua saúde, obrigou muitas das empresas de cosméticos a estudar e produzir gamas anti-alérgicas, já que estatísticas recentes, elaboradas sobretudo em meios hospitalares belgas e americanos, demonstram que os produtos de maquilhagem correntes são a causa principal das reacções alérgicas que podem afectar o rosto.

Os Laboratórios ROC aparecem, assim, no mercado farmacêutico, com uma gama de produtos em que aplicam o seu conceito: a hipo-alergia de todas as suas fórmulas, possibilitando à mulher uma maquilhagem sem perigo.

Para que tal se conseguisse, a gama «ROC» prescindiu totalmente de perfumes — um dos principais responsáveis pelas alergias na elaboração de cosméticos — bem como se limitou a seleccionar apenas 12 corantes entre os 110 admitidos pela CEE e os 130 aceites nos EUA, para além de um profundo trata-



mento que inclui controlos microbiológicos para eliminação de bactérias, por esterilização e cromatográficos, para detecção de corantes parasitas.

Testes rigorosos, feitos em

hospitais, sobre centenas de pessoas com as mais diversas alergias, conferiram aos produtos «ROC» a necessária idoneidade para serem recomendados por dermatologistas.

Filhos de emigrantes visitam Portugal

A TAP AIR PORTUGAL, em colaboração com o Banco Pinto & Sotto Mayor, trouxe a Portugal, tal como já acontecera em 1984, um grupo de trinta e quatro jovens de idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos, acompanhados de dois professores. Esta viagem constitui o prémio de um concurso, em que estes estudantes foram os primeiros classificados nas matérias de língua e cultura portuguesas.

Do programa de estadia do

grupo de estudantes, filhos de emigrantes radicados em França, constava uma visita às instalações da TAP AIR PORTUGAL, onde tiveram oportunidade de conhecer detalhadamente o interior de um avião.

Por outro lado, visitaram monumentos, palácios e museus, bem como zonas turísticas como Queluz, Sintra, Óbidos, Cascais, Sesimbra, Évora, Vila Viçosa, Estremoz, Arraiolos, Setúbal e Peniche, entre outras.



Manutenção da TAP faz entrar divisas

Os Serviços de Manutenção e Engenharia da TAP AIR PORTUGAL receberam mais um Boeing tipo B. 727-200, desta vez da Companhia Dominicana Aviação, já cliente tradicional de há alguns anos. Este avião irá ser submetido a trabalhos de grande inspecção naqueles serviços (revisão global do avião, motorese componentes), os quais decorrerão em simultâneo com a execução das grandes revisões para a companhia americana Federal Express, cujo contrato, assinado no primeiro trimestre de 1984, tem vindo a ser cumprido com a maior regu-

laridade e com excelentes resultados.

Até à data, a TAP já entregou dezanove aviões, estando a decorrer os trabalhos do vigésimo, o que representa um avião em cada mês. Dos aviões já inspeccionados resulta uma facturação na ordem dos 21 milhões de dólares — perto de 3 milhões e meio de contos — e uma ocupação de cerca de 400 postos de trabalho. Este contrato, que virá a prolongar-se até Abril de 1987, faz prever uma receita final, para os trinta e cinco aviões, de 38 milhões de dólares (cerca de 6 milhões e 300 mil contos).

“Beltrão Coelho” apresenta novos produtos

Nascida há quase quarenta anos, a Beltrão Coelho, L.ª, sempre esteve vocacionada para a área de comercialização de «Sistemas de Escritório». Sendo uma das pioneiras em Portugal dos elementos básicos de fotografia, rapidamente evoluiu para a fotografia instantânea, o microfilme e a reprografia. Acreditando na revolução dos meios audiovisuais, participa também na revolução produzida pela informática e os sistemas de discos «ópticos laser». Gerida pelo eng.º António Beltrão Coelho, emprega 150 trabalhadores em Lisboa e possui filiais no Porto, Setúbal, Braga, Aveiro e Coimbra.

Aproveitando o início da comercialização de novos produtos ou novas gamas de produtos antigos, a Beltrão Coelho apresentou ante-ontem à Comunicação Social e às empresas todo um conjunto de aparelhos da mais recente tecnologia. Entre eles, destaque para o disco óptico da Sanyo, baseado na utilização do «laser», uma nova dimensão no tratamento da documentação: 40 000 páginas A4 por disco e acesso imediato a 300 000 documentos. Ainda neste campo apresentou a nova gama Agfa-Gevaert, com dois microfílmadores rotativos de alta velocidade, com terminal de pesquisa automática e um leitor-reprodutor em papel comum.

Telecopiadores e vídeos Hitachi, fotocopiadores Agfa-Gevaert e Nashua, sistemas de reprodução e filtros Polaroid, máquinas de escrever electrónicas Magma e microcomputadores e calculadoras Casio eram alguns dos restantes produtos presentes na mostra do 1.º andar do Hotel Meridien, em Lisboa.

Quando faltam 700 mil casas

Empresas de construção civil trabalham a 60 por cento

As empresas de construção civil e obras públicas estão a funcionar a 60 por cento da sua capacidade instalada, quando «faltam 700 mil casas para que cada família possa dispor de habitação condigna», afirma uma publicação da Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas (AECOPS) hoje divulgada. A maior causa de paralisação das empresas portuguesas do sector reside na quebra em 38,5 por cento nas obras públicas registada no primeiro semestre deste ano, altura em que também a construção de habitação desceu em 14,1 por cento.

A avaliar pelos indicadores revelados pelo documento da AECOPS, dois tipos de problemas estão na base da crise a que chegou o sector português de construção civil e obras públicas.

Uma, decorrente da incapacidade de investigação do Estado e da diminuição do poder de compra das populações, cerca de 40 mil pedidos de empréstimo em 1981 contra cerca de 27 mil em 1983. O outro, de dificuldades de investimento identificadas pelos industriais: de um grupo de empresas contactadas pela AECOPS, 86 por cento consideram como «a principal dificuldade com que se defrontam» a carga fiscal, 72 por cento apontam para o custo dos encargos financeiros, 68 por cento para dificuldades de recebimento e 58 por cento, ausência de incentivos ao investimento.

Ao nível das obras públicas, a situação de crise é particularmente visível na forma como as empresas, dada a desocupação da sua capacidade instalada, têm de concorrer aos concursos públicos através de «propostas com preços normalmente baixos».

Para ocupar a sua capacidade instalada, as empresas concorrem aos concursos públicos com propostas feitas abaixo das bases de licitação avançadas pelo adjudicador, ao ponto de, em Agosto deste ano, essas diferenças no seu conjunto atingirem já os três milhões de contos.

Outro sintoma da crise das empresas de obras públicas é o facto de, em média, se apresentarem aos concursos cerca de seis vezes por mês para conseguir uma adjudicação.

É que, além de não construírem muita coisa, os adjudicatários (onde o Estado ocupa uma posição de destaque) diminuí-

ram também as reparações do que já está feito, como o prova o facto de as empreitadas para reparações terem diminuído em 50 por cento nos últimos dez anos. Ou seja, quando há dez anos representavam 10 por cento da facturação global do sector de obras públicas, hoje ficam-se pelos 5 por cento.

Em Portugal, a construção civil e obras públicas representa 40 por cento do total do investimento e, na medida em que incorpora materiais e equipamentos importados em apenas 25 por cento, a crise que atravessa afecta consequentemente uma grande faixa da economia portuguesa. Actualmente, em comparação com 1984, consome-se menos 22,5 por cento de aço e menos 8,5 por cento de cimento.

Lei das Rendias e «senhorios sem rosto»

Em termos de percentagem, mesmo assim o sector de obras públicas fica abaixo dos países europeus que, apesar de terem os problemas básicos resolvidos (ao contrário do que acontece em Portugal), continuam a ter neste sector quase metade do total do seu investimento, de acordo com informações da AECOPS.

O presidente da Associação afirmou à ANOP que «o reforço do investimento orçamental em obras públicas, a aplicação dos fundos da CEE e o cumprimento da Lei das Rendias» são os principais factores de que dependerá o relançamento do sector de construção civil e obras públicas.

«O investimento tem caído e é preciso relançá-lo, até porque as carências existem e pensamos que a aplicação dos fundos do FEDER deve ser feita como um investimento a mais, independentemente do reforço orçamental para o investimento no sector», disse Vítor Marques dos Santos.

Interrogado sobre a necessidade de implementar os grandes projectos nacionais (como o Alqueva), como forma de viabilizar empresas de construção, o presidente da AECOPS defendeu: «só em caso de absoluta necessidade». «Nunca criar obras para as empresas terem trabalho, uma vez que teríamos todos de pagar uma situação dessas mais tarde ou mais cedo», acrescentou.

No que respeita à construção de habitação, Vítor Marques dos Santos defende que «a Lei das Rendias vai, para já, trazer para o investimento os chamados «senhorios sem rosto», uma vez que o senhorio tradicional vai demorar mais tempo a readquirir a confiança».

«Senhorios sem rostos podem ser empresas, ou grupos de empresas (como as seguradoras) que, conjuntamente ou não, com construtores em dificuldades para vender casas, passem a intervir no mercado de aluguer», explicou Vítor Marques dos Santos.

COTAÇÕES DE NOTAS		(Por unidade)	
		COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	55\$60	61\$60	
ALEMANHA FED (marco)	61\$65	62\$85	
ÁUSTRIA (xelim)	8\$70	8\$90	
BÉLGICA (franco)	2\$886	3\$086	
BRASIL (cruzeiro)	\$009	\$019	
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	116\$60	119\$10	
(notas de 5 a 1000)	117\$10	119\$60	
DINAMARCA (coroa)	17\$00	17\$40	
ESPAÑA (peseta)	\$976	\$1096	
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	160\$70	164\$20	
(notas de 5 a 1000)	161\$20	164\$70	
FINLÂNDIA (marka)	28\$70	29\$30	
FRANÇA (franco)	20\$25	20\$95	
HOLANDA (florim)	54\$65	55\$75	
IRLANDA (libra)	191\$70	195\$70	
ITÁLIA (lira)	\$083	\$093	
JAPÃO (iene)	\$756	\$791	
NORUEGA (coroa)	20\$45	20\$95	
REINO UNIDO (libra)	231\$55	236\$05	
SUÉCIA (coroa)	20\$50	21\$00	
SUÍÇA (franco)	74\$90	76\$40	
VENEZUELA (bolívar)	9\$55	10\$55	

Observações:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

7.º JUÍZO

ANÚNCIO

Pela 3.ª Secção deste Juízo correm editos de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação do anúncio, citando o executado JOSÉ CARLOS LOPES JUNIOR, comerciante, actualmente residente em parte incerta e com último domicílio conhecido na Rua de Benguela, Lote 426 em Parede-Cascais, para, no prazo de CINCO DIAS, de o dos editos, na Execução Sumária n.º 2960/85 que lhe move Abel Rebelo Ranito, casado, industrial, residente na Estrada de S. Domingos de Rana em Carcavelos-Cascais, deduzir oposição, pagar ao exequente a importância de 300.000\$00 ou nomear bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido ao referido exequente o direito de nomeação de bens à penhora.

Lisboa, 18 de Outubro de 1985

O Juiz de Direito

Registral

O Escrevão Adjunto

Rui Manuel Cavaleiro Lopes

D.L. 7/12/85 — 1.ª Feil.

"Juve" defende título à porta fechada

Após mais uma ronda europeia, mais 32 concorrentes à disputa dos três torneios instituídos pela UEFA foram "peneirados" e mau grado o triunfo do FC Porto por 3-1 com a curiosidade do brasileiro Juari ter conseguido o "Hat trick" sobre o Barcelona, também a magnífica turma orientada por Artur Jorge se despediu da competição mais importante. Diga-se por força da verdade que o FC do Porto não foi eliminado pela "apregoad" superior potencialidade do seu opositor mas sim pela actuação indigna do árbitro belga que esteve presente no encontro realizado no Nou Camp. A equipa do clube excelentemente orientado por Jorge Nuno Pinto da Costa não merecia ter sido eliminada e, durante 180 minutos, demonstrou reunir a capacidade bastante para justificar a continuidade, ainda que Eurico e Futre não tivessem actuado em Barcelona e, em não se equiparam Eurico, Celso, Inácio (três defesas titularíssimos).

Quanto aos demais "resistentes" lusos, ambos foram "sofredores" até ao derradeiro silvo arbitral. Em Génova o Benfica foi batido por 1-0 e daí ressaltar quanto terão "padecido" as centenas de portugueses presentes no Estádio Luigi Ferraris. Quando ao minuto 62 Lorenzo marcou o tento da "Samp" os benfiquistas terão tremido e até final foi o que se imagina...

De qualquer modo, valeram os dois golos tidos na Luz para que a turma de Mortimore prosiga como eventual sucessor do Everton.

Em Alvalade (a história é aqui contada por Neves de Sousa), aconteceu um solitário gol de Venâncio. Que bastou.

Para além da imerecida "despedida" do FC Porto na Taça dos Campeões, outros poderosos quadros da primeira linha do

futebol europeu sofreram o afasamento. Entre eles, o Verona (campeão de Itália), que não resistiu à superioridade do seu "vizinho" Juventus, que, depois do "zero-zero" na primeira "mão", triunfou ontem por 2-0 em jogo que por imposição da UEFA se realizou sem assistentes.

Entretanto, o Áustria de Viena não resistia perante a forte turma do Bayern de Munique e o Servette (Suíça) era superado pelo Aberdeen da Escócia, que, por impedimento dos clubes ingleses, lá anda a defender a "bandeira britânica".

Para os confrontos seguintes a realizar em 5 e 19 de Março ficaram apurados: Barcelona, Anderlecht, Bayern, Steaua de Bucareste, Lahti da Finlândia, os escoceses do Aberdeen, IFK Goteborg e Juventus.

Taça das Taças: Benfica em boa (ou má?) companhia

Como já fora dito, o Benfica venceu sem muito vencer os italianos que assistiram ao encontro, todavia, porque marcou dois golos em Lisboa sem que Bento consentisse a violação das suas redes, gol do Lorenzo não lhe impediu a continuidade na competição. Como seus parceiros para a dupla ronda de Março encontram-se apurados os seguintes clubes: Dukla de Praga, Rapid de Viena, Dinamo de Kiev, Atlético de Madrid, Leningra (Dinamarca) ou Crvena Zvezda, da Jugoslávia, Dinamo de Dresden e Bayer Uerdingen. Como se vê bons clubes e "más" companhias.

Taça UEFA: Sporting: quem se segue?

Depois de passado o "susto" ontem sofrido em Alvalade, o Sporting aguarda que o sorteio de amanhã (a realizar pelas 12 horas no Hotel Sheraton, em

Continua na pág. 17

"Taça dos Campeões": Porto, 3-Barcelona, 1

Deus não é português

Bem se poderá dizer que Portugal desportivo sofreu, inteirinho, as alternâncias do marcador nas Antas, confiante que, quando se atingiu o 2-0 favorável aos "dragões", já nada poderia impedir a qualificação portista. Infelizmente, Archibald derrubou o sonho. O FC Porto, apesar de ter derrotado o Barcelona (3-1) foi eliminado da Taça dos Campeões Europeus, devido ao gol marcado fora pelos catalães.

Tendo perdido em Barcelona por 2-0, não chegou ao FC Porto conquistar idêntica diferença nas Antas, pois o tento obtido por Archibald (aos 78 minutos) desequilibrava a balança a favor dos catalães. Aliás, a história da eliminatória começou a ser escrita em Barcelona onde, como o reconheceram os próprios jornalistas espanhóis, o FC Porto foi prejudicado pelo árbitro do jogo, que lhe invalidou um "golo limpo" e não assinalou uma evidente grande penalidade por carga de Migueli a Juari no jogo de ontem, fez um "hat trick", apesar de apenas ter jogado 31 minutos. E, ao obter o 2-0 (aos 70 minutos) levou aos mais de 70 mil assistentes nas Antas a esperança de que o FC Porto poderia ultrapassar os adversários e passar à próxima eliminatória. No entanto, o gol de Archibald (78 minutos) a única coisa boa que o "internacional" escocês fez em todo o encontro, deu por terra as aspirações portistas e, como na altura se temia, ditou o apuramento dos espanhóis.

O encontro foi muito disputado durante todo o 1.º tempo, período em que nenhum gol foi marcado, apesar de ambas as equipas terem desfrutado de oportunidades. E aconteceu que

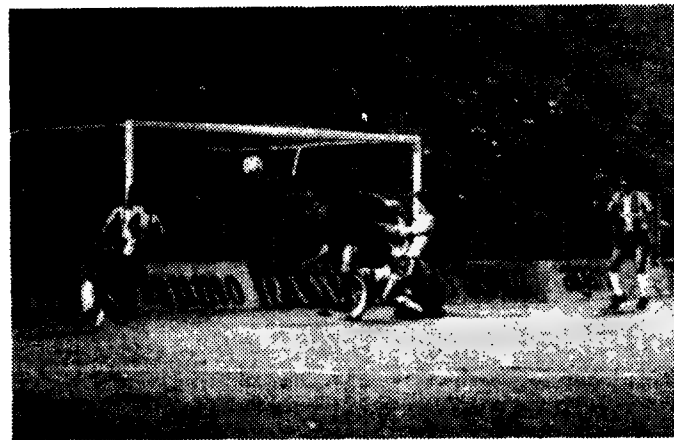
Marcos falha à boca das redes uma abertura de Schuster, o melhor elemento em campo do Barcelona. Logo de seguida, outro endosso do alemão apanhou Archibald isolado, valendo a temerária saída de Zé Beto a afastar a bola com os pés. Na resposta, o Porto poderia ter marcado se Futre tivesse sido um pouco mais rápido a acorrer a um passe de cabeça, bem medido, do irlandês Walsh.

A toada de parada e resposta continuou desta feita com Schuster (o homem do jogo), a mandar ao poste esquerdo de Zé Beto um "tiro", na cobrança de um "livre", a castigar falta sobre ele cometida por Celestino.

Depois de um período característico, com o desafio a decorrer no meio do terreno, o Porto desfrutou da sua mais soberana ocasião, por intermédio de Gomes que, isolado no eixo da área dos espanhóis, rematou de forma a permitir que Urruti desviasse com a coxa a bola para canto. E o período de abertura terminaria com Lima Pereira a deter com o peito (ficando magoado) uma recarga de Victor que levava o selo de gol.

O tempo complementar foi substancialmente diferente, com o FC Porto (que deixou Celestino nas cabanas e trouxe Vermelhinho) a mostrar-se mais acutilante na busca do gol. Aos 46 minutos Walsh (de cabeça, a centro de João Pinto) quase marcava e, sete minutos depois, o mesmo jogador escorregou na altura do disparo, quando já só tinha Urruti pela frente.

Um "livre" de Schuster (aos 52 minutos) pôs Zé Beto em dificuldade, mas era ao FC Porto que pertencia o comando do jogo e, praticamente, todas



Golpe de misericórdia no Porto

as iniciativas de ataque. No minuto imediato, Vermelhinho arrancou o melhor remate do desafio, da entrada da área, em disparo de resalto que Urruti defendeu com extrema dificuldade para canto e, aos 59, Gomes (de cabeça, a concluir centro de João Pinto), rematou à figura do "keeper" catalão.

Aos 59 minutos Juari entrou para o lugar de Semedo e tudo se modificou: aos 67, o brasileiro adivinhou bem um atraso de Caldere para Urruti, interpôs-se entre os dois e bateu o guarda-redes espanhol à vontade, fazendo o 1-0. Os espanhóis, temendo um massacre atacante dos portistas, ensaiaram alguns contra-ataques e, aos 70 m, Car-

asco falhou (incrivelmente) de cabeça, o que na altura seria um já sério golpe nas aspirações "azuis-brancas".

Depois de Futre falhar por milímetros um golo quase certo, Juari bisou, concluindo imparavelmente uma extraordinária abertura de André, um dos melhores elementos portistas em campo. O "passe de morte" do centro-campista colheu Juari desmarcado que, rapidamente, caminhou para a baliza de Urruti, e, esperando a saída do "keeper" espanhol, fez o 2-0. As Antas ficaram em delírio e o Porto carregou ainda mais no acelerador, falhando Futre (dois minutos depois do 2.º golo) o

Continua na pág. 17

Com direcção do escocês McGinlay (ajudado por Cooper e Delancy) alinharam:

Futebol Clube do Porto: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Celestino (Vermelhinho, 45) e Eduardo Luis; Semedo (Juari, 60), Laureta e André; Walsh, Gomes e Futre.

Barcelona: Urruti; Manolo, Migueli (Sanchez, 39), Júlio, Alberto e Vitor; Alesanco, Carrasco, Schuster e Caldera (Fratera, 76); Archibald e Marcos.

Cartão amarelo para André (61), Manolo (26), Caldera (55) e Schuster (68). Golos: Juari (67, 70 e 89) e Archibald (79).

penalty: 111 X21 111 1221; O Algarve: X12 121 X11 1X1X; O Jornal de Amarante: X2X XX1 111 X11X; Jornal da Beira: X11 1X1 111 XX11; Cardeal Saraiva: X11 X21 1XX 1121; Correio de Coimbra: 211 121 111 X221; Correio do Vouga: 211 121 111 1111; Jornal "A Defesa": 112 121 XX1 XXX1; Jornal "Defesa de Espinho": X11 121 X11 2121; Diário de Coimbra: 1X1 121 111 11X1; O Dia: 211 X21 211 11X2; O Diário de Lisboa: XXX 121 111 2221; Diário de Viseu: 1X1 121 111 XX21; O Distrito de Portalegre: X1X 121 X11 1X11; Dribling: 111 2X1 2X1 X2X1; Folha do Domingo: 21X 121 11X 12X1; Ecos do Cacia: 211 121 X11 1211; O Emigrante: X11 1X1 X12 1X21; Eu Sei Tudo: 211 121 11X X11X; Jornal do Fundão: X11 121 111 XXX1; Jornal Gazeta das Caldas: 11X 1X1 111 XX11; Gazeta de Felgueiras: XX1 111 1X1 12X1; Rádio Totobola: 21X XX1 111 XX21; Totobola em Linhas de Elvas: 111 X21 111 1X21; Litoral: XX1 1X1 111 1XX1; O Jornal da Lixa:

21X 121 1X1 121X; Maria da Fonte: 221 121 111 1X11; O Mensageiro: 21X 121 11X 1X2X; No Estúdio e no Estádio: 11X 111 211 1221; Notícias de Chaves: 211 X11 X11 122X; Notícias de Viseu: XX1 X21 1X1 XX21; Reconquista: 211 221 111 12X1; Rádio Alitude: X11 121 111 12X1; Clube da Manhã: XXX 111 211 11X1; Manhã Manhã: 111 XX1 XX1 X1X1; RDP/Secção Desportiva: 211 1X1 X1X X221; RDP/Tempo de Desporto: X1X 121 1XX XX1X; Boomerangue: XXX 121 111 X11X; Programa da Manhã: 111 111 XX1 1X11; Canal Mais: XXX 1XX 1XX 1111; Fotogramas: 21X X21 XX1 11XX; Palavra Puxa Palavra: XX1 XX1 111 11X1; Fora de Jogo Edição Especial/Sábado: 221 X11 112 1X1X; Grande Sábado: 22X X2X 2XX 111X; Sintonia Desportiva: XX1 1X1 2XX 111X; Bola ao Centro: 1XX 1X1 111 11XX; RR-Diário do Desporto: 2X1 X21 X11 1X11; RR-Bola Branca: 21X 1X1 11X X2X2; RR-Desporto: 211 111 1X1 11X1; Rádio Sports: XX1 221 XX1 1XXX; Jornal de Santo Tirso: 111 X21 X11 1221; Jor-

nal de Sintra: 21X 121 11X 1X2X; Jornal do Sul: 211 121 11X 1X11; Jornal Voz do Ave: XX1 X21 XX1 XXX1; Jornal "A Voz das Beiras": 2X1 2X1 111 2XX1; Jornal A Voz do Domingo: X11 121 111 1211; Jornal Voz de Lamego: 21X 121 121 1X11; O Jornal de Felgueiras: X11 X11 XX1 1111; Notícias de Felgueiras: X12 XX1 XX1 11X1; Notícias de Guimarães: 221 121 X11 21X1; A Comarca de Arganil: X11 1X1 111 1X11; O Jogo: XX1 XX1 1XX X21X; Notícias do Douro: X11 1X1 111 11X1; A Arte de Bem Madrugar: 21X X21 1X1 12XX; Jornal 1X2: 111 121 X1X X1X1; Comércio do Porto: 211 X21 111 X221; De Tudo um Pouco: 21X 121 X11 1XX1; Jornal da Graça: 2X1 X21 211 2XX1; Jornal de Notícias: 21X XX1 111 1XXX; Quadrante Norte: X11 X21 1X2 X2X2; Repórter do Dia: 211 121 1X1 X21X; Resenha Desportiva: 2X1 1X1 11X 1211; Alvo Desportivo: 21X 112 1X1 11X1; Rádio Alvo: 111 121 111 1XX1; Alvo: 211 121 111 1XX1; Alvo Suplemento: XXX X21 X11 1121; A voz dos Ridículos: X11 1X1 111 X111.

assim vai o totobola

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 45 DE 10 DE NOVEMBRO DE 1985

	R E S U M O			B O L A S (°)		
	1	X	2	1	X	2
1. Boavista-Porto	14	31	33	2	5	5
2. Bearenenses-Guimarães	54	20	4	8	3	1
3. Penafiel-Portimonense	51	24	3	8	3	1
4. Aves-Salgueiros	49	25	4	8	3	1
5. Chaves-Benfica	9	22	47	1	3	8
6. Braga-Covilhã	75	2	1	10	1	1
7. Académica-Setúbal	49	22	7	8	3	1
8. Varzim-P. Ferreira	55	22	1	8	3	1
9. Espinho-Gil Vicente	59	16	3	9	2	1
10. Caldas-Feirense	49	24	5	8	3	1
11. Mangualde-E. Portalegre	25	31	22	3	6	3
12. Lusitano-Estoril	27	33	18	4	5	3
13. Montijo-Olhansense	56	20	2	8	3	1

(*) - Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "chave" lógica será:
211 121 111 1X1X

"Taça UEFA": Sporting, 1-Dinamo de Tirana, 0

Espectáculo patrocinado pela coramina

Neves de Sousa

Fixem bem estes nomes: Fernando Manuel Antunes Mendes, Mário Jorge da Silva Pinho Fernandes, António Maurício Farinha Morato, Pedro Manuel Ragateiro Venâncio e Luís Filipe Vieira Carvalha. Pois bem: só um cataclismo, um azar de todos os diabos, poderá impedi-los de bem representarem a jovem guarda do futebol português na esplendorosa montra mexicana.

Fernando Mendes completou 19 anos anteontem. Mário Jorge tem 24 primaveras. Morato aniversariou exactamente ontem: 21 anos. O setubalense Venâncio prepara-se para a festa dos 22 e o sanjoanense Litos viaja ainda nos seus dezoito aninhos. Um ramalhete que, com um nadinha de sorte, irá (durante largos e bons tempos) mostrar como é belo e vibrante o futebol maravilhoso que, como aconteceu na noite serena de ontem, cata-

pultou uma boa tonelada de situações para golo até junto da baliza albanesa: apenas aí estava um mocetão (de apelido Luarazi) que, se joga sempre assim, adeus minhas encomendas: pode ficar firme numa selecção do mundo.

E que foram tantas, mas mesmo tão avassaladoras, as avançadas, construídas pelos jovens sportinguistas ou pelos sapientes Sousa, Gabriel e Jaime Pacheco que, tanto os antigos juniores «verde-brancos» como a trindade que já desfilou com as cores portistas, ainda a esta hora estarão interrogando os céus sobre o motivo por que apenas uma bolinha conseguiu ficar anichada nas redes de Tirana, embora (caprichosa e malvada) por um ror de vezes tivesse andado a fazer negaças sobre o risco branco, beijando a mdeira, caindo dos ares para as mãos de um guarda-redes estupefacto com a exibição de toda a sua vida.

Carregou, a todo o gás, o Sporting inicial: do lado de lá, uma muralha (sem pruridos de linhagem) aliviava como podia. Só que «vejam lá como são as coisas» suportando 14 «pontapés de canto», assistindo a 18 defesas de Luarazi (meia dúzia delas com autêntico rótulo de golo), aplaudindo a madeira branca que, por três vezes, tangueou a esferinha dando-lhe apenas a oportunidade de uma roçadela (ou beijoca mais definida) os pupilos do albanês

Fatmir Frasheri andaram uma cinquentena de minutos verdadeiramente apalermados com aquele bodo aos pobres com que o Sporting contemplava as visitas, em noite que foi de grande prejuízo para o seu novo restaurante (impedido de fornecer vinhos para as refeições por ordem policial recebida uefeiramente?) e também de total zero para um rapazito apelidado de Kove que, entrando logo aos 22 minutos para tentar tapar as progressões rutilantes de Mário

Jorge, deve estar a esta hora na bicha para ser visto por um oftalmologista do «Gama Pinto», que certamente lhe vai preceituar diotrias de velhinho para, da próxima, conseguir ver o alvo perto da sua mira.

Como se notou, o Sporting só não atingiu altura inusitada em termos de marcador porque a



Uma vez mais a bola vai cair nas mãos de Luarazi

para aí do Carlos Miguel face a um Cassius Clay, com ar mais asseado que a menina que sabemos mas menos formoso no conjunto geral, na escultura.

É que, sem dúvida alguma, os albaneses esperaram por uma «cabazada» e, no fim de contas, saíram airosoamente apenas ao de leve feridos por aquele flecha com curare que Venâncio, insa-

outra banda, só arame farpado, sustos e tremeliques de coração: Fernando Mendes e Mário Jorge, demónios à solta, pareciam mísseis em voo rasante, não parando para ensarilhar armas um só instante, não travando (sequer) para meter água. Ah, caramba: como eu gostava de poder correr assim!

Foi, portanto, com os altos comandos sportinguistas em pleno que Manuel José tentou uma modificação: a entrada do hercúleo Oceano (em detrimento do esgotadíssimo Sousa) tentando dar uma revitalização ao centro nevrálgico das operações. Nada: tudo continuou na mesma: muita metralha e só pólvora seca. Apresentava-se a factura mas ninguém pagava a despesa. Nem mesmo a chamada de Carlos Xavier (rendendo o lesionado Litos) veio dar outra feição mais positiva à guerrilha: tudo acabaria com o público agarrado ao coração, coramina esta manhã esgotada nas farmácias e um grande suspiro de alívio quando aqueles malteses, que às vezes poderiam

ter sido burgueses e conseguido lugar à mesa de nova eliminatória uefeira, se retiraram em paz e sossego lá para a sua terrinha fechada a sete chaves. Afinal, o espelho da baliza que Luarazi teimou em mostrar por estas áreas.

Evidentemente que não se entendeu da razão por que o argentino Saucedo (brigão e goleador) ficou toda a noite dentro do fato de treino: se, nas Antas, também se quedou Manuel Fernandes em situação idêntica e esta foi uma espécie de lei da compensação, qualquer dia o treinador sportinguista nem sequer deixa o Jordão equipar-se...

Adiante e só mais esta: que mosca teria mordido ao mister Farrell naqueles minutos em que, completamente virado do avesso, fez vista grossa a uma jâmais indesmentível grande penalidade cometida sobre Rui Jordão, mais a dois lances seguidos em que desconheceu a bandeirinha do ajudante Conney assinalando fora-de-jogo e, para cúmulo, num empurrão tão bem dado a Fernando Mendes que, se o miúdo não estivesse sobre um chão de estrelas, tinha ido parar ao outro lado do mar. Farrell, que esteve optimamente até esse desvio cerebral, acabou por borrar a pintura, apenas se safando de alguma chatice bem pior porque, afinal de contas e bem vistas as coisas, João Rocha estará amanhã em Zurique para ver que bolinha sai do tubo. E o leitor pode já ir fazendo o seu totobola, que a gente ajuda: URSS, Bélgica, Espanha, RFA, Itália, França, Escócia, Polónia, Suécia, Suíça ou Jugoslávia? Cá por mim, não se poderá escolher o Dundee dos «whiskys» ou o Hammarby da terra nórdica, das louças espampanantes?

PONTA ESQUERDA

Fortes na mala do carro de dirigente do Farense

Comunicado público do Sporting Farense:

«Segundo notícia publicada na Imprensa, o julgamento do jogador Fortes (do Farense) no Tribunal Judicial de Olhão (na sequência de incidentes ocorridos no final do jogo Olhanense-Farense), que estava marcado para segunda-feira, dia 4, foi adiado para 6 de Dezembro por não comparência do atleta, justificada por atestado médico, sendo esta a segunda vez que Fortes falta mediante a apresentação de tal documento e tendo-se os curiosos, que completamente lotavam a sala retirado protestando ruidosamente.»

A este respeito, a direcção do Sporting Clube Farense vem elucidar:

«1. O julgamento foi de facto adiado para 6 de Dezembro.

«2. O jogador Fortes não faltou pela 2.ª vez. Esteve, em 21 de Outubro, no Tribunal de Olhão, onde (aliás) foi abundantemente enovalhado e ameaçado e do qual teve que sair à sucupa na mala do carro de um dos directores do Farense. O julgamento foi na altura adiado pelo facto de o juiz ter ordenado diligências complementares.

«Na passada segunda-feira, voltou, na verdade, apesar da presença da Polícia, a verificar-se no Tribunal um ambiente impróprio, pelo que continuam a não estar reunidas condições para que a justiça seja feita, neste caso, fora de uma pressão psicológica e de uma chantagem emocional inaceitáveis.»

Morreu o «velho Plácido»

Morreu o «velho Plácido». Esta a notícia que nos chega da Invicta cidade. Armando Plácido saiu do convívio da imensa legião dos seus amigos quando apenas contava 73 anos de existência. Fica mais pobre o FC Porto que perde um dos seus mais dedicados servidores o qual durante 17 anos prestou serviços de inquestionável relevância.

Para os trabalhadores dos órgãos da Comunicação Social havia sempre a pronta colaboração e a palavra de simpatia dum Amigo.

A sua família e ao Futebol Clube do Porto apresentamos as nossas sentidas condolências.



Sousa em esforço

candeia esteve às avessas, os santos (todo o arcótipo celestial) de costas viradas. É que não fora aquele lance em que Damas andou aos malmequeres, abandonando a baliza como se estivesse perseguido por um enxame de abelhas e o outro momento em que o abnegado Gabriel impediu, mesmo à beira da ponte levadiça, a violação do castelo, e teríamos um completo galgar verde e uma esforçada e quase incrível resistência dos azuis albaneses, como se o pagode tivesse comprado bilhete para um embate entre supercampeão de pugilismo e esguio lutador de «catch», com o físico

tisfeito com o azar de Jordão e a complicação de Manuel Fernandes, resolveu despedir com a sua acha.

Cinco defesas de raiz, um meio-campo também mais preocupado com a rectaguarda que numa visão avançada, Abazi ou Topoiu saracoteando entre os guarda-frente de Damas: aí temos o panorama geral do Dinamo de Tirana, apenas esporadicamente desviado quando lhe surgia ténue hipótese de uma corridinha pelo flanco esquerdo, o único que ousaram utilizar porque, da

«Chicotada» no Juventude de Évora

Alegando que importava dar «uma satisfação à massa associativa, que não se mostra satisfeita com a carreira da equipa» os dirigentes do Juventude de Évora dispensaram os serviços do seu treinador Luís Mira, que transitoriamente foi subsidiado pelo professor João Inverno, o qual desempenhava as funções de treinador-adjunto.



Litos com a bola

Com arbitragem do irlandês Farrell (que estragou tudo o que de bom tinha feito anteriormente ao não marcar duas faltas sobre Jordão, uma delas para nítida e incontestável grande penalidade), alinharam.

Sporting: Damas; Gabriel, Venâncio, Morato e Fernando Mendes; Litos (Carlos Xavier, 78), Jaime Pacheco, Sousa (Oceano, 72) e Mário Jorge; Manuel Fernandes e Jordão.

Dinamo de Tirana: Luarazi; Stava, Ndren, Targay e Kuji; Inani (Kove, 22), Canay, Demollari e Marko; Tupoin e Abazi.

Fiscais de linha: Walsh e Conney. Cartão amarelo para Stafa, Kove e golo por Venâncio (53 minutos).



«Dragões» atacaram de fio a pavio

Porto vence mas perde

Continuação da pág. 15

3-0, rematando sesgado da direita, quando Gomes estava bem colocado no eixo da área.

Aos 78 minutos, o Barcelona, que inteligentemente não se remeteu à defesa e entretanto tinha trocado Caldere por Fradera, obteve o golo que colocaria os espanhóis na eliminatória seguinte: Victor abriu muito bem da linha de meio-campo para Archibald e o escocês, que até então nada tinha feito, evitou bem a entrada um tanto ingênua de Eduardo Luís e bateu Zé Beto, que também estava mal colocado para a trajectória da bola.

O Porto ainda faria o 3-1 (aos 89 minutos) também por Juari, mas o seu destino, apesar da bela jogada que deu o golo (Vermelhinho para Gomes e ótimo centro para o brasileiro)

estava traçado. Apesar de eliminado (mal, devido à história de Barcelona...) o Porto caiu de pé, com Laureta (o maior em campo), André, João Pinto, Lima Pereira, Gomes e Juari em grande plano. Os espanhóis tiveram (como se esperava) em Schuster o cérebro e motor, mostrando ser uma equipa que, apesar do seu inegável valor técnico, não é nada de especial, sendo, neste encontro, inferior ao Ajax que recentemente o porto eliminou.

Durante dez minutos o Porto sonhou com o êxito final: mas, subitamente, o golo de Archibald foi um banho de água gelada sobre a chuva que varria as Antas. Enfim, o Porto mostra que tem (de sobejo) equipa para revalidar o título nacional e o poderoso «Barça» um «plantel» digno das maiores ousadias.

Futebol uefeiro

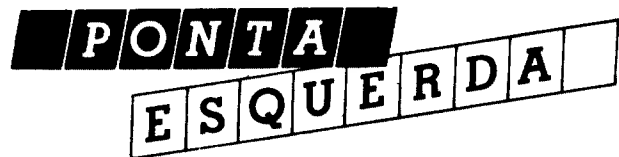
Continuação da pág. 15

Zurique) lhe destine um opositor que lhe assegure novo comentário para júbilo da sua legião de adeptos e porque não?, de orgulho para todos nós!

Entre os «desistentes» contam-se o PSV Eindhoven, Osasuna, Lokomotiv da RDA, Brugge, Partizan de Belgrado, Videoton e também o Torino. Como se vê, aconteceram surpresas e nem sempre a lógica funciona nestas coisas do jogo do «chuto na bolinha».

Para futuro confronto dos «leões» vai sair um destes: Dnepr (URSS), Waregem (Bélgica), AC Milan (Itália), Nantes (França), Inter (Itália), FC Köln (RFA), Dundee United (Escócia), Spartak de Moscovo, Real Madrid, Légia de Varsóvia, Hammarby (Suécia), Borussia de Moenchengladbach, Neuchatel (Suíça), Atlético de Bilbao e Hajduk da Jugoslávia.

Entre eles o diabo que escolha...



Portugueses de pistola e punhal detidos no Estádio de Génova

Naturalmente que para as boas normas de civismo todos estaremos de acordo de que a prevenção é bem melhor do que a repressão. A onda de violência que nos últimos tempos tem vindo a assolar os recintos desportivos, está sendo «travada» segundo decisões ajustadas e definidas pelas autoridades desportivas e pelos diversos governos. Infelizmente, andam por aí uns tantos indivíduos adeptos de cenas chocantes e quantas vezes dramáticas pelo que teremos de aplaudir a sua detenção e severa punição, mesmo que sejam portugueses como aqueles dois que ontem foram detidos à entrada do Estádio Luigi Ferraris (em Génova) por serem portadores de uma pistola metida no cano da bota e outro munido de um punhal. Uma palavra apenas: lamentável!

Balacó suspenso pelo Portimonense

Exacto: Balacó foi suspenso pelo Portimonense por se recusar a actuar perante o Boavista. Não estava com condições psicológicas — terá dito aos seus dirigentes o defesa que, no início da temporada, Manuel José pretendia que se transferisse para o Sporting.

«Taça das Taças»: Sampdoria, 1-Benfica, 0

Ultrapassagem de aflição

Uf! Foi de aflitos: mas o Benfica (embora derrotado: 0-1) conseguiu ultrapassar a barreira e saltar para nova eliminatória da Taça dos Vencedores das Taças».

O 2-0 de Lisboa chegou, mas o Sampdoria, com uma boa actuação, pressinou sempre uma equipa do Benfica que, sobretudo na 2.ª parte, não conseguiu aliviar a «avalanche» atacante adversária (sobretudo após o golo sofrido) e deixou Génova com uma qualificação algo afortunada.

O Sampdoria, com o inglês Trevor Francis e Matteoli em evidência, carregou sobre a área benfiquista durante os primeiros 30 minutos do encontro. Só depois disso os comandados por Mortimore conseguiram aliviar levemente a pressão de um adversário que procurou marcar cedo: e algumas vezes o podia ter conseguido. Aos 12 minutos, Bento defendeu um remate de Francis e, aos 37, Mancini perdeu uma oportunidade de baliza à mercê criada por uma falha da defensiva portuguesa. Porém, Diamantino (aos 20 minutos) teve um golo nos pés, na melhor oportunidade criada pela

equipa portuguesa: O deslumbamento perdeu-o.

O 0-0 ao intervalo servia o Benfica, tanto mais que a grande carga italiana estava ultrapassada. O primeiro quarto de hora do período complementar voltou a ser de intensa pressão italiana na área de rigor do Benfica, com Bento (aos 49 minutos) a falhar uma intervenção, mas a emendar para evitar o golo, e poucos depois Vierchwood a falhar o tento.

A insistência italiana acabou por dar frutos: aos 61 minutos, após uma boa jogada de combinação entre Vierchwood e Vialli, Lorenzo (pouco antes entrado em campo) inaugurou o marcador. O Benfica passou então por momentos de dificuldade, com o Sampdoria motivado pelo golo e à procura da neutralização da vantagem que o Benfica trazia de Lisboa.

O ataque genovês criou sucessivos lances de perigo e ocasiões de tento, perante uma águia sem jogo para romper a pressão que transformou em dramáticos (para a equipa portuguesa) os últimos 20 minutos do encontro. Apenas jogando à defesa (e nem sempre bem) so-

mente tentando alguns lances individuais pelo meio-campo do Sampdoria, o Benfica conseguiu chegar aos 90 minutos a perder apenas por 1-0, garantindo assim a qualificação. Mas o brilho da actuação pertenceu, quase totalmente, aos italianos.

Táticas

O técnico Mortimore denunciou muitas preocupações defensivas ao fazer alinhar no «onze» inicial cinco defesas e entregando o ataque apenas ao dinamarmarques Manniche. Mas a turma da Luz, durante a 1.ª parte, povoou todos os espaços no seu meio-campo, estorvando o avanço da defesa contrária.

Após o intervalo os italianos entraram em campo determina-

dos a resolver a eliminatória a todo o custo: beneficiando do recuo do meio-campo adversário, o conjunto do Sampdoria passou a apoquentar Bento com frequência. Bersellini (técnico italiano) fez então sair um defesa (Pari) e entrar um avançado (Lorenzo) que seis minutos decorridos concretizou da melhor forma uma rápida digressão do flanco direito genovês, apontando o único golo do jogo.

A melhor unidade no terreno foi António Augusto da Silva Veloso, o defesa-médio de S. João da Madeira, que dominou completamente a retina dos espectadores. Saliência (também) para a globalidade da defensiva portuguesa e para os transalpinos Mateoli e Scanziani. Arbitragem apenas e só excelente, sem uma falha.

Comandou o árbitro alemão-federal Volker Roth (ajudado por Rof Resiger e Wolf Rudiger) as equipas alinharam:

Sampdoria: Bordon; Pellegrini, Pari (Lorenzo, 56), Vierchwood e Manini; Scanziani, Mancini, Souness e Matreoli; Vialli e Trevor Francis.

Benfica: Bento; Samuel, Veloso, Bastos Lopes, Oliveira e Álvaro; Shéu (Nunes, 66); José Luís (Nené, 89), Carlos Manuel e Diamantino; Manniche.

Cartão amarelo para Pari, Diamantino e Vierchwood. Golo por Lorenzo (62 minutos).

Foi assim que aconteceu

Resultados da 2.ª eliminatória das várias provas do futebol uefeiro:

Taça dos Campeões

	1.ª «Mão»	2.ª «Mão»
Omonia (Ch.)-Anderlecht (Bél.)	0-1	1-3
FC Porto (Port.)-Barcelona (Esp.)	0-2	3-1
Austria Viena (Aus.)-Bayern (RFA)	2-4	3-3
Steaua (Rom.)-Honved (Hun.)	0-1	4-1
Fenerbahce (Tur.)-Goteborg (Sué.)	0-4	2-1
Juventus (It.)-Verona (It.)	0-0	2-0
Kuusysi (Fin.)-Zenit (URSS)	1-2	3-1
Aberdeen (Esc.)-Servette (Suíça)	0-0	1-0

Taça das Taças

	1.ª «Mão»	2.ª «Mão»
AIK (Suéc.)-Dukla (Chec.)	0-1	2-2
Sampdoria (It.)-Benfica (Port.)	0-2	1-0
Fram (Isl.)-Rapid (Áust.)	0-3	2-1
Dynamo Kiev (URSS)-Craiova (Rom.)	2-2	3-0
Atlético Madrid (Esp.)-Bangor (P. de Gales)	2-0	1-0
Dynamo Dresden (RDA)-Helsingi (Fin.)	0-1	7-2
Galatasaray (Turq.)-Bayer (RFA)	0-2	1-1
E. Vermelha (Jug.)-Linaby (Din.)	2-2	a)

a) O encontro foi adiado para o dia 27, pois a UEFA está a

analisar a eventual participação indevida do jugoslavo Zjajo no jogo da primeira «mão»

Taça UEFA

	1.ª «Mão»	2.ª «Mão»
Dnepr (URSS)-PSV Eindhoven (Hol.)	2-2	1-0
Osasuna (Esp.)-Waregem (Bél.)	0-2	2-1
Lokomotiv Leipzig (RDA)-Milan (It.)	0-2	3-1
Nantes (Fran.)-Partizan (Jug.)	1-1	4-0
Inter (It.)-Lask (Áust.)	0-1	4-0
Bohemians (Chec.)-Colónia (RFA)	0-4	2-4
Vardar (Jugosl.)-Dundee United (Esc.)	0-2	1-1
FC Bruges (Bél.)-Spartak Moscovo (URSS)	0-1	1-3
Tchemomoretz (URSS)-Real Madrid (Esp.)	1-2	0-0
Legia (Pol.)-Videoton (Hung.)	1-0	1-1
St. Mirren (Esc.)-Hammarby (Suéc.)	3-3	1-2
Moenchengladbach (RFA)-Sparta (Hol.)	1-1	5-1
Neuchatel (Suíça)-Lokomotiv Sófia (Bul.)	1-1	0-0
Atlético de Bilbao (Esp.)-Liège (Bél.)	1-0	3-1
Hajduk (Jug.)-Torino (It.)	1-1	3-1
Sporting (Port.)-Dynamo Tirana (Alb.)	0-0	1-0

O sorteio realiza-se amanhã em Zurique, mas apenas para a Taça UEFA.

Microscópio

Xadrez: vitória de Karpov

O campeão mundial Anatoli Karpov venceu a 22.ª partida do «match» para o título mundial, depois de Garry Kasparov reconhecer a derrota, não retomando a partida suspensa na 3.ª-feira. Kasparov soma 11.5 pontos contra 10.5 do actual campeão.

Hispanidade

O xadrezista português Júlio Fernandes venceu o angolano Alexandre Nascimento na 6.ª ronda do Torneio da Hispanidade, que está a decorrer em Madrid. O torneio reúne 28 xadrezistas e o filipino Andrónico Yap comanda a classificação, apesar da derrota frente ao espanhol Miguel Illesca.

o guia da mulher
Bazar

TODAS AS 5.ªS-FEIRAS

DISTRIBUIÇÃO ELECTROLIBER

PREÇO 75\$00

"Outra Forma de Amar" amanhã no Estúdio 444

Jorge Leitão Ramos

O Ciclo de Cinema Húngaro que temos vindo a promover em colaboração com o ABC-Cinelube de Lisboa tem o seu termo amanhã, às 18.45h, no Estúdio 444. Filme de encerramento: Outra forma de amar de Károly Makk, uma das mais controversas e ousadas fitas de recente produção magiar. O seu tema, a diferença (sexual, política).

No brevíssimo panorama que traçamos neste ciclo, panorama sumário pela sua própria dimensão, deixamos aflorar algumas das correntes determinantes da cinematografia húngara. A reflexão sobre a História iugoslava (Os oprimidos) ou de ontem (Dias frios), o olhar sobre o quotidiano (Nove meses) e, agora, uma fita que, no fundo, faz a sùmula. E é assim porque todas as vertentes do cinema magiar são apenas caminhos diversos para pensar o presente: não conheço outra cinematografia tão atenta, lúcida, empenhada.

É possível dizer que, em Budapeste, os cineastas vivem intervindo hoje, embora os focos para iluminar a realidade que habitam precisem, por vezes, de ser colocados à distância, quer porque a História explica o pre-

sente quer porque nela se encontram paradigmas quer porque é preciso não esquecer nada.

Outra forma de amar é uma história de margem: uma mulher que recusa a norma sexual (é lésbica) e política (não aceita a verdade oficial, filtrada pela táctica ou pela estratégia ou pelo «interesse colectivo»). É a história de uma mulher cuja Verdade (libidinal, ética, intelectual, deontológica) é diversa dos cânones instituídos. É, por isso, uma história de ruptura e repressão. Em 1958.

Não gosto de palavra dissidência (conspicua que está de oportunismos) mas só ela exprime a realidade desta fita.

Curiosamente o que ela mostra nem sequer é a brutal repressão: Outra forma de amar é mais inteligente que isso. Mostra a desadequação que é intole-

rância mas também — sobretudo? — incapacidade de compreender. Daí que esta fita seja tão dramática, tão gritante, tão emocionada.

Makk é um dos importantes realizadores da geração húngara dos anos 50, um dos mais velhos

e prestigiados em actividade (dele passou em Portugal o sublime Amor, por exemplo). De compromissos sabe ele e, por uma vez, deles fala, sem embargos, através de uma estética que se não exhibe mas revela notável segurança, com duas actri-

zes para aplaudir de pé (em particular Jadviga Jankowska-Cieslak), um trabalho cenográfico exemplar, uma tristeza lúcida que merece saudação.

Amanhã, às 18.45h, no Estúdio 444, exhibe-se este filme e você, leitor, está em condições

de a ele assistir em condições financeiramente muito favoráveis. Para tanto recorte o cupão que publicamos hoje e amanhã e siga as instruções nele indicadas. Apenas lhe garantimos uma coisa: vai ver um filme de que não se esquecerá tão cedo.

O desafio democrático na América Latina

Nos dias 28, 29 e 30 de Junho realizou-se em Lisboa, promovido pela Fundação das Relações Internacionais com o patrocínio da Fundação de Friedrich Ebert (RFA), da Universidade Menéndez Pelayo (Espanha), do Instituto Iberoamericano (Espanha), da Fundação do Banco Exterior (Espanha) e da Universidade Georgetown (USA), uma conferência sobre o tema: «O Desafio Democrático na América Latina». Esta iniciativa converteu Lisboa num importante «forum» internacional. Representantes de 27 países da América Latina, da América do Norte e da Europa debateram o tema e concluíram, genericamente, que «as escassas demo-

cracias existentes constituem exemplos de esperança no continente, e por essa razão necessitam também da solidariedade internacional para a sua subsistência e afirmação». Em relação à Nicarágua, a Conferência pronunciou-se pela coordenação da passada administração somozista.

À semelhança da Espanha, segundo concluiu a conferência, Portugal «não pode deixar de se afirmar como um interlocutor privilegiado para a América Latina».

Edição da Fundação de Relações Internacionais e da União Geral de Trabalhadores (UGT), Lisboa, 1985.



ABC-CINECLUBE DE LISBOA

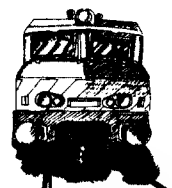


Estúdio 444
Dia 8
18.45 h

«OUTRA FORMA DE AMAR»
de KÁROLY MAKK

Recorte este cupão e entregue-o na bilheteira do cinema. Obterá um ingresso mediante o pagamento de 60\$00 (valor da quota suplementar para os sócios do ABC)

Lisboa → Porto

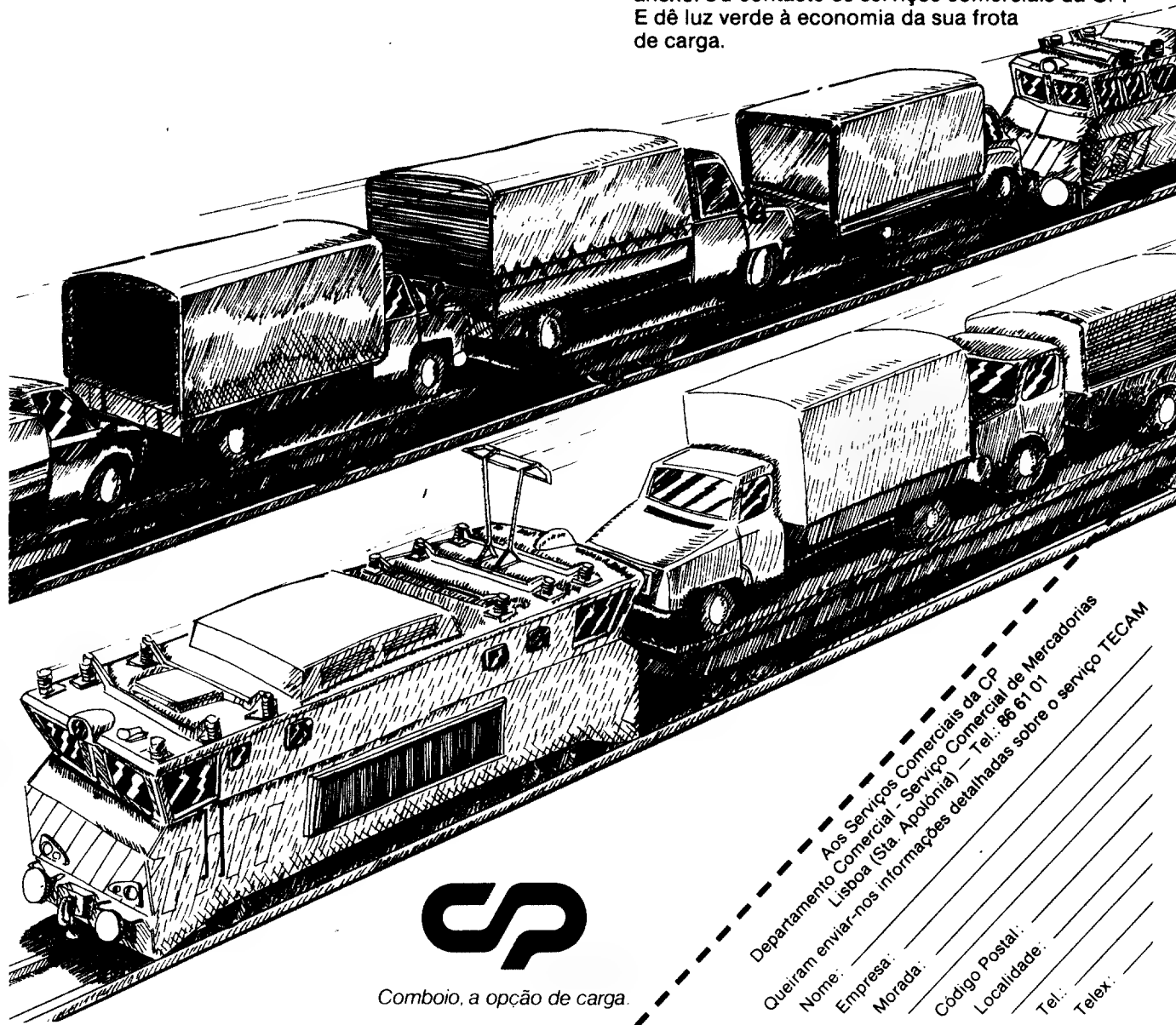


Porto → Lisboa

TECAM

O comboio que dá Kms baratos à sua frota de carga.

Tecam. O comboio da sua frota de carga. Um serviço especial da CP no eixo Lisboa-Porto. Para máxima rentabilidade, maior segurança e comodidade dos seus transportes. Faça as contas aos custos: O Tecam oferece-lhe Lisboa-Porto sem gastos em combustíveis. Lubrificantes. Pneus. Mecânica. Horas extraordinárias do pessoal. Etc.. Mais rentável. Em todos os aspectos. Sem perdas de tempo no trânsito congestionado. Diminuindo os riscos de acidentes e avarias. Com o Tecam os seus veículos de carga viajam durante a noite. E logo de manhã estão prontos a fazer a distribuição na cidade de destino. Para todas as informações envie-nos o cupão anexo. Ou contacte os serviços comerciais da CP. E dê luz verde à economia da sua frota de carga.



Comboio, a opção de carga.

Querem enviar-nos informações detalhadas sobre o serviço TECAM
Nome: _____
Empresa: _____
Morada: _____
Código Postal: _____
Localidade: _____
Tel.: _____
Telex: _____
Departamento Comercial - Serviço Comercial de Mercadorias
Lisboa (Sta Apolónia) - Tel.: 88 61 01
Aos Serviços Comerciais da CP

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1

JAMES BOND 007
"ALVO EM MOVIMENTO"
(para maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24h

Alfa 2

HISTÓRIA INTERMINÁVEL
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45,
21.45 e 00.15 h

Alfa 3

A COMPANHIA DOS LOBOS
(para maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30,
21.30 e 23.45 h

Alfa Club

T. 763319

A TESTEMUNHA
(para maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

"007 — ALVO EM MOVIMENTO"
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24h

Amoreiras 2

HISTÓRIA INTERMINÁVEL
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30,
21.30 e 23.45h

RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15h

Apolo 70

A TESTEMUNHA
(para maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24h

Ávila

— T. 539930

CRAZY FOR YOU
(maiores 12 anos)
14.45, 17, 19.10 e 21.45 h

Avis

— T. 547163

AMAR NÃO MATA
(interdito men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

A COMPANHIA DOS LOBOS
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30h

Caleidoscópio

— T. 795093

HISTÓRIA INTERMINÁVEL
(maiores 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Capitolio

— T. 372358

AS MONTADORAS SEXUAIS
(para maiores 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23 h



Uma cena do filme *Siberiada*, realizado por Andrei M. Kontchalovski. Prémio Especial do Júri do XXXII Festival de Cinema de Cannes. Em exibição no Estúdio 444

Castil

T. 530194

JUSTICEIRO SOLITÁRIO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

A TESTEMUNHA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O REGRESSO DOS HERÓIS
(maiores 13 anos)
24.00 h

Cine Camões

T. 324194

A FÚRIA DO INDOMÁVEL
(int. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca

CICLO MICHELANGELO ANTONIONI
Versão original sem legendas
(m. 12 anos)

Cine 222

— T. 579460

PERFEIÇÃO
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 h
OS VAGABUNDOS DE NOVA IORQUE
(n/ acons. 18 anos)
24 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anusha

AMADEUS
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

ENCONTRO COM O AMOR
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

OS GLORIOSOS MALUCOS DA ACADEMIA DO VOLANTE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
A DELINA
(int. 18 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

CÓDIGO DO SILÊNCIO
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Estúdio

— T. 555134

NO LIMAR DA REALIDADE
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

FOME DE VIVER
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

Estúdio 444

— T. 768078

SIBERIADA — 1.ª Parte
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

HISTÓRIA INTERMINÁVEL
(maiores 6 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Sala 2

O CLUBE
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3

MISSÃO HONG-KONG
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Forum Picoas

Audatório 1

Ciclo de Fellini AMARCOR
(maiores 13 anos)
19.00 e 21.30 h

Gemini

— T. 734009

JAMES BOND 007
"ALVO EM MOVIMENTO"
(para maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

CÓDIGO DO SILÊNCIO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e
24. h

Sala 2

ROSA PÚRPURA DO CAIRO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e
23.45 h

Império

— T. 555134

JUSTICEIRO SOLITÁRIO
(para maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

AS NOITES DE CHINA BLUE
(para maiores 18 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

CÓDIGO DO SILÊNCIO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

AS NOITES DE CHINA BLUE
(para maiores 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

A COMPANHIA DOS LOBOS
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Nimas

— T. 574362

A COMPANHIA DOS LOBOS
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Odeon

— T. 326283

MISSÃO FINAL
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30h

Olimpia

T. 325309

BELA E O SEXO
A partir das 14 horas
Sessoes contínuas
Filme pornográfico

Pathe

— 821933

FUGITIVOS DO INFERNO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h
AVENTURA EM MARRAKECH
(maiores 16 anos) 24 h

Politeama

T. 326305

O INFERNO ATRÁS DAS GRADES
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

OS FAVORITOS DA LUA
(para maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.15 h
OS TRÊS DIAS DO CONDOR
(maiores 18 anos)
23.30 h

Sala 2

O HOMEM DAS FLORES
(maiores 12 anos)
15, 17, 19.00 e 21.30 h
O GUERREIRO SAGRADO
(maiores 18 anos)
23.30 h

Sala 3

AMANTES — LOVE STREAMS
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h
MEGAFORCE
(maiores 18 anos)
24.00 h

Sala 4

MAD MAX III
— PARA ALÉM DA CÚPULA DO TROVÃO
(para maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.15 e
23.30 h
UM HOMEM
(maiores 18 anos)
23.30 h

N'GOLA

JE VOUS SALUE MARIE
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e
23.45h

Restelo

T. 610375

PARIS, TEXAS
(maiores 12 anos)
15 e 21 h

Roma

T. 889192

RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Roxy

T. 548560

OS GLORIOSOS MALUCOS DA ACADEMIA VOLANTE
(para maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

007 — ALVO EM MOVIMENTO
(para maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

Sala 2

A ROSA PÚRPURA DO CAIRO
(para maiores 6 anos)
15, 17, 19 e 21.45h

Sala 3

A TESTEMUNHA
(para maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15h

7.ª Arte

— T. 730715

PERFECT
(maiores 12 anos)
14.45, 17, 19.10 e 21.45 h

Star

— T. 804210

ANATOMIA DUMA TRAIÇÃO
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

MAD MAX — ALÉM DA CÚPULA DO TROVÃO
(para maiores 12 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30h

Tivoli

— T. 570595

RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Turim

T. 706666

REACÇÃO EM CADEIA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Vox

T. 880808

O REI DE ALPHABET CITY
(maiores 16 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

ALPHABET CITY
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

O AMANTE DE LADY CHATERELY
(interdito men. 13 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio
"O Rei da Evasão", às 15.30 e 21.30 (maiores 12 anos)

AMADORA — Cineteatro Lido
"O Sentido da Vida", às 15.30 e 21.30 (maiores 16 anos)

AMADORA — Babilónia
"Rambo — A Vingança do Herói", às 15.15, 18.30 e 21.30h (maiores 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores
"Uma agente muito especial" às 15 e 21.30h (maiores 13 anos).

MEM MARTINS — Cine Chaby
Descanso
CARLOS MANUEL
"Paulina na Praia", às 21.30h (m. 12 anos).

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL — "Finalmente a 1.ª Vez", às 17.00 e 21.15 (maiores 16 anos).

ALGÉS — Cinema 2000 "O Guerreiro Sagrado", às 15.30 e 21.30h (maiores 12 anos)

CINE IMPALA — "A Batalha de Midway", às 16.00, 21.30 h (maiores 13 anos)

SPORT ALGÉS E DAFUNDO — "O Bar da Última Esperança", às 21.30h (int. 13 anos)

PEREDE — Royal Cine — Só dá espectáculos aos fins-de-semana

Outra Banda

ALMADA — Academia — "Continuam a Chamar-me Trinitá", às 15.30 e 21.30h (maiores 13 anos)

ALMADA — Inerivel — "Chamavam-lhe Cleopatra Jones", às 15.30 e 21.30 h (int. men. 13 anos)

TRAFARIA — Pavilhão Jardim — "O Sindicato do Suborno", às 21.30 h (maiores 16 anos).

Porto

AGUIA DE OURO — "A Fúria do Herói", às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 (maiores 16 anos)

BATALHA — "Mad Max — Além da cúpula do trovão", às 14.30, 16.30 e 21.45 (maiores 12 anos)

CHARLOT — "Missão Hong-Kong", às 15.15, 18 e 21.30 (m. 12 anos)

COLISEU — "007 — Alvo em Movimento", às 16.40, 18 e 21.30 (maiores 12 anos)

FOCO — "História Interminável", às 14, 16.30 e 21.45 (maiores 6 anos)

JÚLIO DINIZ — "A Pensão do Amor Livre", às 15.30 e 21.30 (int. 18 anos)

Lisboa — PERMANENTE — AREIRO - APEADEIRO: Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); CAMPO DE OURIQUE: Lobe, R. Infartaria 16, 98-B (T. 688807); ESTEFÂNIA: Mundial, L. D. Estefânia, 10 (T. 545578); JOÃO XXI: Onilda, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); LUMIAR: Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); MARTIM MONIZ: Ferrão, R. da Mouraria, 12-16 (T. 860464); MERCADO DO CHILE: Alcañis, R. Carvalho Araújo, 46-B (T. 841708); OLIVAIS NORTE: Central dos Olivais, R. Alferes Barrilero Ruas, 7-C (T. 315539); PALHAVA: Aguiar, Av. Colúmbano Bordoal Pinheiro, 98-A (T. 720934); PARQUE EDUARDO VII: Gomes, R. Rodrigo da Fonseca, 101-A (T. 682333); SANTO AMARO: Correia Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625); SAPADES: Zema, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); BRANDOA - AMADORA: Tavares Matos, R. 8, lote 308 (T. 993220); ODIVELAS: Catela Tavares, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 9815446); PONTINHA: Pontinha, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — AJUDA: Lúcia Almeida, C. da Ajuda, 170 (T. 637318); ALVALADE: Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (T. 897958); AVENIDAS NOVAS: Valle, Av. Marquês de Tomar, 47 (T. 773043); BENFICA-IGREJA: Marques, E. de Benfca, 648 (T. 700096); CAMOES: Andrade, R. do Alecrim, 125-127 (T. 322328); CAMPO DE SANTANA: Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (T. 553308); CAMPOLIDE: Pátria, C. dos Mestres, 30-A (T. 680627); LAPA: Rodrigues & Aires, R. da Lapa, 52-54 (T. 662246); PENHA DE FRANÇA: Central da Penha, R. da Penha de França, 58-60 (T. 849245); PICHELEIRA: Mariz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); VALE FORMOSO - POÇO DO BISPO: Barros Gouveia, R. Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 855180); BURACA - AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); OLIVAL BASTO: Nova, R. dos Acores, 11-A (T. 9810305); PRIOR VELHO: Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T. 2750271). Permanente; COVA DA PIEDADE: Cerqueira, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; COSTA DE CAPARICA: Chai, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; LARANJEIRO: Moderna, P. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; SESIMBRA: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 223471). Até às 19 horas; LAVRADIO: J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; BARREIRO: Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212). Permanente; BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 22 horas; CORROIOS: Lino, Alfirim, Sesimbra (T. 223284). Até às 19 horas; CRUZ DE PAU: Duarte Ramos, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul (T. 2243143). Até às 22 horas; ARRENTELA: Lusitana, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; MONTIJO: Higien, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; MOITA: Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; ALHOS VEDROS:

Gumão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; ALCOCHETE: Gameiro, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; SETÚBAL: Brasil, P. do Brasil, 15 (T. 24788). Permanente; Costa, R. da Misericórdia 48 (T. 22760). Permanente; Moreira Martins, P. Olga Sarmento, 14 (T. 26051). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 2101161). Permanente; LINDA-A-VELHA: Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Permanente; TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; ALCABIDE-CHE: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmo Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; CAXIAS: Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Permanente; MALVEIRA DA SERRA: Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; OELRAS: Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 horas; CARCAVELOS: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; PAREDE: Macau, R. Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; SASSOEIROS: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; BIRRE: Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); MADORNA: Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; AMOREIRA: ABRANTES, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; ESTORIL: Parque, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; CASCAIS: Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T. 4938424). Permanente; Nunes, E. Serra da Mira, Falagueira (T. 4937543). Até às 22 horas; Confinça, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 4938149). Até às 22 horas; DAMAIA: Confiança, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 9712023). Até às 22 horas; QUELUZ: Pereira Dias, Monte Abraão (T. 437556). Até às 22 horas; CAMARATE: Mendonça, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; CEM: Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T. 9242181). Permanente; MEM MARTINS: Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; MERCES: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; RINCHOA: Cargaleiro Lourenço, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; SINTRA: Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (T. 9230832). Permanente; COLARES: Abreja (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Varela, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Permanente; SACAVEM: Lourenço, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Até às 22 horas; LOURES: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 2531240). Até às 22 horas.

Porto — DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS — VITÓRIA: P. da Liberdade, 34; CONFINÇA, R. de Santa Catarina, 960; NAU VITÓRIA, R. de Nau Vitória, 723, ao Semide; MENESES DE LIMA, P. Dr. Teotónio Pereira, 227; COSTA LIMA, Av. da Boavista, 855.

TEATROS

Teatro e Copos — Finalmente Club

R. da Palmeira, 36 — Tel. 37 26 52
De segunda a sábado, às 00.30

«NÃO HÁ NADA P'RA NINGUÉM», Espectáculo em travesti. Conduzido por Lydia Barloff, com interpretações de Cindy Serash, Lydua Barloff, Ruth Briden e Vicky Batton.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Tel. 76 86 09

De terça a sábado às 21.30, domingos às 16.00

«JARDIM DE OUTONO», de Lilian Hellman. Encenação de Luzia Maria Martins. Com Carlos Mourato, Carlos Santos, Carmen Mendes, Clara Jona, Fernanda Coimbra, Fernanda Montemor e Helena Félix.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 770969

De terça a sábado, às 21.45
Aos domingos às 16.00

«TU E EU», de Friedrich Schlegel. Tradução de Vera San-Payo Lemos. José Fanha e João Lourenço. Cenografia de Ângelo Sousa. Música de Pedro Osório.

Teatro Maria Vitória

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

De terça a sábado, às 20.30 e 22.45, domingos às 16.00.

A nova fase da revista «NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson e Mário Zambujal. Interpretado por Eugénio Salvador, Ivone Silva, Henrique Santana, Linda Silva, Carlos Cunha e Maria Armada.

AB

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 2.ª a domingo, às 21.45. Sábados e domingos, às 21.45 e 16.00.

«FININHO MAS JEITOSINHO». Original de João Bettencourt. Versão portuguesa de César Oliveira e Raul Solnado. Com Carlos Miguel, Simone de Oliveira e Filipe Ferrer (12 anos).

Teatro Nacional D. Maria II

P. D. Pedro IV — Tel. 37 22 46

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos às 16.00

«O MORGADO DE FAFE EM LISBOA», de Camilo Castelo Branco. Encenação de Ruy Furtado.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 320000

De terça a sábado, às 21.30
Sábados e domingos, às 16.00

«O REGRESSO DA GUERRA». Texto de Ângelo Beolco. Encenação de Pedro Pinheiro. Interpretado por Lina Morgado, Mário Sargedas, Pedro Pinheiro e Rui Sá Macedo.

Centro de Arte Moderna

Sala Polivalente

R. Nicolau Bettencourt — Tel. 73 01 83

De terça a sábado, às 21.00; domingos, às 17.00

«PÍLADES», de Pier Paolo Pasolini. Encenação de Mário Feliciano, música: Constança Capdeville. Cenografia: Carlos Amado. Figurinos: Rosa Ramos.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 72 08 18

Às quintas, sextas e sábados, às 22.00

«COZIDO À PORTUGUESA», de Fernando Gomes. Interpretação de Cândida Vieira. Fernando Gomes e Teresa Madruga.

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«AMADIS», de Abel Neves. Encenação: João Mota.

III — Teatro Infantil

R. Leão Oliveira, 1 — Tel. 639974

Aos sábados às 16.00

«O GALINHO DESOBEDEIENTE», DE Sociedade Martinho Costa.

Ao domingo às 16.00

«AS GRAÇAS E DESGRAÇAS DE EL REI TADINHO», de Alice Vieira.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

De terça a sábado, às 22, sábados e domingos, às 17.00.

O Grupo Teatro Hoje apresenta a peça de Crebillon Fill.

«A NOITE E O MOMENTO». Tradução de Manuel João Gomes, encenação de Carlos Fernando e interpretado por Teresa Madruga, Diogo Dória e Paulo Bicho.

Cenografia de José Manuel Castanheira e figurinos de Jasmin.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 58 — Tel. 89 70 17

De quarta a sábado, às 21.45; aos sábados e domingos, às 16.00

«UM HOMEM É UM HOMEM», Damião de Góis. Texto e encenação: Hélder Costa. Cenografia: João Brites, Figurinos: Maria do Céu Guerra. Música: António Vitorino d'Almeida. Interpretação: António Gomes, Carmen Santos, João Azevedo, João Maria Pinto, Jorge Sequerra, José Carretas, José Gomes, Paulo Sousa, Teresa Faria e Vítor Carvalho.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

Todos os dias, às 21.30, domingos às 16.00.

«POUCO BARULHO», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Brenner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

De 3.ª a sábado às 21.45, sábados e domingos às 16.45

SALA EXPERIMENTAL

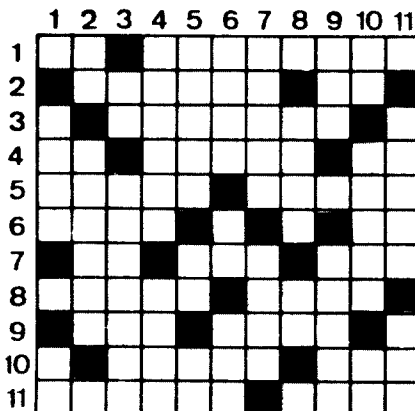
«VIRGÍNIA», de Edna O'Brien. Encenação de Carlos Avilez. Intérpretes: Carmen Dolores, João Vasco e Luísa Salgueiro.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14576

HORIZONTAIS:

- 1 Campeão. Ornamentara.
- 2 Poisai no mar (o avião). Boro (s.q).
- 3 Acarinhar.
- 4 Preposição. Animal da classe dos acarideos. Brisa.
- 5 O futuro. Aduz em defesa.
- 6 Fêmea do cavalo. O mais.
- 7 Amónio (s.q). Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Pago.
- 8 Exclusiva. Rio da Suíça.
- 9 Nome de mulher. Furado.
- 10 Trates por tu. Numeral cardinal.
- 11 Abalaz. Enrubescer.



VERTICAIS:

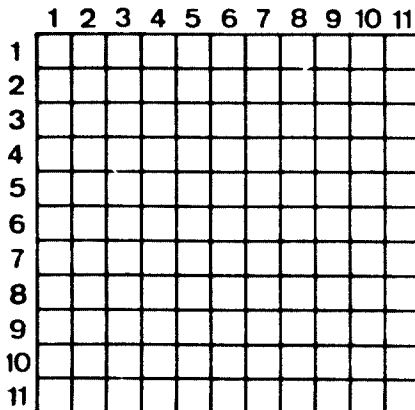
- 1 Introduz. Em a.
- 2 Apelido. Namorada.
- 3 Ruim. Tornar a mastigar.
- 4 Latada. O mesmo que catechu.
- 5 Cidade da Sicília. Apelido. O mesmo que uma (ant. e pop).
- 6 Leito. Artigo definido. Hastes.
- 7 Gemera. Vais para fora.
- 8 Ave semelhante à pomba. Antes de Cristo.
- 9 Sopé. Formação de plantas herbáceas.
- 10 Letra grega. Rei dos Amalecitas vencido por Saul e cortado por ordem de Moisés. Entregar.
- 11 Rio da Rússia. Cozinha.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14416

HORIZONTAIS:

- 1 Janota. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia.
- 2 Lavram. Convenção.
- 3 Poisar no mar (o avião).
- 4 Altar cristão. Preposição.
- 5 Seguiu. Tecidas.
- 6 Califa que mandou incendiar a Biblioteca de Alexandria. Oásis. Solitário.
- 7 Grande sala. O mesmo que gongo.
- 8 Cabo da costa de Portugal. Lavrais.
- 9 Romeiro de Meca. Época.
- 10 Gálio (s.q). Rosto. Cabelos brancos.
- 11 Planta gramínea cultivada nos terrenos pantanosos. Faleço.



VERTICAIS:

- 1 Utensílio doméstico. Irmãos do pai. Nome de letra.
- 2 Estava. Sofrer.
- 3 Ramada. Içai.
- 4 Gostar muito de. Chefe etíope. Cobalto (s.q).
- 5 Título honorífico na Índia. O sono das crianças. Esquadrão.
- 6 Ave peralta do Brasil. Rádio (s.q). Erbio (s.q).
- 7 Tiveram fé.
- 8 Encarara.
- 9 Reze. Sódio (s.q). Crómio (s.q).
- 10 Idem. Punir.
- 11 Estou. Ecoas. Solitário.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14575

HORIZONTAIS:

- 1 Arras. Adiam.
- 2 Boa. Arai. Ni.
- 3 ABRE. O. OLHO.
- 4 Tão. Loã.
- 5 El. Assis. Só.
- 6 Rodas. Anã.
- 7 Ural. DC.
- 8 QUE. Mas. las.
- 9 Te. Catara.
- 10 Aros. Ago. Ni.
- 11 Lãs. Broã. És.

VERTICAIS:

- 1 Abater. Qual.
- 2 Robalo. Ra.
- 3 Raro. Duetos.
- 4 Aar. És.
- 5 Sa. Assam.
- 6 To. Laçar.
- 7 Aa. Fia. Saco.
- 8 Dio. SN. Toa.
- 9 La. Adia.
- 10 Anhos. CARNE.
- 11 Míolos. Sais.

Provérbio: ABRE O OLHO QUE ASSAM CARNE.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N 14415

HORIZONTAIS:

- 1 Raba. Regina.
- 2 Épico. Saras.
- 3 Na. Aprova.
- 4 Arara. Ia. Ad.
- 5 To. Co. Clã.
- 6 Qui. Calma.
- 7 Urra. Chaves.
- 8 Píara.
- 9 Ogro. Ar. Cu.
- 10 Te. La. Adoro.
- 11 Casam. Sós.

VERTICAIS:

- 1 Rena. Quioto.
- 2 Apar. Ur. Ge.
- 3 Bi. Atirar.
- 4 Acaro. Olã.
- 5 As.
- 6 Cacia.
- 7 Espiolharam.
- 8 Gara. Mar.
- 9 Iró. Cavacos.
- 10 Naval. Uro.
- 11 Asada. SM. Os.

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; 17.00: Informação regional; 17.15: Musicomania; 19.00: Informação e música; 20.00: Musical; 20.15: No estúdio e no estúdio; 20.30: 40.º aniversário da ONU; 21.00: A viver também se aprende; 21.30: Noites de luar; 23.30: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Concerto para violino e orquestra de Alban Berg; 16.30: Solo de viola dedilhada; 16.45: Árias de óperas; 17.00: Integrais; 17.26: Sinfonia n.º 5 em si bemol maior, de Schubert; 18.00: Suite n.º 4 das «Sinfonias do Banquete Real», de Francoeur; 18.40: Música americana do século XX; 19.30: Concerto para violoncelo e orquestra, em ré maior op. 101 de Haydn; 20.00: Partita n.º 2 em ré menor, BWV 1004, de Bach; 20.40: «Arlesiana» suite, n.º 2, de Bizet; 21.00: Antologia dos músicos portugueses; 21.45: A ópera «Edgar», de Puccini; 23.45: Solos de piano; 00.25: Canções de Hugo Wolf; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Som de retorno; 20.00: Conta corrente; 21.00: Musical; 21.30: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 23.00: Vigésima quarta hora; 01.00: Peça o que quiser; 02.00: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: Som da frente; 17.00: Pé-de-vento; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: Nunca mais é sábado. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

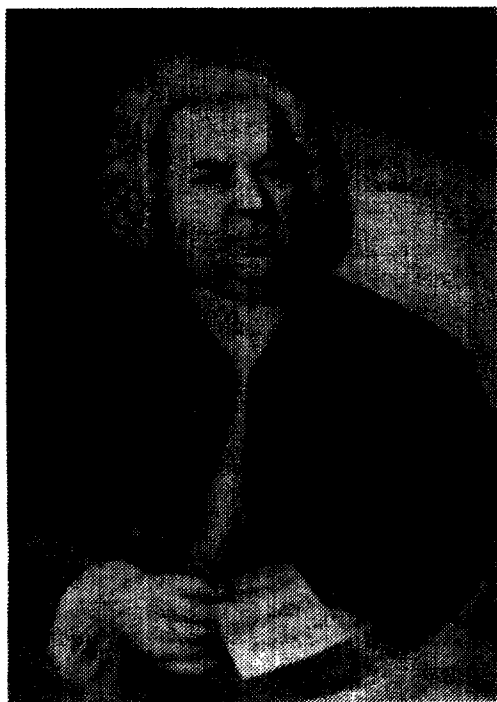
Onda Média

16.00: Ré maior; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.30: Quando o telefone toca; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Especial de corrida; 22.30: Diário do desporto; 23.00: A hora é esta; 23.55: Meditando. Noticiários a todas as horas.

FM-Estéreo

14.00: Cem mais; 19.30: Transmissão do terço; 20.00: Serra de estrelas; 21.00: Vista alegre; 22.00: Oceano Pacífico; 23.55: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO



«Festival Internacional de Bach», esta noite na rubrica «Da... Música», na RTP 2



18.00 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das séries «As Aventuras de Marco Polo» e «Calimero».

18.35 — Notícias

18.55 — Curso de Inglês

19.20 — Golo!

Resumo de imagens dos jogos mais importantes da segunda eliminatória das Taças Europeias de Futebol.

19.50 — O Livro Grande de Petete
«O Condor»

20.00 — Telejornal

20.27 — Boletim Meteorológico

20.30 — Vamos Jogar no Totobola

20.45 — Louco Amor

Cláudia convence Filipe a conceder uma entrevista à «Stampa», durante a qual ele lhe confessa que quem escreveu o romance foi Luís Carlos.

Cláudia fica muito confusa, mas percebe que ele apenas procurou ajudar o amigo.

Alfredo acaba por se embriagar e discute com Renata na presença da mulher e das filhas. Mais tarde, sozinho com Renata, garante que seria capaz de matar Edgar para que Lipe ficasse rico e casasse com Cláudia.

21.30 — Crime, Disse Ela

(8.º episódio): Jessica conhece Horatio Baldwin proprietário de uma série de parques de diversões, que a convida para a inauguração de uma das últimas iniciativas, «A Câmara dos Horrores». Nessa mesma noite Bert recebe um telefonema comunicando-lhe que Baldwin se tinha suicidado.



«As Aventuras de Marco Polo», continuam no Tempo dos Mais Novos

22.25 — Ginástica: Campeonatos do Mundo de Montreal

Exercícios livres por equipas masculinas

23.30 — Último Jornal

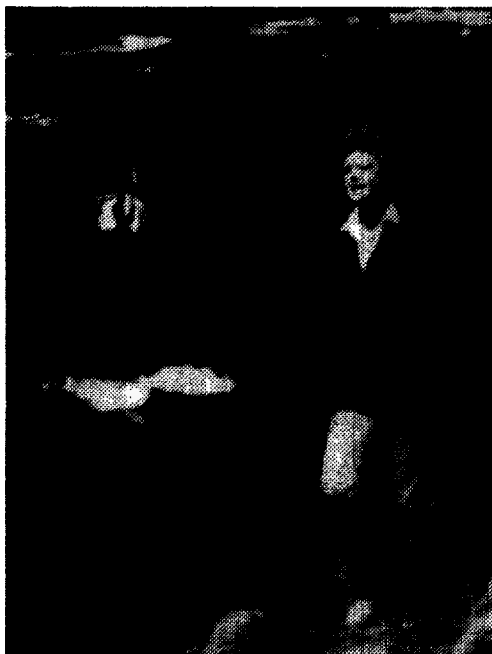


19.30 — Desenhos Animados

«O Homem de Plástico»

19.55 — Horizontes de Glória

(3.º episódio): O Coronel Raynor Sarnac é informado que um ex-piloto da Força Aérea está a



«Crime, Disse Ela», agora às quintas-feiras na RTP 1

vender a história ultra-secreta sobre o 11 para uma revista e recebe ordens superiores para o deter. Entretanto sua filha Jackie tenta impedir o filho de um dos maiores amigos do pai de fugir num barco de pesca prestes a partir para a Atasca.

Intérpretes: Craig T. Nelson, Cindy Pickett e Elizabeth Shue, entre outros.

21.00 — Da... Música

Festival Internacional de Bach: Noite de encerramento do Festival, como comemoração do tricentenário do nascimento de João Sebastião Bach. Trata-se de um programa que inclui excertos de concertos que se realizaram em simultâneo em seis salas de Estugarda. Participam a Academia de St. Martin-in-the-Fields, o Coro Infantil de Estocolmo e o coro Gachinger Kantorei de Estugarda, entre outros.

23.40 — Jornal da Noite

AMANHÃ

RTP 1

12.00 — Notícias
12.05 — Espaço 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Origens
13.35 — Ciclo Preparatório TV
18.00 — Tempo dos Mais Novos
18.30 — Notícias
18.50 — O Mundo da Ciência
19.20 — O Mar e a Terra
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.30 — Louco Amor
21.15 — Televisão — A caixa que mudou o Mundo
22.30 — Em Lisboa, Uma Vez...
23.30 — Último jornal

RTP 2

19.30 — Desenhos Animados
20.00 — Macau
20.30 — «Godard 6x2»
21.30 — Ginástica
22.30 — Jornal da Noite

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
SOS CTC
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIENCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
v. S. João de Deus, 13 B • R. de Macau, 8-1.º LISBOA

MELO
INFORMÁTICA
CLUBE VIDEO VISITE-NOS!
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 - cave/dt.
Loja Zodiaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (INAUGURAÇÃO 1/10/85)
Tel. Zodiaco: 54 99 04 - Tel. Melo: 52 56 69 - 1100 LISBOA
Demonstrações 3.ª e 5.ª das 18 às 20 horas

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

RTP 1
19.20
Golo!

RTP 2
20.30
Horizontes de Glória

Assistência Técnica Grundig NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telet 2112871



Jornalistas da RTP querem levar João Rocha à barra do tribunal

Os jornalistas da RTP decidiram, ontem, em plenário, «desenvolver todos os esforços para levar à barra dos tribunais» o presidente do Sporting, João Rocha. Esta decisão surge na sequência de afirmações do responsável leonino «caluniosas e insultuosas» para com a jornalista Manuela Moura Guedes, no entender dos seus colegas da RTP. O plenário condenou ainda a decisão tomada em Assembleia Geral do Sporting, no sentido de proibir a entrada de funcionários e jornalistas da RTP nas instalações do clube leonino.

Por outro lado, na sequência do que João Rocha ontem havia prometido, a direcção do Sporting publicou um novo comunicado em que volta a referir-se em termos muito pouco corteses tanto a Manuela Moura Guedes como ao Sindicato dos Jornalistas. Concretamente, a direcção remete a proibição de entrada de profissionais da RTP para a responsabilidade de uma Assembleia Geral.

A propósito, o Sindicato dos Jornalistas divulgou um parecer da Procuradoria-Geral da República, já homologado por Miranda Calha e Eduardo Pereira, respectivamente ex-secretário de Estado dos Desportos e ex-ministro da Administração Interna. No documento refere-se que o impedimento dos jornalistas aos recintos desportivos ou aos locais que aí são especialmente destinados aos órgãos da Comunicação Social, constituirá sempre uma violação dos direitos, liberdades e garantias da Imprensa (...) punível com multa até 500 contos.

No entanto, segundo esse parecer, se o impedimento for feito com recurso a violência ou simples ameaça, poderá integrar o crime de coacção previsto no Código Penal a que corresponde pena de prisão que pode ir até aos dois anos.

Por outro lado, as forças de segurança não poderão colaborar na tentativa de impedimento de acesso dos jornalistas aos recintos desportivos, devendo pelo contrário intervir no sentido de que esse direito seja efectivamente assegurado.

Um dos pontos curiosos do parecer da Procuradoria-Geral da República é aquele em que se conclui, com base em pareceres de vários especialistas, que o direito à «informação da generalidade dos cidadãos e o direito de informar que compete em especial aos jornalistas, podem ser opostos também aos particulares e não apenas ao Estado, cabendo a este assegurar, coercivamente se necessário, a efectividade desse direito fundamental».

E de seguida, lê-se no documento: «Assim sendo, é evidente que constitui frontal violação do direito à informação, a interdição imposta por alguns dirigentes de clubes de futebol, de acesso a recintos desportivos por parte de determinados jornalistas, que aí se deslocam exactamente no desempenho da sua função informativa, de reconhecido interesse público».

Subsídio de 125 mil contos para empresas jornalísticas

Uma percentagem (2,5 por cento) do produto líquido das explorações do Totobola e do Totoloto (as previsões para este ano apontam para uma verba próxima dos 5,5 milhões de contos) irá ser aplicada no apoio às empresas jornalísticas. Esta percentagem (125 mil contos) representa assim cerca de metade daquela que era aguardada (se falava) nos meios jornalísticos.

Uma portaria da Presidência do Conselho de Ministros, do executivo de Mário Soares, assinada por Anselmo Rodrigues, secretário de Estado adjunto de Almeida Santos para a Comunicação Social, hoje publicada na folha oficial, especifica que 65 por cento do montante global desses 125 mil contos serão utilizados para reforçar as verbas anuais destinadas ao subsídio de papel e distribuídas segundo os critérios fixados para este: 35 por cento serão dirigidos para subsidiar investimentos em equipamento gráfico de apoio à imprensa regional, atribuíveis a projectos concretos elegíveis para apoio do FEDER, ouvidas as associações representativas.

CDS escolhe data do Congresso

A comissão política do CDS escolhe hoje a data para reunir o Congresso que decidirá a sucessão de Lucas Pires, tudo indicando que optará pela convocação para depois das presidenciais — disse à Anop fonte do partido.

Março é o mês mais apontado por várias fontes democratas-cristãs contactadas pela mesma agência.

A marcação do Congresso compete ao Conselho Nacional do CDS, que está convocado para domingo, por proposta da comissão política.

Fonte democrata-cristã disse à Anop que nos órgãos dirigentes do partido «há quase unanimidade no sentido de o Congresso se reunir depois das eleições presidenciais».

Acrescentou que o mais provável é que se reúna em Março, mas não adiantou em que datas, dizendo que «vai ficar pendente da data da segunda volta das presidenciais».

«Só no caso de ser ainda em Dezembro é que se poderia desde já dizer que teria de ser a 21, 22 e 23», acrescentou, após ressaltar que a decisão compete ao Conselho Nacional que apenas se reúne no domingo.

Embora desde o último con-

gresso do CDS, reunido em Fevereiro, em Aveiro, fosse ponto assente a convocação de um congresso do partido proximamente, a demissão de Lucas Pires da presidência do partido, na sequência dos resultados eleitorais, tornou-a imperativa e urgente.

Nas legislativas de 6 de Outubro, o CDS desceu de 12,56 por cento, dos votos, que obtivera em 25 de Abril de 1983, para 9,96 por cento, passando o seu grupo parlamentar de 30 para 22 deputados.

Lucas Pires considerou que os resultados de 6 de Outubro constituíram uma derrota para o CDS e em conselho nacional pediu a demissão da presidência do partido.

O partido está desde então sob a liderança de uma comissão presidida por Nogueira de Brito.

Fontes democratas-cristãs disseram à Anop que a situação no CDS é de «ninguém querer mostrar as 'garras' antes das presidenciais», mantendo tudo «em lume brando».

Acrescentaram que «todos esperam para ver os resultados de Freitas do Amaral nas presidenciais».

Ainda de acordo com as

MARES DE HOJE		TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:	
PREIA-MAR	BAIXA-MAR	BRAGANÇA	14°
10.20 3,40 m	03.43 1,90 m	VIANA DO CASTELO	18°
23.11 3,40 m	16.33 1,60 m	VILA REAL	18°
		PORTO	18°
		COIMBRA	19°
		CABO CARVOEIRO	19°
		CASTELO BRANCO	19°
		PORTALEGRE	16°
		LISBOA	19°
		ÉVORA	18°
		BEJA	18°
		FARO	20°
		SAGRES	20°
		PONTA DELGADA	20°
		FUNCHAL	19°

Dia 8
11.25 3,60 m 04.54 1,70 m
17.30 1,30 m

Até ontem eram apenas 70

Quem viaja pode levar até cem contos

O diploma que aumenta de 70 para cem contos anuais o montante de divisas que os portugueses podem levar para o estrangeiro em viagem de turismo foi hoje publicado na folha oficial. Este limite não inclui, contudo, o custo do transporte para o país de destino.

Para viagens de negócios, de estudo, por motivos de saúde ou outros que não de índole turística, a exportação de moeda estrangeira ou de outros meios de pagamento sobre o exterior depende de prévia verificação pelo Banco de Portugal da respectiva natureza na deslocação.

A portaria do Ministério das Finanças que regula esta matéria estabelece ainda que «é livre a saída ou exportação de notas do banco de Portugal ou moedas metálicas nacionais até ao limite de dez mil escudos por pessoa e por viagem».

Freitas do Amaral garante apoio a Executivo de Cavaco Silva

Freitas do Amaral confirmou no Porto que se fôr eleito para a Presidência da República, não verá «qualquer motivo para demitir» o Governo de Cavaco Silva, que ontem tomou posse. Falando num colóquio realizado na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Freitas do Amaral salientou que este Executivo minoritário é um «consequência necessária» dos últimos resultados eleitorais.

Definiu, a propósito, o papel do Presidente da República como «factor de estabilidade de governativa, assumindo com dignidade a vontade de independência da Pátria, defendendo e garantindo as instituições democráticas e agindo como árbitro da vida política».

«Portugal não é hoje um País feliz, porque sofre de males bastante profundos como a

grande instabilidade política, a tremenda ineficácia da administração pública, o viver atormentado por uma crise económica que vai do desemprego à inflação, passando pelo défice do Orçamento Geral do Estado, e uma crise cultural e moral que consiste na perda de confiança em nós próprios» — disse ainda.

Caracterizando a sua candidatura como inserida no «reformismo democrático» e apontando para «reformas estruturais profundas na sociedade portuguesa», Freitas do Amaral definiu os campos em que se movimentam os seus rivais na corrida à presidência.

Na candidatura de Maria de Lurdes Pintassilgo, encontram-se «os herdeiros do MFA e os aliados do Partido Comunista», enquanto Mário Soares representa «uma linha conser-

vadora, e satisfeita pelos progressos alcançados até hoje» — afirmou.

Manifesto de estudantes

Uma delegação de estudantes universitários portugueses entrega hoje, às 17 horas, em Lisboa, a Freitas do Amaral, um manifesto de apoio à sua candidatura.

O manifesto, que recolheu cerca de cinco mil assinaturas de universitários, incluindo dirigentes associativos, será entregue por António Luís Pinheiro, dirigente da Associação Académica de Lisboa da Juventude Social Democrata (JSD).

O manifesto será lido pelo vice-presidente da Associação Académica de Direito, Telmo de Noronha Correia.

I Congresso dos Escritores de Língua Portuguesa

Está constituída a Comissão Executiva do I Congresso de Escritores de Língua Portuguesa. Tem a seguinte composição: Manuel Ferreira, Sophia de Mello Breyner Andresen, Maria Alberta Meneses, Eduarda Dionísio, Orlanda Amarílis, J. V. Adragão, Joaquim Lagoeiro, Rui Mário Gonçalves, Óscar Lopes, Carlos Eurico da Costa, Mega Ferreira, Orlando Neves. O acto de posse realiza-se hoje, dia 7 de Novembro, às 18 horas, na sede da Associação Portuguesa de Escritores (Rua do Loreto, 13, 2.º).

A cerimónia da posse é pública e será presidida pelo escritor David-Mourão Ferreira.

O pensamento político de Fernando Pessoa

Antonio Apolinário Lourenço (*)

U M pouco incompreensivelmente, no ano em que se completa e se comemora o cinquentário da morte do mais aclamado escritor português deste século, e apesar de estarem publicados três grossos volumes contendo os escritos políticos de Fernando Pessoa, este continua politicamente enigmático para a maioria dos portugueses. Na base desta confusão estão diversas tentativas de o situar em posições díspares do espectro político-partidário, às vezes sem levar devidamente em conta as particularidades do tempo que lhe coube viver. Este trabalho visa refutar algumas tentativas recentes de colocar o autor da «Mensagem» na extrema-direita portuguesa sua contemporânea. Entre essas tentativas chamo particular atenção para o prefácio a «O Banqueiro Anarquista» da editora Antígona («aquele que fez sonhar tantos infelizes, é inexoravelmente lógico, incapaz do mínimo movimento poético, da mínima inspiração criativa. É o pensamento astuciosamente serôdio do mestre-escola ou o professor universitário, dum reaccionarismo grosseiro e, utilizamos os vocábulos ultimados pela história, FASCISTA») e para diversos textos publicados por Alfredo Margarido no «Jornal de Letras».

Enquanto todos esperamos ansiosamente os prometidos textos «panfletário-fascistas» de Fernando Pessoa que a mesma editora Antígona prometeu, parece-me já possível traçar um perfil político provisório do poeta que não pode condizer com o daqueles que teimam em filiá-lo em ideologias que ele claramente recusou. A estratégia maniqueísta não é, por certo, a mais adequada para avaliar um escritor e pensador tão complexo como o é o criador de heterónimos e as opções políticas não podem ser reduzidas às dicotomias fascista/antifascista ou comunista/anticomunista. Fernando Pessoa não foi socialista, é evidente, não foi sequer, rigorosamente, antifascista mas identificá-lo com o pensamento de Salazar ou Mussolini é um absurdo.

Em trabalho publicado há já algum tempo mas que recentemente voltou a recordar («JL», de 27 de Agosto de 1985) Alfredo Margarido defendeu

mesmo a filiação de Pessoa numa linha política à direita de Salazar, evocando a amizade do poeta com figuras da extrema-direita portuguesa e a defesa no jornal nacional-socialista «A Revolução» do poema Mar Português para leitura nas escolas em detrimento de um péssimo poema de Zuzarte de Mendonça, filho que fora recomendado para o efeito por um de-

creto do «Diário do Governo». Tal ocorrência é suficiente para Margarido deduzir a evidência «da confirmação dos laços que uniam Fernando Pessoa à extrema-direita, que apoiava não só a ditadura, mas também frequentemente as opções mais radicais dos nacionais-sindicalistas, dos camisas azuis». Quanto aos argumentos utilizados por Augusto Ferreira Gomes, principal defensor da adopção do Mar Português, referia o articulista «estarmos

muito perto do 'slogan' famoso: tudo pela nação, nada contra a nação». Concluía «que não podem ficar dúvidas quanto às relações muito directas existentes entre Fernando Pessoa e a extrema-direita portuguesa».

Num outro artigo («JL», n.º 85, de Fevereiro de 1984) veio Alfredo Margarido «lembrar que Pessoa admirou Mussolini». Tratava-se de, como reafirmou no já citado «JL», de 27 de Agosto, deixar ao poeta «a responsabilidade e o gozo de

definir a sua própria orientação política». O texto que então divulgou era o seguinte:

«Plagiamos o fascismo e o hitlerianismo, plagiamos claramente, com a desvergonha da inconsciência, como a criança imita sem hesitar. Não reparamos que fascismo e hitlerismo, em sua essência, nada têm de novo, porventura nada de aproveitável como ideias. O que não sabemos imitar, porque seria mais difícil, é a personalidade de Mussolini».(1)

Não me parece nada claro que este texto possa provar que Pessoa admirou Mussolini, parecendo-me pelo contrário que ele invalida parcialmente a argumentação desenvolvida por Alfredo Margarido no artigo anteriormente citado. Em contrapartida penso não ser difícil mostrar que Fernando Pessoa não admirou Mussolini se atendermos a um texto proveniente, como o anterior, da gaveta pessoal e recolhido no volume «Da República (1910-1935)»:

«O tio Mussolini, como qualquer inglês com razão de queixa, escreveu uma carta ao 'Times'. O Duce não sabe inglês, nem, ao que parece, encontrou alguém que o soubesse responsabilmente entre os quarenta milhões de pessoas que compõem a sua pátria virtual e os três milhões que, pelo cômputo próprio, formam a sua pátria real.

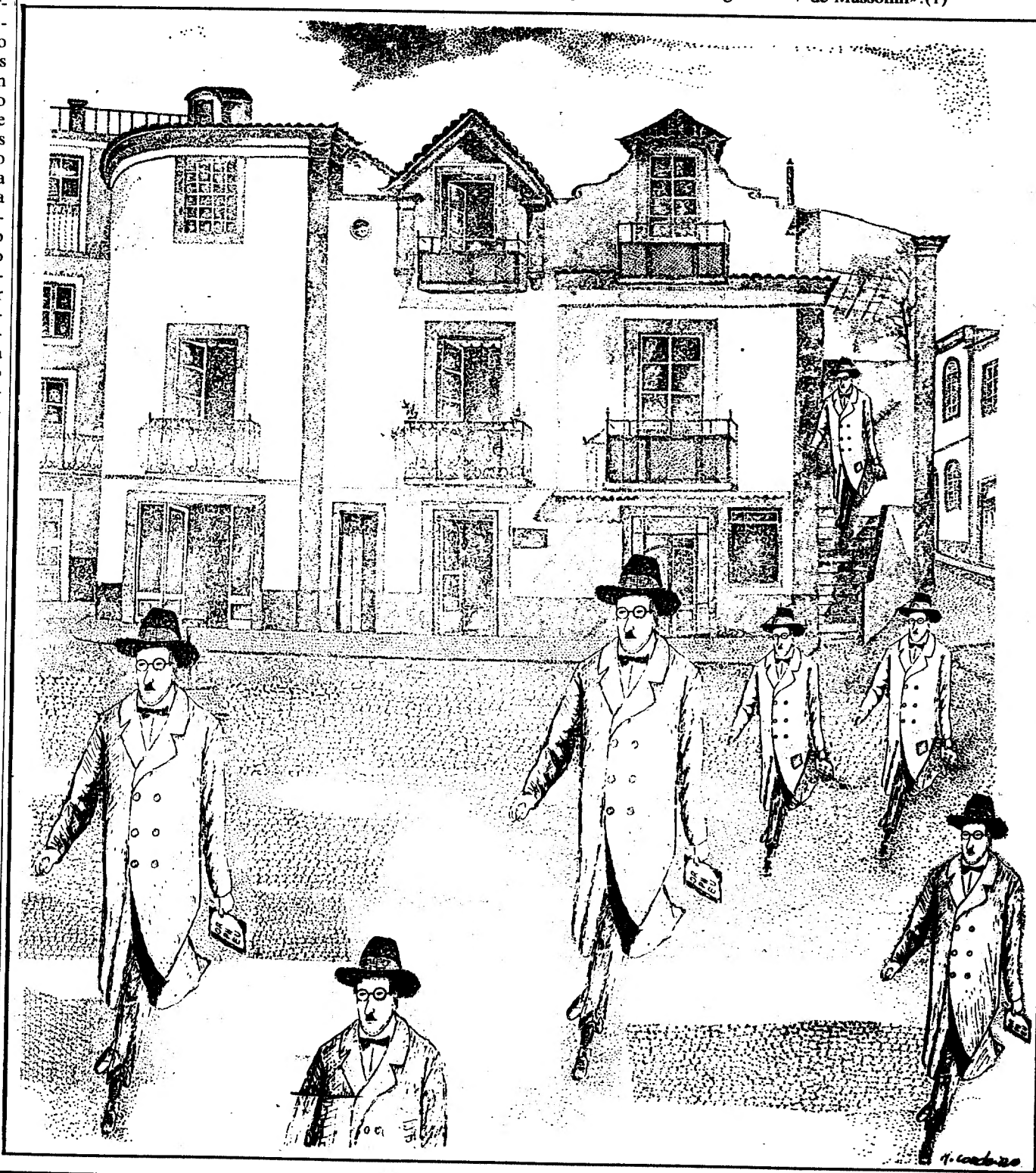
«A carta é notável, não pelas afirmações — que são do género das que poderia fazer o Sr. Lloyd George, ou o Sr. Briand, ou qualquer outro Afonso Costa —, mas pelo emprego saliente da palavra 'whereof', que quer dizer de que. De relembável nada mais diz o lictor.

«O problema apresentado pelo fascismo é muito simples, e, na sua essência, não nos é a nós portugueses, desconhecido. O povo italiano — que é de supor que o seja, e não fascista nem comunista — recebeu há anos, do lado direito da cara, a bofetada do comunismo. O fascismo, para o endireitar, deu-lhe uma bofetada, um pouco mais forte, do lado esquerdo. Não sabemos, nem temos meio de o saber, se o povo italiano aprecia mais o ter ficado direito, ou neotorto, ou as desvantagens faciais do processo empregado. E resta sempre saber, nesta matéria — como cada nova bofetada é sempre mais forte que a anterior, para poder endireitar —, em que altura é que pára a terapêutica equilibradora, e em que estado fica o equilibrado quando o Destino, por fim se cansa do tratamento.

«Whereof...» (2)

Para além da denúncia da brutalidade fascista italiana vejo aqui uma insinuação de semelhança entre os métodos de Mussolini e do Estado Novo português.

Quanto ao «slogan» «estado-novista» citado por Alfredo Margarido (tudo pela nação, nada contra a nação) é curioso saber o que pensava dele Fer-





Continuação da pág. 1

nando Pessoa:

«A valoração do Estado, longe de reflectir em o indivíduo ou a nação, valorizando-os, reflecte-se neles somente para os diminuir.

«A frase, ou bordão, de Mussolini, Tudo pelo Estado, nada contra o Estado tem a vantagem de ser perfeitamente clara. Diz o que diz. Com ela sabemos onde estamos, embora não queiramos lá estar. A frase portuguesa imitada, Tudo pela nação, nada contra a Nação, ou quer dizer, velando-se a mesma coisa que a frase de Mussolini; ou se quer dizer outra coisa não quer dizer coisa alguma.» (3)

Estamos também aqui a anos-luz de distância de uma confissão de fé nos princípios do fascismo.

Assim, parece-me lógico que se tenha visto nos poemas anti-salazaristas uma atitude democrática, de repúdio ao regime e não uma manifestação de hostilidade a Salazar vinda da direita nacional-sindicalista:

Coitadinho
Do tiraninho!
Não bebe vinho,
Nem sequer sozinho...

Bebe a verdade
E a liberdade.
E com tal agrado
Que já começam
A escassear no mercado.

Coitadinho
Do tiraninho!
O meu vizinho
Está na Guiné
E o meu padrinho
No Limoeiro
Aqui ao pé.
Mas ninguém sabe porquê.

Mas enfim é
Certo e certo
Que isto consola
E nos dá fé.
Que o coitadinho
Do tiraninho
Não bebe vinho,
Nem até
Café.»

Peça fundamental para a compreensão das ideias políticas de Pessoa é ainda o seu protesto público, através do «Diário de Lisboa», contra um projecto de lei que visava proibir as Associações Secretas, e em especial, a Maçonaria. Desse texto notável gostaria de citar dois extractos deixando assim ao poeta «a responsabilidade e o gozo de definir a sua própria orientação política»:

«Apresentou o projecto o sr. José Cabral, que, se não é do minicano, deveria sê-lo, de tal

modo o seu trabalho se integra, em natureza, como em conteúdo, nas melhores tradições dos Inquisidores. O projecto, que todos terão lido nos jornais, estabelece várias e fortes sanções (com excepção da pena de morte) para todos quantos pertençam ao que o seu autor chama 'associações secretas, sejam quais forem os seus fins e organização'.

Dada a latitude desta definição, e considerando que por 'associação' se entende um agrupamento de homens, ligados por um fim comum, e que por 'secreto' se entende o que, pelo menos parcialmente, se não faz à vista do público, ou, feito, se não torna inteiramente público, posso desde já, denunciar ao sr. José Cabral uma associação secreta — o Conselho de ministros. De resto, tudo quanto de sério ou de importante se faz em reunião neste mundo, faz-se secretamente. Se não reúnem em público os Conselhos de ministros, também o não fazem as direcções dos partidos políticos, as tenebrosas figuras que orientam os clubes desportivos, ou os sinistros comunistas que formam os conselhos de administração das companhias comerciais e industriais».

«Hitler, depois de se ter apoiado nas três Grandes Lojas cristãs da Prússia, procedeu segundo o seu admirável costume ariano de morder a mão que lhe dera de comer. Deixou em paz as outras Grandes Lojas — as que o não tinham apoiado nem eram cristãs — e, por intermédio de um tal Goering, intimou aquelas três a dissolverem-se. Elas disseram que sim — aos Goerings diz-se sempre que sim — e continuaram a existir» (4).

Tendo este texto sido publicado a 4 de Fevereiro de 1935, é um daqueles que, melhor nos pode elucidar sobre aquilo que o autor pensava no período final da sua vida, quer do nazismo quer do Estado Novo.

Claro que isto não invalida tudo o que foi escrito por Alfredo Margarido, embora eu esteja convencido que invalida grande parte. O que pretendo evitar é que o prestígio de Alfredo Margarido contribua para que se vulgarize uma imagem de Fernando Pessoa que não me parece fiel. Fernando Pessoa não é apenas a Mensagem, sendo este o único dos seus livros que pode alimentar o terrível equívoco de considerar Fernando Pessoa como um homem de extrema-direita. Para compreender que a «Mensagem» não é um livro reaccionário aconselho aos leitores do J.L. a leitura do texto de Pessoa «Explicação de um livro» (sobre a Mensagem), recolhido em «Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação». Ai se diz que o Indivíduo, a Nação e a Humani-

dade são realidades sociais e a Família, a Religião, a Classe, o Estado e a Civilização são ficções. Ai se afirma que o artigo sobre as Associações Secretas «é patentemente de um liberal, de um inimigo radical da Igreja de Roma e de quem tem para com a Maçonaria e os maçons um sentimento profundamente fraternal». E ainda isto: «Uma coisa, e uma só, me preocupa: que com este artigo eu contribua, em qualquer grau, para estorvar os reaccionários portugueses em um dos seus maiores e mais justos prazeres — o de dizer asneiras. Confio, porém, na solidez pétrea das suas cabeças e nas virtudes iminentes naquela fé firme e totalitária que dividem, em partes iguais entre Nossa Senhora de Fátima e o Senhor D. Duarte Nuno de Bragança» (5).

Mas se o leitor é desconfiado, se é daqueles que não acredita que no poema «Liberdade» (6) quando se diz que Cristo «não sabia nada de finanças» houvesse uma referência velada a Salazar, fique com mais este texto e diga-nos depois se é possível acreditar na simpatia de Pessoa para com o Estado Novo português:

«Poderá o leitor admirar-se de que eu gasteasse ou alguém gaste tanto tempo, porque embora pouco parece muito, com criaturas de tão-pouco vulto como o sr. José Cabral ou como o sr. doutor Alfredo Pimenta, e é por serem de tão pouco vulto que o tempo que com eles gasto, embora pouco, parece muito. Se o leitor assim pensa, é que não é — desculpe-me — simbolista. O sr. Josepe Cabral e o sr. doutor Alfredo Pimenta não existem

realmente. São símbolos, são tipos. Um é o tipo do reaccionário prático, o outro do reaccionário teórico. E assim como, no meu artigo, visei em realidade não o sr. José Cabral, nem o seu projecto de lei, mas o que estava e está por trás de ambos — a patroa —, assim também, neste opúsculo, não visei em realidade o deputado nêscio ou o jornalista charlatão, mas (...)

«Que me relevem os dois criados algum pormenor com que porventura os melindrasse. Tudo isto é com a patroa.» (7)

E esta, hem?

Creio ser agora mais fácil compreender a distância que se para o quinto império pessoano, que é um império cultural, da barbárie fascista. Mas como compreender a simpatia de Fernando Pessoa para com «o presidente-rei Sidónio Pais» ou o opúsculo intitulado «O Interregno. Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal»? Será afinal o cidadão Pessoa, o pensador político, tão complicado e labirintico como o Pessoa poeta? Não me parece que seja assim, embora haja razões para crer que ele próprio se sentia perplexo com a flutuação das suas opiniões. Em carta a Adolfo Rocha (Miguel Torga) datada de Junho de 1930 e reproduzida nas «Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias», escrevia o poeta:

«Nunca sou dogmático, porque o não pode ser quem de dia para dia muda de opinião, e é, por temperamento, instável e flutuante» (8). Ainda assim parece-me ser possível descortinar na evolução política de Pessoa um fio condutor: uma ansia de

ver cumprida a realização dum império cultural português de que ele seria o vulto proeminente e que o fez defender e repudiar sucessivamente todas as alterações políticas que conheceu o Portugal do seu tempo. Só Sidónio não durou o suficiente para desapontar Fernando Pessoa. E se foi o sistema parlamentar português aquele que o poeta mais rudemente fustigou, foi também este que coincidiu com o período mais vasto da maturidade intelectual de Pessoa.

Para terminar quero esclarecer que não foi meu propósito apresentar de forma sistemática o pensamento político do autor da «Tabacaria», mas tão só o de provar a sua não-sujeição a espartilhos políticos reaccionários de tipo fascista. Da mesma forma que não se lhe adequam espartilhos revolucionários. Fernando Pessoa, enquanto cidadão, era afinal um homem comum do seu meio social, um pequeno-burguês conservador que a si mesmo se definiu como «conservador do estilo inglês, isto é, liberal dentro do conservadorismo, e absolutamente anti-reaccionário». Definição política que tem de ser medida pelos cânones da época e que em absoluto desautoriza os que pretendam utilizá-lo como bandeira da reacção (não me refiro obviamente à editora e ao historiador inicialmente referidos).

(*) Professor, licenciado em História pela Universidade de Coimbra

NOTAS

- (1) — O texto citado por A.M. está incluído em: «Fernando Pessoa, Sobre Portugal — Introdução ao Problema Nacional», Ática, 1978, pág. 85.
- (2) — Fernando Pessoa, «Da República (1910-1935)», Ática, 1978, págs. 357 e 358.
- (3) — Fernando Pessoa «Da República (1910-1935)», Ática, 1978, pág. 365.
- (4) — Fernando Pessoa, «Da República (1910-1935)», Ática, 1978, págs. 391 e segs.
- (5) — Fernando Pessoa, «Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação», Edições Ática, págs. 433 e segs.
- (6) — Fernando Pessoa, «Poesias», Edições Ática, 6.ª Edição, 1961, págs. 246 e 247.
- (7) — Fernando Pessoa, «Da República (1910-1935)», Ática, 1978, pág. 416.
- (8) — Fernando Pessoa, «Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias», Edições Ática, 2.ª Edição, 1973, pág. 69.



POP —
Vesú

«Para mim uma erupção con-
nante, um hapenning extraordi-
nário, um magnífico pedaço de escu-
la», A. Warhol, declarações a

RESTITUIÇÃO ou ex-
tase materialista, dois
modos de dizer esse
sentimento de confor-
midade (alegria ou beatitude)
que pode ser o da coincidência
do Sujeito/Objecto ou da obra com
o mundo: **nó cego**, anunciado
por Mallarmé («rien n'aurait
lieu que le lieu»), que parece
hoje perseguir muitas obras e
atitudes.

Black hole ou **ponto cego** é
que se projecta já a morte qu-
da Arte quer da História?

Alexandre Kojève, na pri-
meira das notas que redigiu pa-
a sua **Introdução à leitura de**
Hegel (1947), refere-se a esse
ponto de apagamento da oposi-
ção Sujeito/Objecto (ou Homem/
mem/Natureza): ponto, a par-
do qual, do «fim da História»
(Hegel), o homem se perpetua-
ria já não como Sujeito mas sim
como «animal» (num estado de
«acordo com a Natureza ou
com o Ser -dado»). Comenta
Kojève: «O que desaparece é o
Homem propriamente dito, i.e.,
a **Acção** que **nega** o dado e o
Erro ou seja, de um modo ge-
ral, o Sujeito em oposição ao
objecto. Na realidade, o fim do
tempo humano ou da História —
ou seja, a anulação definitiva do
Homem propriamente dito ou do
indivíduo livre e histórico —
significa, muito simples-
mente, a **cessação** da **Acção**, no
sentido forte do termo» (1).

**Apagamento das contradi-
ções Sujeito/Objecto** que,
numa primeira aproximação
(sobretudo tendo em conta o
lado mais manifesto das obras
— ou as declarações de intenção
dos seus autores, o seu discurso
dito), parece ser um objectivo
comum às perspectivas de War-
hol e De Chirico: num caso, o de
Chirico, através da identifica-
ção do Sujeito (melhor, da que-
tão do Sujeito tal como ela se
coloca, enquanto **singulari-
dade**, na problemática do mo-
dernismo) com a **Tradição**
(i.e., com o próprio lugar-com-
mum, e a ordem, da História e
da Cultura: seja, o Classi-
cismo); no caso de A. Warhol,
convergiariam nesse sentido (no
do **Sujeito feito coisa** e en-
quanto tal com o mundo e as
coisas confundido) os diversos
elogios quer do não-agir quer da
instantaneidade ou da facilidade
e dos mecanici(c)smos das su-
perfícies (2).

A 2.ª nota de Kojève (datada
de 1959 e redigida sob a in-
fluência de uma visita ao Japão)
revê a 1.ª nota (critica essa fata-
lidade do «Homem-natural» e
do estado pós-histórico de ani-

uvius

ção constitui uma imagem emocionante e inclusive um escudo.

es a Michele Bonuomo sobre a série Vesuvius

malidade como um retorno à natureza) e permite-nos talvez compreender melhor a tática mais sinuosa de ambos os autores (e através de Warhol, mais em concreto, a da arte Pop): uma tática que poderíamos ao mesmo tempo descrever, do ponto de vista dos processos, como um novo **maneirismo**, embora assentando, em cada um dos casos, num tipo/sistema de economia (de gestão das energias) distinto.

Kojève via no exemplo do Japão a possibilidade de reintrodução, no próprio tempo pós-histórico, de um princípio de **formalização** (de diferenciação) em que, fixo sobre o indivíduo não só se singularia como se situaria (seria o ponto em que se colocaria).

Se não a questão do Sujeito pelo menos a do indivíduo em termos de **estilo**. Sem fundo (ou não tendo um «fundo» já a que referir-se) o indivíduo (ou o modo deslocado como se passaria a pôr a questão do Sujeito: não em função de uma essência. Ser, mas como puros efeitos-de-efeitos, refractados ou diferidos) **estilizar-se-ia**. Um processo de estilização que no seu desenvolvimento poderia inclusive levar a que se abolisse a própria pertinência, enquanto critério «ordenador» da questão do estilo: não haveria assim estilo mas «efeitos de estilo», auto-sustentando-se e interferindo-se e que nenhuma «unidade», por si, seria capaz já de reduzir. Esse princípio de singularização (preso sobre si e que já nada — nenhuma «necessidade» — justifica) encontrava o Kojève naquilo que designava por **Snobismo**: no Japão, o Snobismo, «em estado puro», teria originado «disciplinas que negavam o dado natural ou animal», pelo que os japoneses viveriam em função de valores totalmente formalizados», de que o suicídio (ritual) de Mishima constituiria apenas um dos exemplos recentes mais conhecidos. Continua Kojève: «um animal que se encontra de acordo com a Natureza ou o Ser-dado constitui um ser vivo que, contudo, já nada tem de humano. Para permanecer humano, o Homem deve permanecer um Sujeito oposto a um objecto — e isto, mesmo que desapareçam a Acção negadora do dado e o Erro. Quer isto dizer que mesmo que doravante fale de um modo adequado a tudo o que lhe é dado, o Homem pós-histórico deve continuar a separar as «formas» dos conteúdos, fazendo-o já não para trans-formar activamente estes últimos, mas de modo a **opor-se a si próprio como uma «forma» pura** quer em relação a si quer em relação aos outros, considerados estes independentemente dos seus conteúdos» (A. Kojève, 2.ª versão da «Nota», datada de 1959, in *Traverses*).

Situemos agora este princípio (que, no nosso caso, caracterizaremos ao mesmo tempo como maneirista e narcísico) do formalismo em função das obras (e das táticas) específicas de A. Warhol e G. de Chirico.

No caso de De Chirico, referir-nos-emos a um **maneirismo voltado sobre si** (interiorizado e centrípeto) que se manifesta através de um **excesso de índices** que enquanto tal o **exteriorizam** (e referem: evidenciam): um tipo de maneirismo que, devido às relações contrastivas que estabelece com o de A. Warhol, caracterizaremos de preferência como um **hipermaneirismo** (3).

A pintura de De Chirico, aliás, é **duplamente** maneirista.

Por um lado, a prática de **re-produção** dos lugares-comuns dos mitos (dos estereótipos: dos arquétipos) constitui uma via de re-condução (ou de re-fundição) epifânica de um sentido. No entanto, mais do que a re-posição, restituição (e reintegração) teofânica do Sujeito na identidade (enfim restabelecida) de um sentido, o que a pintura de De Chirico antes de mais coloca é uma **questionação**, interrogação sobre o «estar lá» ou o «já ter sido», agora apenas presente como «memória» (espaço vazio, destituído), desse sentido. Como refere A. B. Oliva, na pintura de De Chirico o «oráculo é uma iluminação laica (i.e., hierática mas já dessacralizada) de não sentido»: o mito está preso/fixo na «constatação da sua própria impossibilidade» (alude a «um mundo onde os heróis já não existem»); trata-se de uma pintura que **repõe** constantemente a questão (e a dúvida) dos seus fundamentos e das suas origens — e desse ponto de vista ela é **edipiana**, já que coloca a questão de Édipo como a da própria origem do Mito (o Mito como **ficção** — daí também o princípio do seu narcisismo — das origens): se efeito, se ela parece levantar o véu, ao indi-



ciar-se a si própria como problemática/enigma (recorrendo, para o efeito, a um conjunto de marcas materiais figurativas e emblemáticas desses arquétipos: princípios), num segundo momento, mais do que descer-se, ela suspende-se nesse instante de hesitação suprema (que ela gostaria de poder perpetuar como hesitação, **não-tempo, in-consciência**: esquecimento da própria questão das origens e do doloroso reverso que constitui o centro oculto, recalcado, do narcisismo), nesse instante, escreviamos, que antecede qualquer resposta e a escusa (o enigma coloca-se portanto como a antecipação da ausência de qualquer resposta, de uma resposta que frustra sempre o Sujeito — o princípio do seu narcisismo — e as suas expectativas) (4).

Em segundo lugar, através de uma constante prática de **auto-citação** elaborar-se-ia uma 2.ª dimensão, agora interna ao próprio pintor, do Mito: i.e., o próprio pintor constituir-se-ia como Mito, como universo fechado de relações (um domínio auto-referenciado e auto-suficiente), definido internamente como um **análogo** e externamente como um **crivo** do Mito. Com efeito, através da **intemporalidade da reprodução de si mesmo** (de um conjunto de índices que remeteriam simultaneamente para essa dimensão do Mito e para a do indivíduo que com ela se identifica e confunde, que partilha a sua «aura» e é como que definido internamente nessa dimensão e por ela «compreendido»), baralhar-se-iam quer as marcas da **cronologia** (não só a das «fases» do pintor mas também a dos estilos e a da História/Cultura) quer a **compreensão e a intelegibilidade** dos Mitos (que seriam como que formas sem conteúdos por meio das quais um Sujeito — não localizado nem no Tempo, nem no espaço, nem no sentido — se autoreferência). Teríamos, assim, um **maneirismo de si** (aquilo que A. B. Oliva designa como um «maneirismo de si mesmo»), ou seja, de um **fazer** em que o autor, através da repetição desse conjunto de índices (bem catalogado — e por isso mesmo repetitivo), se afirma como a **pedra de toque** do próprio Mito

(afirmação de si — enquanto traço de diferenciação, de «singularidade» maneirista — que constitui ao mesmo tempo a confirmação da sua **inserção/aderência a esse processo de sentido**).

Tripla aceção coincidente que encontramos contida no próprio conceito de **maneirismo**: a de **maneira** (o fazer), a de **mão** (o acto de **posse** pela mão: «griffe» que re-posui ou desvia no seu sentido) e a de **mania** (ou o fixismo do princípio narcísico).

No conjunto, caracterizaremos este tipo de maneirismo como um **hipermaneirismo**: isto é, um estado (prática) do Sujeito em que se este desaparece como conteúdo — referência a uma Lei/Norma/Ordem/Sentido (é essa a leitura, também, da *Nota* de Kojève) —, por outro lado também se transfere para uma **exterioridade** (a Forma), de qualquer modo ainda auto-referenciada e fundamentada («legitimada») como Ordem. Ou seja, no **hiper-manerismo** de De Chirico (veremos que o mesmo não se passa com Warhol) a forma é ainda vivida como um conteúdo — ou, para retomarmos a referência a Kojève, nele ainda não foi atingido o estado último do Snobismo.

Em relação a A. Warhol preferíamos falar de um **maneirismo (exteriorizado) fora de si** que, do ponto de vista das suas formas (economia), poderíamos caracterizar como um **hipo-manerismo**.

Um maneirismo deficitário e diminuído em que não só é de completa **exterioridade** a relação do Sujeito com o seu modelo ou a forma (quero eu dizer que é também enquanto **puro** exterior — vd. as famosas superfícies — que se colocam o modelo/ o referente e a forma), como essa relação se estabelece menos por um princípio de **adição** (de preenchimento, completude) que fosse progressivamente abastecendo com índices de verosimilhança e de auto-reconhecimento o Sujeito e a forma, de que por mecanismos de **subtração** e de **rarefação** que fariam da tela, em última instância, uma espécie de câmara de vazio (o vazio em que, segundo Warhol, tudo sucede como num grande **happening** e

em que trabalhar é fácil já que, em boa verdade, se trabalha menos do que se é **percorrido pelo fluxo**, pelo suceder de coisas que por fim acontecem sem grande resistência ou atrito).

Maneirismo «pobre», de escassez, **reduzido**, em que se manifestaria a **crítica (negativa) das aparências** tão própria do maneirismo: «braille mental», diz Warhol, tábuas (quase) raso ou mostruário (superficial: banal) de supermercado em que, na base desse menor divisor comum do real (das suas formas e figuras: **figuras-limite**, em certa medida sempre terminais, residuais e reduzidas), a experiência (ou comunhão leve, imponderabilizada, de uma **ausência** de fundo: i.e. da suspensão da Lei da Gravidade do Outro ou do Sentido) seria enfim possível.

Táctica de **subtração** (que tem mais a ver com o maneirismo dos místicos do que com o barroco dos metafísicos) que, contudo, tal como sucede com as câmaras de vazio, favorece sempre determinados efeitos de incandescência e de combustão (iluminação) explosivos: efeitos ao mesmo tempo **ocasionais** (o mais pequeno erro paga-se sempre caro no vazio), **instantâneos e totais** (o momento de explosão ou de iluminação esgota desde logo as virtualidades da sua energia: da sua intensidade ou colorido) e, por fim, **brutos e puros** (simultaneamente os mais materiais e brutais e aqueles que de si não deixam rasto ou lastro e desde logo consigo consomem o seu produto) (5).

Teríamos assim uma **tripla componente** maneirista nestas obras: por um lado, a sua **banalidade** ou o seu carácter **rarefeito** que as aproxima quer de «naturezas mortas» quer de **Vanitas** modernas (de tal modo que, em última análise, o seu sistema de oposições/efeitos poder-se-ia sempre **reduzir** a uma oposição elementar, como na fotografia, do branco e do negro ou do positivo e do negativo) (6); em segundo lugar, nessas obras dá-se a valorização não tanto dos efeitos de reprodutibilidade técnica, como dos **acidentes** da mão ou dos percalços da mecânica (quer da máquina quer das tintas), o que aproxima a prática de A. Warhol de uma espécie de **sismo-grafia** muito sensível das superfícies (um visor ou braille em que ficam marcadas as mínimas perturbações, ainda que não visíveis, das superfícies — ou seja, as leituras de um fundo que se manifesta também como abertura, transparência e superfície); por fim, o carácter sempre violento destas obras (estamos, apesar das suas técnicas de persuasão, pacíficas, perante uma **estética da violência**, bruta): é o caso, em particular, do uso da **cor** na série do **vesúvio** (uma cor que surge aqui não só como **re-escrita** — ao mesmo tempo simplificação e condensação abrupta — do formalismo ainda conteudístico — ou alusivamente «mítico» — De Chirico, mas que também manifesta todo o seu potencial ao mesmo tempo artificial/industrial e cromático, assu-

Continua na pag. 4

Nota

por

escrito

SEMPRE que falam dela é frequente chamarem-lhe «a velhinha». De facto, se contarmos pelos anos, que já vão em 137, podemos chamar-lhe assim. Tudo será diferente, porém, se atendermos àquela consoladora afirmativa de que cada pessoa tem a idade das suas artérias. Eis porque acreditamos na juventude da Incrível Almadense, pois é dela que se trata.

Estive há dias no seu velho edifício (esse sim velho, embora amorosamente cuidado...) e uma coisa me chamou de imediato a atenção: a sua biblioteca.

Trata-se, segundo creio, da melhor sala do edifício: ampla, bem cuidada, bem organizada, com procura fácil nos ficheiros. Vê-se que anda muito amor por aquelas bandas, pois só amor pode conservar e defender daquela maneira.

Numa lápida, ao fundo da sala, recorda-se o patrono da biblioteca: ALBERDO DE ARAÚJO, «dinamizador cultural no concelho nas décadas de 40 e 50».

O funcionamento da biblioteca é assegurado por uma equipa de jovens: estudantes, trabalhadores e estudantes-trabalhadores. Os dois jovens, na altura de serviço à biblioteca, descrevem-me o seu funcionamento, dão-me informações sobre as suas carências. A principal urgência, agora, é a sua actualização e, ao mesmo tempo, lançar uma campanha para a frequência mais assídua da biblioteca. «É preciso que a malta saiba» — diz-me um deles — «que sem companhia dos livros ninguém pode ir longe...»

Estes são os ignorados jovens, não falados nem exaltados nas comemorações do Ano Internacional da Juventude. Enquanto outros, mais velhos, passeiam e se divertem ou pura e simplesmente queimam o tempo, outros, mais apurada a consciência social e de classe, estão no seu posto de combate.

Ao vê-los, a imagem de mim próprio e doutros muitos (a Alda, a Helena, o Alfredo Brás, a Aida, o José Magro, o Paulo...) se me representa. Eles são o elo da cadeia que jamais se perde.

Circulam, arrumando, cuidando, dando informações, servindo. Alberdo de Araújo saberá que a sua vida não foi em vão.

M.C.

POP — 5 Vesuvius



Continuação da pág. 3.

minho quase o estatuto desmotivado, neutro/puro, de um deítico) (7).

Com os Vesúvios de A. Warhol atingimos o cúmulo da pose (do distanciamento de si — ou, nos termos de A. Kojève, do Snobismo): nestas pinturas dá-se a perfeita coincidência (ou o desejo perfeito dessa coincidência) da Catástrofe (da Morte) e do Lúdico (do Colorido) (8). Vanitas laica, desmotivada de qualquer fundamentação (legitimação e verossimilhança credibilizante) moral (ou de sentido), em pleno domínio do gratuito: o colorido do Vesúvio (metáfora por excelência, se o quisermos, desta Idade Nuclear) é, no próprio horizonte do Nada, a (re-) afirmação (como o mais efêmero dos brilhos: *diamond dust* com que A. Warhol polvilha alguns dos seus últimos retratos) do lúdico.

«Em New York talvez haja apenas uma coisa comparável ao Vesúvio: o Empire State Building. Se ardesse» (A. Warhol, in *Vesuvius*, Ed. Electa, Nápoles, 1985).

NOTAS:

(*) Série de telas (acrílico sobre tela) e de serigrafias, sobre o motivo do Vesúvio, de A. Warhol. A exposição do Museu de Capodimonte (Nápoles, 18 de Julho a 31 de Outubro de 1985) compunha-se de um conjunto de 16 telas a acrílico (as maiores de 230X300cm, a maior parte de 70,5X81,5cm) e de 24 serigrafias, assinadas pelo autor, com as dimensões de 80X100 cm. O catálogo da exp. (que contém diversos art.ºs incluindo sobre a iconografia do Vesúvio) foi editado pela Ed. Electa (Nápoles, 1985) com o título de: *Vesuvius*.

(1) Na primeira versão da Nota de Alexandre Kojève à sua *«Introduction à la lecture de Hegel»* (1.ª edição, 1947), publicada, com uma apresentação de Louis Marin («Animalité ou Snobisme — Deux notes sur la fin de l'Histoire»), no número duplo (33-34) da revista *TRAVERSES* («Politique: fin de siècle»), Janeiro de 1985.

(2) A. Warhol: «Pop-art é gostar das coisas. E gostar das coisas é querer ser como uma máquina porque uma máquina está constantemente a fazer a mesma coisa. Pinto da maneira que pinto porque gostava de ser uma máquina...» (1963);

ou ainda: «vejo as coisas desta maneira: a superfície das coisas, uma espécie de braille mental; obrigo-me a passar apenas as mãos pela superfície das coisas...» (1982). Esse gosto pelo banal, pelo lugar-comum, pelo estereótipo estaria aliás de acordo com a própria tendência para a homologação da sociedade de consumo ou o «american way of life» tal como Kojève o teoriza: «o american way of life prefiguraria o futuro eterno presente da Humanidade inteira» e constituiria «o modo de vida característico do período post-histórico».

(3) Em todo este ponto, e sobretudo nas referências a De Chirico, remetemos para o art.º de Achille Benito Oliva já citado no nosso anterior art.º: «Opera in opera», in *Minori maniere — Del Cinquecento alla Transavanguardia*, Campo del Sapere, Feltrinelli, Milão, 1985.

(4) A. B. Oliva (art.º cit.º) refere-se ao carácter «trágico» da surpresa (também poderíamos escrever: o carácter mortal do enigma) na pintura de De Chirico. Talvez porque a conceba muito em função da resposta que é (ou não é) dada a esse enigma: a sua resposta «frustra» as nossas expectativas, recoloca constantemente a «eterna questão» das origens, mas sem nunca chegar a dar-lhe resposta; «a não ser a de que não há resposta»; o enigma «resiste a ser desvendado», consiste apenas no próprio pressuposto (ficção: problemática) das suas origens. Embora no maneirismo de De Chirico o momento de desilusão seja bastante forte (se o seu maneirismo não é um maneirismo negro — como o é, talvez, o de um Caravaggio — é pelo menos negativo), pelo nosso lado, distinguiremos nele um 2.º momento que coincidiria com esse efeito de suspensão que seria simultaneamente o de uma epifania (do grego «epiphaneia»: aparição) sem conteúdo mas que significa (i.e., que indicia a virtualidade do que fora ou do que podia ter sido).

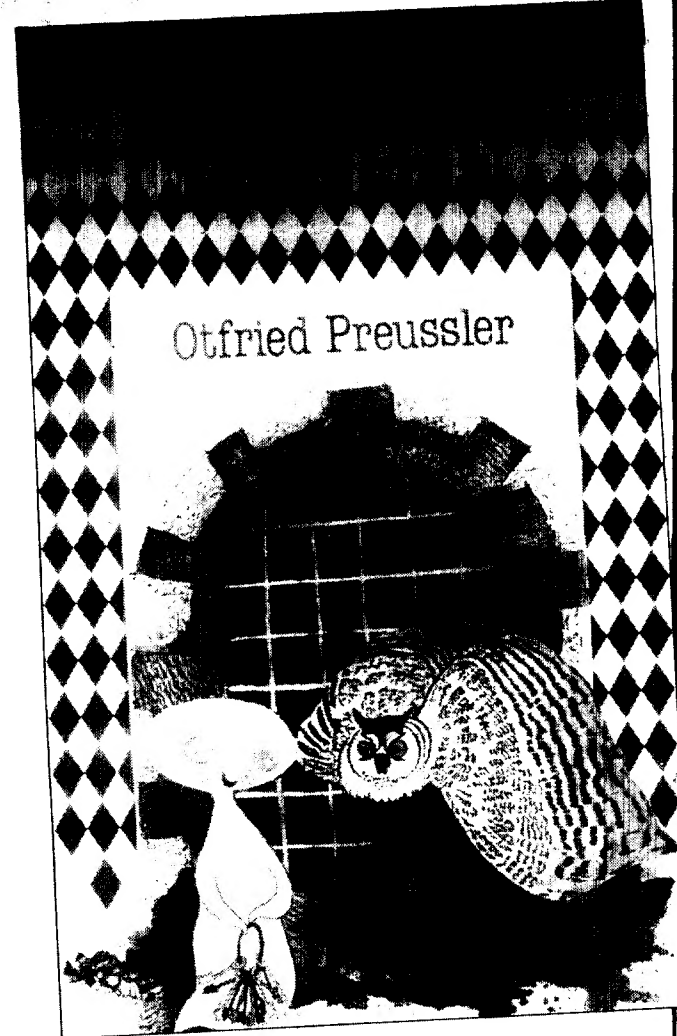
(5) Na entrevista a A. Warhol incluída no catálogo-livro da exp.º *Vesuvius*, Michele Bonuomo procura relacionar estas novas pinturas com as telas das séries de acidentes

mortais e desastres (p. ex., *Optical Car Crash*, 1963, *Five Deaths-11 Times in Orange*, 1967, *Electric Chair*, 1963). A. Warhol, contudo, prefere aproximá-las, em parte devido ao trabalho e à intervenção da mão — mas também tendo em conta o rendimento particular do colorido —, dos retratos (sobretudo os dos anos 70).

(6) «As minhas cores favoritas são o branco e o negro (...). Porque a maior parte das fotografias são a branco e negro. São as duas cores que impressionam a nossa memória mais demoradamente» (A. Warhol, entrevista, op. cit.). As séries das mortes e desastres trabalham, p. ex., sobre a reprodução seriada (ou a inversão ou tintagem) de fotografias.

(7) Ou seja, não tanto a cor como o colorido. Isto é, um uso da cor desvinculado de qualquer verossimilhança ou da motivação / cobertura de um sentido; o uso da cor com o valor de um indicador que aponta mas que não re-conduz à homologia de um sentido. Na série do Vesúvio esse estatuto deítico do colorido manifesta-se quer através do contraste de tons (cores) — um contraste que não é silenciado, apagado (também aqui encontramos um processo típico do maneirismo) — quer por meio da sua súbita condensação, explosão, em tons crus/puros. Já nos anos 60, numa entrevista aos *Cahiers du Cinéma*, A. Warhol dizia a propósito do uso da cor nos seus retratos: «Quanto a saber se há qualquer coisa de simbólico em pintar Marilyn Monroe com cores tão violentas? Tem a ver com a beleza; ela é bela e se uma coisa é bela deve ter cores bonitas». Na entrevista a Michele Bonuomo, por seu turno, e agora sobre a série do Vesúvio, afirma: «(...) pinteí mão cada um dos Vesúvios, utilizando sempre cores diferentes, de maneira a que elas pudessem comunicar a impressão de terem sido pintadas um minuto apenas depois da explosão...» (op. cit.).

(8) Na mesma entrevista aos *Cahiers du Cinéma*, Warhol refere, no seguimento do seu pensamento, que a tela de Marilyn Monroe (de 1962) fazia parte de um conjunto de pinturas de mortos (célebres) que então executava.

ESTANTE
INFANTIL

TÍTULO — O Pequeno Fantasma
AUTOR — Otfried Preussler
ILUSTRADOR — F.J. Trip
EDITOR — Círculo de leitores.

DE todas as figuras do imaginário infantil, o fantasma é talvez aquela que infunde mais... respeito. Porque não se trata apenas de um elemento de jogo: existe, por detrás dele toda uma carga de agressão ideológica, a velha discussão da existência do Além que simultaneamente a muitos enche de esperança e de medo. Os fantasmas, as casas assombradas, as vinganças, o terror dos velhos seres familiares...

Eis que Otfried Preussler transforma o ser temível num ser frágil. Passa de agressor a agredido. Que também tem seus sonhos, suas fraquezas — e, sinal da sua vitalidade, suas reclamações a apresentar...

«Desde tempos imemoriais que, no Castelo da Pedra do Mocho — conta Preussler — vivia um pequeno fantasma, um desses pequenos e inofensivos fantasmas que não fazem mal a ninguém desde que não sejam incomodados...»

Assim começa o livro, que é já um clássico.

Ora o pequeno fantasma vivia dentro de uma arca e saía cá para fora logo que o relógio da Câmara Municipal batia as doze badaladas da meia-noite. Nunca antes. Nunca depois. Sempre àquela hora, sempre de noite...

O Pequeno Fantasma sonha com a sua libertação. Fugir da noite, ah, como será o mundo de dia? Como serão as pessoas? Como será a vida?

Após várias tentativas, o Pequeno Fantasma consegue acordar e viver de dia. E o romance é isso mesmo: a aventura do pequeno fantasma no mundo desconhecido.

Aventura onde todas as coisas simples ganham os contornos de saga, de descoberta. A velhíssima história do aprendiz de feiticeiro que desencadeia forças que não pode depois dominar. E o consequente desejo de voltar ao seu «país» ao regaço da noite, acolhedor e maternal, aos limites da sua condição.

Não encetemos, por falta de tempo, uma discussão filosófica a respeito. Talvez injustificada, também. Que fique, como principal, o «gozo» que esta leitura dá, este jogo polvilhado de ironia. Fiquemos com este pequeno fantasma que, de tão humanizado, não voltará mais ao seu antigo medo.

Mário Castrim

«**N**ÃO! Hoje não estou só, perdido nos labirintos meandros da minha consciência. Encontro-me em Belém cogitando sobre a vida e as limitações da razão de escritor, diante de uma dúzia de pastéis de nata sebastiânica, perdição terrena e até celestial de todos os portugueses. O homem tem os olhos varejados de canela e, talvez por ter sabido quem eu sou — porque será que espero sempre com ansiedade que as pessoas me conheçam? —, senta-se sem cerimónia à minha mesa e ataca-me de frente.

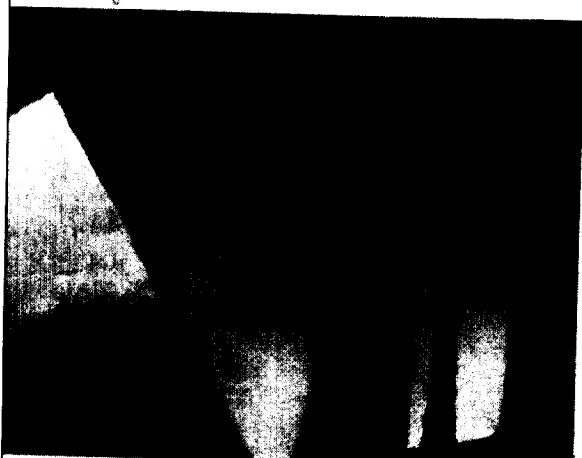
«— Somos colegas, como sabe, porque um escritor reconhece outro mal o vê. E a sua mesa é sempre uma tribuna onde todos comungamos. Será o nosso ar curvado, a sedentária barriga, o luná-

tico toque surrealista do olhar ou a irrealdade de um pequeno gesto de colorida superioridade? O meu caso é banal, assemelha-se ao de outro, talvez mais premente só do que o seu...»

Assim, numa espécie de prólogo, se exprime Miguel Barbosa no seu último livro, «Cartas a um fogo-fátuo», numa edição da Ulmeiro. Miguel Barbosa (a ele havemos de voltar) merece a atenção do leitor. De momento, aconselhamos-lhe este livro — e, em próximo suplemento, diremos do autor e da sua obra.

Ah, é verdade! Temos, para nos pronunciarmos sobre, dois livros de poesia: «Mediadoras», de António Ramos Rosa, e «Cidade sem tempo», de António Luís Moita. É só esperar um nadinha...

Miguel Barbosa

Cartas a um
Fogo-Fátuo